



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - CAMPUS PALMAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - PROF-FILO

RAFAEL BARBOSA DIAS JÚNIOR

**FERRAMENTAS DIGITAIS NO ENSINO DE FILOSOFIA: UMA EXPERIÊNCIA
PEDAGÓGICA NO INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA
BAHIA - CAMPUS BARREIRAS**

PALMAS -TO
2022

RAFAEL BARBOSA DIAS JÚNIOR

**FERRAMENTAS DIGITAIS NO ENSINO DE FILOSOFIA: UMA
EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DA BAHIA - CAMPUS BARREIRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Tocantins (PROF-FILO), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Reichert do Nascimento.

PALMAS - TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- D541f Dias Júnior, Rafael Barbosa.
 Ferramentas digitais no Ensino de Filosofia:: uma experiência pedagógica no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Bahia - Campus Barreiras. / Rafael Barbosa Dias Júnior. – Palmas, TO, 2023.
 125 f.
- Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em Educação, 2023.
 Orientador: Cláudio Reichert do Nascimento
1. Ensino de Filosofia. 2. Filosofia. 3. Ferramentas Digitais. 4. Nativos digitais. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RAFAEL BARBOSA DIAS JÚNIOR

**FERRAMENTAS DIGITAIS NO ENSINO DE FILOSOFIA: UMA EXPERIÊNCIA
PEDAGÓGICA NO INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA
BAHIA - CAMPUS BARREIRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Filosofia da
Universidade Federal do Tocantins
(PROF-FILO), como requisito para a
obtenção do título de Mestre em Filosofia

Aprovada em: 27/06/2022

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 Claudio Reichert do Nascimento
Data: 26/12/2022 17:00:15-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof. Dr. Cláudio Reichert do Nascimento (Orientador)
Universidade Federal do Oeste da Bahia

Documento assinado digitalmente
 ALESSANDRO RODRIGUES PIMENTA
Data: 27/12/2022 09:23:12-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof. Dr. Alessandro Rodrigues Pimenta (1º Examinador)
Universidade Federal do Tocantins

Documento assinado digitalmente
 ELISETE MEDIANEIRA TOMAZETTI
Data: 03/01/2023 15:08:56-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Profa. Dra. Elisete Medianeira Tomazetti (2ª Examinadora)
Universidade Federal de Santa Maria

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os envolvidos no presente processo formativo. Nesse rol, incluo todos os professores que já passaram na minha vida e forneceram as bases para que eu chegasse até aqui.

Agradeço, em particular, ao Prof. Dr. Cláudio Reichert do Nascimento pela dedicação, paciência e envolvimento com este trabalho. Muito obrigado pelos tensionamentos, sugestões e críticas qualificadas, que foram indispensáveis para o amadurecimento e evolução da minha pesquisa.

Agradeço à Profa. Dra. Elisete Medianeira Tomazetti e ao Prof. Dr. Alessandro Rodrigues Pimenta, pelo olhar especializado e criterioso lançado sobre o texto da minha qualificação. As recomendações e os apontamentos surgidos nesse momento foram cruciais para o ajuste do percurso teórico deste trabalho e as estratégias didáticas que conseguimos conceber e implementar.

Agradeço aos professores do PROF-FILO do núcleo da UFT - Palmas, pela partilha de saberes e experiências, bem como pelo visível empenho e seriedade para fazer este programa de mestrado acontecer.

Não posso esquecer dos meus professores da graduação na UFBA e o gosto pela pesquisa e pelo saber que suscitaram em mim pelo exemplo. Em particular, agradeço ao Prof. Dr. José Lourenço de Araújo Leite (*in memoriam*), que me apresentou o Camus e apreço pelo mito, pelo simbólico e pelo sagrado, como possibilidade de conhecimento de si e a atenção aos aspectos inefáveis da realidade.

Agradeço à CAPES como instituição de apoio à pesquisa pela bolsa que tive direito no programa PROF-FILO. Esse recurso foi consideravelmente relevante para custear as viagens semanais de Barreiras à Palmas, alimentação, locomoção do terminal rodoviário à universidade, hospedagem, aquisição de material bibliográfico, investimento em equipamentos de informática e cursos, dentre outras necessidades que foram atendidas. Registro aqui o meu respeito a essa instituição de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa no nosso país.

Não posso esquecer do IFBA - Barreiras, instituição que leciono e tenho muito orgulho de fazer parte desse time, que se dedica à missão de fazer educação pública, gratuita

e de qualidade no Oeste da Bahia. Espero contribuir com os saberes e experiências que desenvolvi durante a realização do presente trabalho para a melhoria do ensino que realizamos.

Por fim, agradeço aos meus alunos, tanto os do presente quanto os que passaram por nossas aulas ao longo desses onze anos de trabalho com a Filosofia. Vocês contribuíram demais para o meu crescimento como profissional e indivíduo durante essa jornada. Um forte abraço a todos e espero que essa parceria ainda dê muitos frutos.

“Perguntou-me depois se eu não gostaria de uma mudar de vida. Respondi que nunca se muda de vida, que em todos os casos as vidas se equivaliam e que a minha, aqui, não me desagradava em absoluto”.

(CAMUS, 1956)

RESUMO

Na presente pesquisa, discutimos o problema de ensinar filosofia para alunos “nativos digitais”, ou seja, estudantes que nasceram imersos em uma cultura informacional e utilizam ferramentas digitais para mediar a comunicação e realizar outras tarefas cotidianas. O objetivo foi o de utilizar o repertório de saberes tecnológicos e habilidades que esses alunos já possuem para aplicar no Ensino de Filosofia. Para tanto, realizamos uma revisão bibliográfica sobre os processos comunicativos que emergem a partir das novas mídias digitais, abordando autores, como Paula Sibília, Lúcia Santaella, Eugênio Trivinho, dentre outros, bem como sobre o ensino de filosofia, como Sílvio Gallo e Alejandro Cerletti. Existe um repertório vasto de ferramentas e processos que podem ser empregados na forma de comunicar os conteúdos, ideias e conceitos filosóficos por ferramentas digitais. A devida compreensão dessas tecnologias e as suas faculdades podem aproximar, pelas estratégias didáticas pertinentes, o professor e o aluno da Filosofia. O lócus de aplicação dos resultados alcançados foi o IFBA - Barreiras. Elaboramos uma proposta de intervenção prática e pretendemos, como resultado, ampliar as possibilidades de trabalhar a filosofia com alunos do Ensino Médio dessa instituição, a partir de recursos digitais e saberes que esses estudantes já apresentam das suas vivências cotidianas.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Filosofia. Ferramentas digitais. Nativos digitais.

ABSTRACT

In the present research, we face the problem of teaching philosophy to “digital native” students, that is, students who were born immersed in an informational culture and use digital tools to mediate communication and perform other everyday tasks. The desired objective was to use the repertoire of technological knowledge and skills that these students already have to apply in Philosophy Teaching. In order to do so, we carried out a bibliographic review on the communicative processes that emerge from the new digital media, approaching authors such as Paula Sibília, Lúcia Santaella, Eugênio Trivinho, among others, and on the teaching of philosophy, visiting theorists such as Silvio Gallo and Alejandro Cerletti. There is a vast repertoire of process tools that can be used to communicate philosophical content, ideas and concepts through digital tools. The proper understanding of these technologies and their faculties can bring together, through relevant didactic strategies, the teacher, the student and Philosophy. The locus of application of the results achieved is the IFBA/Barreiras. We developed a proposal for practical intervention and, as a result, we intend to expand the possibilities of working philosophy with high school students from this institution using digital resources and knowledge that these students already bring from their daily experiences.

Keywords: Philosophy Teaching. Philosophy. Digital tools. Digital Natives.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem representando o sujeito que conhece e o objeto conhecido criada utilizando o aplicativo Adobe Photoshop Cs6.....	79
Figura 2: Imagem representando a relação entre o pensamento platônico e a filosofia de Heráclito e Parmênides	81
Figura 3: O uso de legendas e infográficos no vídeo ajuda a complementar a compreensão do tema discutido.....	83
Figura 4: Representação da Caverna de Platão como recurso imagético e a inserção de pequenos trechos de texto para complementar o discurso do vídeo	85
Figura 5: Figura representando Sócrates e a influência do cenário político da Atenas do Sec. IV a.C. na sua filosofia	87
Figura 6: Inserção de vinheta no início do vídeo como forma de reforçar a identidade visual	89
Figura 7: Capa de vídeo criada com a plataforma Canva	91
Figura 8: Trecho de vídeo utilizando a ferramenta Video Scribe, que simula uma “mãozinha” escrevendo na tela	96
Figura 9: Trecho da “Carta a Meneceu” em forma de texto no vídeo sobre a noção de Felicidade em Epicuro.....	98
Figura 10: Imagem congelada que remete à ideia de tranquilidade, tal qual a filosofia estoica propõe.....	100
Figura 11: Imagem do vídeo que trata sobre os conceitos fundamentais da Filosofia Política.....	101

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O ENSINO DE FILOSOFIA E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.....	15
2.1 Apresentação do problema a partir de uma experiência pessoal.....	15
2.2 O ensino tradicional e a sociedade digital	24
2.3 Uma concepção de filosofia	32
3 FILOSOFIA, ENSINO E CULTURA DIGITAL.....	37
3.1 Uma nova escola para um novo tempo e um novo aluno: os peripatéticos digitais.....	37
3.2 Necessidade de uma nova forma de se comunicar com o aluno nativo digital	43
3.3 Novas tecnologias e reformulação da atividade docente	47
4 UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA PARA ALUNOS NATIVOS DIGITAIS NO IFBA - BARREIRAS.....	51
4.1 Como os nativos digitais utilizam os recursos digitais	52
5 A ESCOLA E O ENSINO DE FILOSOFIA NO MUNDO DIGITAL E OS SEUS DESAFIOS	59
6 PROCESSO DE FORMAÇÃO DO DOCENTE DE FILOSOFIA PARA O USO DE FERRAMENTAS DIGITAIS E AS POSSIBILIDADES DE APRENDIZADO NA REDE	64
6.1 Ferramentas digitais aplicadas aos temas filosóficos	69
7 INTERVENÇÃO DIDÁTICA COM ENSINO DE FILOSOFIA MEDIADO POR FERRAMENTAS DIGITAIS	72
7.1 O vídeo como instrumento didático nas aulas de filosofia.....	72
7.2 Descrição das condições de ensino, recursos utilizados e resultados obtidos	73
7.3 Vídeos didáticos como suporte ao ensino de filosofia	76
7.3.1 Vídeo 1 - Introdução à teoria do conhecimento.....	76
7.3.2 Vídeo 2 - Introdução à teoria do conhecimento - parte 2.....	77
7.3.3 Vídeo 3 - Introdução à teoria do conhecimento - parte 3.....	79
7.3.4 Vídeo 4 - Essência e aparência na teoria do conhecimento de Platão.....	81
7.3.5 Vídeo 5 - O Mito da Caverna e o caminho do conhecimento em Platão	83
7.3.6 Vídeo 6 - O Mito da Caverna e o seu aspecto político	85
7.3.7 Vídeo 7 - contexto filosófico de Aristóteles 1	87

7.3.8 Vídeo 8 - O contexto do pensamento de Aristóteles 2	89
7.3.9 Vídeo 9 - O Organon aristotélico e a sua perspectiva de conhecimento	91
7.3.10 Vídeo 10 - Agostinho: conciliação entre fé e razão	92
7.3.11 Vídeo 11 - Agostinho: conciliação entre fé e razão	92
7.3.12 Vídeo 12 - Agostinho: o contexto filosófico.....	93
7.3.13 Vídeo 13 - Ética: considerações iniciais	94
7.3.14 Vídeo 14 - A ética de Aristóteles	96
7.3.15 Vídeo 15 - Epicuro e a felicidade.....	97
7.3.16 Vídeo 16 - Estoicismo, Sêneca e a felicidade	98
7.3.17 Vídeo 17: O que é Filosofia Política	100
7.14 Plano semestral de ensino - 2021.1	102
7.15 A avaliação	114
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS.....	123

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como propósito investigar os potenciais usos de ferramentas digitais no Ensino de Filosofia, a partir do contexto de uma cultura digital no Instituto Federal da Bahia - Campus Barreiras. O objetivo foi desenvolver uma proposta metodológica que utilizasse ferramentas tecnológicas de natureza informacional no Ensino de Filosofia no Instituto Federal da Bahia - Campus Barreiras. Dessa forma, buscamos conciliar o hiato existente entre o trabalho com a Filosofia que realizávamos em sala de aula, juntamente com os seus meios didáticos tradicionais (livros, apostilas, quadro-negro, pincel atômico, o discurso do professor, dentre outros instrumentos da mesma natureza, associados a um modelo de ensino que se consolida a partir do cenário de uma sociedade industrial) e as diversas possibilidades que as tecnologias digitais podem oferecer para o aprimoramento do trabalho pedagógico com a Filosofia na Educação Básica.

Para tanto, do ponto de vista metodológico, inicialmente, realizamos uma caracterização abrangente do uso de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação e as suas potenciais aplicações no Ensino de Filosofia no IFBA - Barreiras. Foi feita uma revisão bibliográfica acerca do tema educação e ferramentas digitais com potencial de transformação das práticas didáticas da disciplina de Filosofia. A pesquisa partiu da leitura de artigos, livros e produções acadêmicas que abordam o tema. Compreendemos, nessa perspectiva, o esforço de entender o estado da arte de uma sociedade informacional, os desafios para ensinar e aprender na cultura digital e como o trabalho com a disciplina de Filosofia pode se adaptar a esse processo.

Realizamos a análise do perfil do aluno nativo digital, visando compreender a forma como eles utilizam ferramentas digitais e o seu nível de acesso, considerando que, muito embora grande parte da informação disponibilizada na internet possa ser acessada gratuitamente, os dispositivos tecnológicos que permitem a interface (smartphones, tablets, desktops, notebooks, serviços de provedores de internet, dentre outros recursos) têm custos relativamente elevados. Em seguida, apresentamos a investigação acerca das práticas inerentes à cultura digital mais adequadas ao nosso modelo de ensino, propondo o emprego de metodologias

disponíveis que possam ser incorporadas às práticas do Ensino de Filosofia desenvolvidas no Instituto Federal da Bahia - Campus Barreiras.

Até o período que antecedeu à pandemia do COVID-19, utilizávamos recursos tecnológicos digitais de uma forma alternativa e não institucionalizada nas nossas aulas e outras atividades relacionadas ao ensino. O grande ponto de virada aconteceu em março de 2020, quando as aulas foram suspensas no IFBA - Campus Barreiras e nas escolas de todo o país. A possibilidade de utilização de ferramentas próprias da cultura digital no ensino deixou de ser uma opção ou um processo que ocorria de forma suave e paulatina para ser uma necessidade imediata. De uma hora para outra, todos nós que éramos professores da cultura analógica, ensinando em um modelo de escola tradicional com as suas tecnologias próprias, tivemos que aderir às tecnologias digitais e a um leque imenso de metodologias ainda desconhecidas pela maioria de nós ou em vias de formação como única possibilidade para exercer as nossas atividades laborais.

Este evento em particular afetou sobremaneira o presente trabalho de pesquisa. O objetivo central da pesquisa era responder a essas duas perguntas: 1) Quais ferramentas digitais eram mais adequadas para serem incorporadas à rotina pedagógica do Ensino de Filosofia de modo a atender às novas necessidades dos alunos Nativos Digitais? 2) Como utilizar essas ferramentas proficuamente para acontecer uma intervenção transformadora na relação ensino-aprendizagem da disciplina de Filosofia no IFBA - Campus Barreiras? Repentinamente, essa preocupação se tornou comum a todos os professores brasileiros, que tinham que respondê-la de forma imediata pelas suas práticas. O ensino passou a ser remoto e tanto o material de trabalho do professor quanto o lócus no qual ele atua aconteciam agora por ferramentas digitais.

Diante desse fato, fez-se necessária a adequação do nosso trabalho de pesquisa a esse novo contexto, sob o interregno da pandemia de COVID-19. Inicialmente, tínhamos como lócus, como cenário para a intervenção didática, a sala de aula e o ensino presencial. O que se pretendia atacar com a solução do problema da pesquisa não era a substituição do ensino presencial pelo ensino a distância mediado por ferramentas digitais, mas a utilização de tecnologias informacionais como material de apoio complementar, no sentido de agregar outros instrumentos e práticas ao trabalho que já vinha sendo realizado dentro da instituição em que eu leciono. A

intervenção, nesse caso, era de caráter incremental e não disruptivo, como o que se apresentou diante de nós no momento da sua realização e sem a perspectiva de mudança de condições em tempo hábil para a conclusão da nossa pesquisa de mestrado.

Sendo assim, foi inevitável a alteração do curso deste trabalho, de modo que o produto educacional que resultou após a conclusão da investigação refletiu aquela realidade específica. Contudo, defendemos posição de que os resultados obtidos cumpriram o objetivo de fazer avançar a discussão sobre o tema, além de proporcionar um ganho de resultados práticos para o IFBA - Campus Barreiras, para os alunos da disciplina de Filosofia no instituto e para o PROF-FILO, como programa de fomento ao aperfeiçoamento do Ensino de Filosofia no Brasil.

Diante do exposto acima, o presente trabalho se propôs a investigar e sistematizar estratégias de ensino e ferramentas digitais mais adequadas para serem aplicadas no Ensino de Filosofia *in loco*, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia Campus Barreiras, para atender às necessidades educacionais do aluno, nomeado por Prensky (2001), como Nativo Digital.

2 O ENSINO DE FILOSOFIA E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

2.1 Apresentação do problema a partir de uma experiência pessoal

Gostaria de iniciar este capítulo lançando mão de uma nota pessoal, ligada à minha trajetória profissional com o Ensino de Filosofia. Considero que a proposta de filosofia que adoto para trabalhar com meus alunos foi se formando durante nove anos letivos, a partir de 2011. Nesse ano comecei a lecionar Filosofia como professor substituto no IFBA - Campus Salvador. Na ocasião, encontrei um programa já pronto, que, apesar de tomar como principal referência de construção os PCNs¹, percebi, posteriormente, que era profundamente influenciado pelas características da formação dos professores que já lecionavam anteriormente na instituição. Senti um enorme estranhamento no momento de ministrar as aulas. A época, utilizei como livro didático, o “Filosofando: introdução à filosofia”, de Maria Helena Pires Martins e Maria Lúcia de Arruda Aranha), o qual não contemplava o programa que nós, professores, tínhamos que trabalhar durante o ano letivo. Fui obrigado a recorrer a outros textos e valer-me de pesquisas em sites da internet e leitura de artigos para complementar o referencial teórico que serviam como base para as aulas.

Eram dois horários de 50 minutos seguidos. Enquanto preparava as aulas apenas utilizando o livro, percebia que o conteúdo e a dinâmica da minha exposição se esgotavam rapidamente. Para ter mais segurança e consistência no trabalho, eram necessárias sempre leituras extras, normalmente recorrendo a textos de filósofos e os seus comentadores. Além dos conceitos e das informações relevantes sobre o tema tratado, outros dados se faziam importantes, como deixar claro para o aluno o contexto no qual o problema tratado emergiu ou como aquelas questões poderiam ser utilizadas como chave para a compreensão de problemas contemporâneos e referentes ao universo no qual esse mesmo estudante construía o seu repertório de representações simbólicas sobre a realidade.

¹ Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) são diretrizes curriculares elaboradas para orientar o trabalho pedagógico pela normatização de alguns aspectos fundamentais relacionados a cada disciplina. No caso em específico da Filosofia, utilizamos os PCNs do Ensino Médio de Ciências Humanas e suas Tecnologias.

Em 2012, fui convocado por concurso público para trabalhar na Rede Estadual de Educação do Estado da Bahia. Passei a lecionar no turno noturno na Colégio Estadual Cosme de Farias. Encontrei uma realidade totalmente diferente do IFBA - Salvador. Não dispúnhamos de material didático adequado, não havia programa específico ou diretrizes muito claras para ministrar a disciplina de filosofia, aliado ao fato de ter, de forma quase obrigatória, que trabalhar também com outras disciplinas para as quais eu não possuía a formação adequada, como Geografia, História e Sociologia. O trabalho em três turnos, ou seja, pela manhã e à tarde no IFBA - Campus Salvador e à noite em uma escola estadual, desembocava em uma condição muito precária para uma etapa importante do trabalho docente que antecede as aulas: a preparação. O tempo para leitura, pesquisa, planejamento, preparação de atividades e correção de trabalhos era exíguo e tinha reflexos muito claros nos resultados pedagógicos esperados. Em muitas situações, sentia-me insatisfeito com o resultado do meu trabalho, pois tinha plena consciência que poderia ser melhor.

As limitações para a minha prática do ensino da filosofia eram mais acentuadas no meu vínculo com a Escola Estadual Cosme de Farias. O perfil do aluno que eu encontrava nas classes do Ensino Médio noturno se afastava bastante dos meus alunos do IFBA - Campus Salvador. As classes na escola estadual eram esvaziadas durante o percurso do ano letivo, principalmente quando se aproximava do final do ano. A linguagem que eu utilizava e os temas tradicionais da filosofia faziam pouco sentido para os alunos do curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os conteúdos ministrados dentro da sala de aula eram construídos a partir de temas geradores², que tinham a vantagem de realizar uma tentativa de aproximar a prática escolar à vida e ao cotidiano dos estudantes. Por outro lado, em muitos casos, apresentavam-se, na prática, pouco efetivos. A História da Filosofia e o seu repertório conceitual não produziam engajamento. As aulas eram muito curtas, com alunos cansados pelo fato de terem trabalhado o dia inteiro. As limitações de competências de escrita e leitura eram um grande obstáculo para o trabalho com textos. Os

² Trata-se de uma estratégia pedagógica que utiliza como ponto de partida a vivência do estudante e um processo de conscientização gradual sobre a sua realidade circundante. Discutíamos temas da Filosofia, a partir de notícias de jornais, questões socioeconômicas que os afetavam, as suas aspirações e o seu lugar no mundo (do aluno) como sujeito. Como metodologia, utilizávamos o debate, o diálogo, a escuta atenta e a sensibilização para aspectos relevantes que envolviam os temas trabalhados. A História da Filosofia era figurava nesse cenário como suporte conceitual e repertório cultural para a fundamentação das discussões.

problemas de fora da escola também interferiram no andamento das práticas pedagógicas. A violência urbana, comum às grandes cidades brasileiras, frequentemente chegava aos muros da instituição, causando a suspensão de aulas e, por conseguinte, afetando o andamento dos trabalhos.

A solução para as aulas de Filosofia foi quase informal. Por um trabalho de observação e escuta, percebi que determinados temas e questões provocavam e afetavam mais o estudante que estudava à noite naquela região da cidade de Salvador. Questões como a violência, a desigualdade, a busca da felicidade, e outros temas afins, tinham um potencial maior de despertar interesse e levantar discussões mais tensionadas do que os grandes sistemas filosóficos. Muito embora a História da Filosofia e o seu repertório temático ficassem em segundo plano, à medida que o tempo passava, eu percebia que existia ali um trabalho filosófico. Se compreendermos a filosofia como reflexão e refletir como o processo de voltar a atenção para si mesmo de forma intencional superando as camadas da superfície em direção aos fundamentos da realidade que estão para além daquilo que é meramente aparente, podemos afirmar que fazíamos, nesse cenário, a filosofia em algum dos seus níveis. Considerando o aspecto metodológico, o trabalho do professor de filosofia se dava na condição de mediador, trazendo outros elementos, pontos de vista para a discussão, indicando caminhos possíveis para as questões, fazendo provocações e estimulando o aprofundamento.

Atualmente, sou Professor do Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da disciplina de Filosofia no Campus do IFBA, no município de Barreiras, no estado da Bahia, em regime de dedicação exclusiva. No atual momento do meu exercício profissional, encontro circunstâncias de trabalho muito distintas daquelas que relatei há pouco. No IFBA - Campus Barreiras temos uma estrutura e um conjunto de condições físicas favoráveis ao desenvolvimento de um trabalho pedagógico de qualidade, como uma biblioteca própria no campus, diversos laboratórios, salas de aula climatizadas com ar-condicionado, auditório, ginásio, dentre outros equipamentos à disposição dos alunos e professores.

A forma como é organizada a carreira de professor nos Institutos Federais³ tem reflexos importantes na sala de aula. No âmbito do IFBA, um desses aspectos diz

³ A Carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, é disciplinada pela Lei nº 12.772, de 28 de dezembro de 2012.

respeito à limitação de uma carga horária efetivamente ministrando aulas, que tem como mínimo 10 horas (de 60 minutos) e o teto de 15 horas semanais para o docente que atua em regime de Dedicção Exclusiva⁴. Ao fazer essa consideração como aspecto positivo, não afirmo que esse é o melhor dos mundos possíveis, entretanto, do ponto de vista de uma cultura institucional, existe a preocupação implícita em salvaguardar o tempo que o educador utiliza para leitura, pesquisa, planejamento, análise de trabalhos e avaliações, entre outras atividades que não acontecem especificamente dentro da sala de aula ou a precedem.

Após discorrer sobre as condições de trabalho para o docente no IFBA - Campus Barreiras, farei uma breve explanação sobre o contexto específico do ensino da disciplina de Filosofia nesse cenário. Ingressei nessa instituição em maio de 2013 e nela atuo até a presente data, de forma ininterrupta.

Já como professor efetivo, um dos grandes desafios com os quais me deparei foi encontrar uma maneira de tornar a aula de Filosofia estimulante para os alunos e criar engajamento com o conteúdo trabalhado. No início da minha jornada docente, sempre tive como preocupação a ideia de não vulgarizar a Filosofia, de não trazer para os estudantes qualquer coisa sob o rótulo de reflexão filosófica. Essa diretriz orientadora se fazia bastante tenaz no meu espírito, em decorrência do meu processo formativo na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, em Salvador, Bahia, que era fortemente influenciada pela leitura e discussão de textos clássicos durante as aulas e a ideia de que a Filosofia profissional tem como princípio um inexorável rigor conceitual, sob pena de desnaturá-la.

Durante esse período inicial, eu nutria um grande receio de oferecer aos meus alunos qualquer prática pedagógica que se distanciasse da análise conceitual, da aproximação dos textos clássicos e da História da Filosofia, em uma tentativa de reproduzir aquilo que aprendi na universidade. Tal disposição metodológica tornava as aulas muito sérias e, por vezes, cansativas para alunos do Ensino Médio, com idade entre 14 e 19 anos, na maioria dos casos. Muito embora eu tivesse a sensação pessoal de que fazia um bom trabalho, na medida em que minhas aulas sempre eram planejadas a partir da pesquisa cuidadosa de textos clássicos, comentadores e materiais oriundos da academia, como artigos, dissertações e teses, não tinha como resposta o engajamento necessário para desenvolver de forma satisfatória as

⁴ A carga horária docente o IFBA é orientada pela Resolução nº 17, de 20 de dezembro de 2019.

atividades propostas aos alunos. Percebi que existia um muro separando o modelo de ensino que eu desenvolvia e o efetivo retorno por parte dos estudantes.

Mais do que uma questão acadêmica, a necessidade de participação e envolvimento dos alunos nas aulas de Filosofia era um problema de ordem prática que eu precisava solucionar para desenvolver o meu trabalho a contento. Experimentei diversas propostas metodológicas em sala de aula em busca de uma estratégia para sanar o inconveniente gerado pela falta de interesse dos alunos pelas atividades que eu propunha. Realizei debates, apresentei filmes, documentários, realizei atividades fazendo um diálogo entre filosofia e literatura, criei jogos de perguntas e respostas, dentre outros expedientes didáticos. Após o acréscimo desses recursos e possibilidades metodológicas, consegui algum resultado positivo em relação ao aumento de envolvimento das atividades. As aulas, exposições e conteúdos antes apresentados de forma séria e sisuda, ganharam um componente lúdico de grande valia para envolver o estudante adolescente em atividades.

Todavia, se por um lado aumentava a participação, por outro, eu ainda nutria o receio de que a aula de Filosofia pudesse se transformar em momentos de entretenimento com o intuito de atrair o aluno para que ele gostasse da disciplina. Posteriormente, tais preocupações se mostraram infundadas, na medida em que se fortalecia a constatação de que públicos e audiências distintas exigem também abordagens comunicativas variadas. Esse modelo de atividades criou um ambiente agradável, fato que propiciou um processo de interação mais significativa com os alunos e uma conseqüente sensação de melhoria do trabalho realizado em sala de aula.

Compreendo a Filosofia como um importante instrumento para a emancipação intelectual. Como tal, leitura, cuidado com o conceito, apreço pelo argumento, análise do discurso e contato com o repertório construído pela tradição são fundamentais. Atuando diretamente na sala de aula com a missão de ensinar Filosofia, fazia-se necessário encontrar uma maneira de solucionar a equação que se apresentava diante de mim, com perspectivas que pareciam figurar em polos contrários: como desenvolver um trabalho filosófico consistente sem esbarrar na proposta marcada por um apelo à erudição e ao texto, mas que se mostra pouco atraente para o estudante de Ensino Médio? Como não cair na tentação de transformar a aula de Filosofia em

momentos de entretenimento, palatáveis para o aluno, todavia, caminhando muitas vezes para apresentação superficial dos grandes temas filosóficos?

Depois de muito trabalho de escuta realizado com os meus alunos, percebi que o problema não residia necessariamente na Filosofia em si, nem no método de leitura e exposição dos conteúdos e nem nos alunos, que, em muitos casos, eram taxados por mim e outros colegas como desinteressados pela leitura e dotados de pouca motivação para a realização de trabalhos mais complexos que exigiam esforço e dedicação. Contudo, ainda assim, o trabalho surtia efeito em um segmento específico dos alunos, justamente aqueles que já tinham algum repertório de leitura e um cabedal cultural mais extenso. Para os outros, a reação às aulas e o que ficava evidenciado nos trabalhos avaliativos, era uma relação burocrática com a Filosofia (ao menos a que era apresentada para eles nesses moldes), obedecendo ao rito de assistir às aulas de forma obrigatória e realizar as atividades propostas para a obtenção de notas.

Obviamente, tal cenário me causava bastante desconforto, na medida em tenho como princípio a ideia de que a função do trabalho é transformar a realidade, provocar efeitos e realizar intervenções capazes de tornar um dado objeto ou contexto em algo distinto daquilo que se era em um momento inicial. Ficou clara a necessidade de uma mudança na perspectiva metodológica da estratégia didática utilizada por mim para ensinar Filosofia naquelas circunstâncias. A minha primeira hipótese foi a de que o nó do problema estava na comunicação, mais especificamente na forma de transmitir e colocar à disposição os conteúdos e referenciais da Filosofia para os alunos. A análise de textos acompanhado de um debate conceitual ou a exposição de temas fazendo uso somente do quadro-negro e o discurso do professor durante um hiato de tempo de 100 minutos, mostrava-se, na prática, pouco atrativo e/ou instigante para grande parte dos alunos.

A conquista da atenção e despertar o interesse do estudante para a compreensão da Filosofia tem uma relação estreita com a forma que o professor se comunica. A utilização de uma linguagem de difícil compreensão, principalmente nas séries iniciais, cria uma barreira entre o aluno e os grandes temas filosóficos. O mesmo conteúdo apresentado com estratégias didáticas distintas e considerando aspectos como a idade e o repertório cultural pregresso dos discentes, tem efeitos significativos na relação ensino-aprendizagem. A forma como é narrada a Filosofia dentro da sala de aula pode produzir encantamento e interesse ou distanciamento. A

empatia e um contexto acolhedor são fundamentais para a superação da ideia da Filosofia como mero componente curricular burocrático para uma atividade de pensamento vivo e com potencial transformador de subjetividades.

Em 2014, substituí o modelo de aula predominantemente expositiva, aliada à utilização de textos, por uma estratégia que ampliava e dava protagonismo ao uso de outras mídias⁵, além dos recursos didáticos tradicionais para o processo de comunicação com os alunos. Passei a planejar as minhas aulas pensando mais no aluno, considerando as suas potencialidades e limitações do que em realizar aquilo que eu considerava uma boa aula do ponto de vista conceitual sob a influência do modelo formativo que tive na universidade. O objetivo inicial era tornar a aula de Filosofia acessível e menos burocrática à aos estudantes com a qual eu trabalhava, todavia, sem cair na tentação de recorrer a expedientes que valorizassem mais a forma do que o conteúdo.

A imagem, o texto, a citação precisa, extraída de fontes confiáveis, aliados ao uso de trechos de vídeos, ampliam o discurso do professor. A contextualização e as impressões espontâneas dos alunos que surgem a partir do contato com uma série de estímulos relacionados com o tema abordado, mostraram-se muito mais eficazes, como forma de mobilizar uma turma de alunos adolescentes do que a proposta de aula expositiva associada à leitura estrita textos. A partir desse ponto, notei um envolvimento maior dos estudantes nas aulas. Também mudei a forma de avaliar, que antes se restringia a apenas três instrumentos (prova, trabalho escrito e seminários), incrementando a avaliação processual e trabalhos mais abertos propostos pelos próprios discentes, como debates e apresentações lúdicas e artísticas. Nesse caso, o mais importante não era o instrumento utilizado, mas a ideia de verificação de aprendizagem, ou seja, permitir que o aluno pudesse fazer uso de diversas linguagens distintas para demonstrar a apropriação do conhecimento.

Com essa estratégia, o problema da retenção da atenção e o engajamento por parte dos estudantes nas aulas de Filosofia se mostrou parcialmente pacificado até que uma nova variável se colocou no processo de mediação de aprendizagem no IFBA - Campus Barreiras. A partir do ano de 2016, passei a observar a difusão e o

⁵ Ao me referir às mídias o faço no sentido de meios pelos quais pode se dar a comunicação de informações e conteúdos. Nesse rol incluo a explanação oral, o vídeo, os gestos, palavras escritas em uma lousa, fotografias, imagens projetadas na parede com o uso do data show, a música, dentre outras ferramentas utilizadas para se comunicar e ampliar o leque de instrumentos de produção de estímulos.

uso de *smartphones* com cada vez mais frequência durante as minhas aulas. A primeira impressão que eu tive é que eles causavam dispersão. O significado que dei ao uso desses aparelhos era o de uma atitude de desprestígio ao meu trabalho. Inicialmente, como a maioria dos colegas professores de outras disciplinas, o ímpeto que tive foi proibir a utilização de celulares durante as minhas aulas, solicitando, inclusive, que eles mantivessem os dispositivos desligados.

A reação dos estudantes foi de resistência e contrariedade à proibição do uso dos *smartphones*. As indisposições só aumentavam toda vez que tínhamos que nos posicionar de forma negativa sobre a utilização desses aparelhos. Eu sempre tive com meus alunos uma relação de abertura e prezava por criar um ambiente de liberdade em minhas aulas. Causava-me certo constrangimento ter que atuar como censor e fiscal de quem utilizava o celular no tempo destinado aos estudos.

Certo dia, citei uma obra durante a aula, mas não me recordava o nome do autor. Um aluno se ofereceu como voluntário para fazer a pesquisa em tempo real usando o seu aparelho celular, inaugurando uma possibilidade didática que até aquele momento eu desconhecia. A partir desse dia, ficou acordado que o uso de *smartphones* estaria liberado para fins de consulta de referências que nos fossem úteis de forma imediata. Esse aparelho, conectado à internet, mostrava-se um excelente repositório de informações e uma memória artificial estendida conveniente para as aulas de Filosofia.

Outros sinais denunciavam que alguma coisa diferente estava acontecendo que não era comum em turmas de alunos de anos anteriores com as quais eu trabalhei. Ao invés de fazer anotações de esquemas e informações que eu colocava no quadro, grande parte deles passou a fotografar o conteúdo da lousa. Percebi também que muitos deles sequer abriam os cadernos. Notebooks também começaram a figurar em cima das carteiras, de forma cada vez mais regular.

Este processo de transformação não se deu apenas a partir do surgimento de equipamentos eletrônicos na sala de aula. Vi surgir um novo repertório de hábitos por parte dos estudantes. Frequentemente, eles me perguntavam se eu conhecia um determinado canal do YouTube e traziam questionamentos a respeito de eventos e coisas que eles tiveram contato via internet, querendo saber a minha opinião ou se eu poderia indicar um filósofo que abordava o assunto. Os discentes fotografavam trechos de livros que eram compartilhados com a turma, substituindo as apostilas que

eu deixava na fotocopiadora. Os grupos em aplicativos de mensagens como o WhatsApp se popularizaram. Frequentemente, eu recebia mensagens de alunos, inclusive à noite ou nos finais de semana, para sanar dúvidas ou pedindo alguma informação.

Foi um processo que aconteceu muito rápido. Em um período de mais ou menos dois anos testemunhei o surgimento de um novo “modelo” de aluno, com novos comportamentos e hábitos. As estratégias didáticas que eu utilizava até aquele momento me pareceram insuficientes para atender a esta realidade pedagógica que se estabelecia de forma tenaz. Nesse caso, usar apenas o data show, que permitia o incremento estético e comunicacional com materiais audiovisuais, parecia não ser suficiente para atender à demanda dessa nova geração de alunos. Muito embora percebesse durante minha prática cotidiana uma relação muito próxima dos alunos com as tecnologias digitais, eu não compreendia com clareza esse fenômeno.

Diante dessa realidade inédita, busquei informações sobre como ensinar para alunos que utilizavam *smartphones* e internet nas suas rotinas diárias. Encontrei o conceito de Nativos Digitais⁶, sobre o qual falaremos mais adiante, que parecia explicar o comportamento dos adolescentes com os quais eu trabalhava. Desde esse momento, em meados do ano de 2017, venho fazendo leituras e pesquisando formas de ensinar a Filosofia para alunos que cresceram circundados por tecnologias como internet, redes sociais, aparelhos celulares com tela *touch screen*, transmissões de áudio e vídeo por *streaming* (YouTube, Netflix) e aplicativos que permitem gerenciar um universo amplo de tarefas em curto espaço de tempo.

Essas ferramentas e recursos também influenciam nos hábitos desses indivíduos que tendem para condutas multitarefas (realizam muitas coisas ao mesmo tempo, como ouvir música, estudar, ver televisão, consultar o *smartphone*), possuem senso de urgência (são motivados pelo imediato, pelo simultâneo, pelo aqui e o agora), não conseguem se concentrar em uma mesma coisa durante muito tempo e são disciplinados pela cultura do resumo, do vídeo curto, da objetividade e prezam pelo discurso não cansativo e estimulante.

Diante do exposto acima, o presente trabalho se propôs a investigar e sistematizar estratégias de ensino e ferramentas digitais mais adequadas para serem

⁶ O conceito surge pela primeira vez em um artigo publicado por Marc Prensky, em 2001. A partir de então é utilizado para categorizar pessoas que nasceram imersos no universo das tecnologias digitais.

aplicadas no Ensino de Filosofia *in loco*, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia Campus Barreiras, para atender às necessidades educacionais do aluno nomeado por Prensky (2001), como Nativo Digital.

2.2 O ensino tradicional e a sociedade digital

Como arcabouço teórico para fundamentar os princípios que orientaram a nossa proposta de intervenção didática resultante do presente trabalho de investigação, utilizamos autores que abordam o panorama do uso das tecnologias digitais na educação, apontando possíveis vantagens, problemas e críticas no emprego desses processos e artefatos nas atividades de ensino. Eles não tratam de forma direta da disciplina de Filosofia, mas pensam a escola, a educação, as potencialidades e os riscos que emergem de um contexto digital. Os autores aqui estudados, analisam os desafios da escola diante das transformações suscitadas pelo processo de informatização da sociedade. Nessa perspectiva, colocamos nesse repertório o trabalho de Paula Sibilia, que investiga a área de Comunicação, com ênfase em Novas Tecnologias e em Teoria da Comunicação, tendo uma importante contribuição na pesquisa de temas como subjetividade contemporânea e tecnologias digitais. Tomamos como referência também para elaborar as nossas estratégias didáticas o trabalho de Guillermo Orozco Gómez sobre Educomunicação e recepção midiática voltada para os processos de aprendizagem, em um tempo em que a audiência também se tornou protagonista nos sistemas de comunicação sociais, mais notadamente os de natureza digitais. Apoiamo-nos também na análise de Serres (2015), quando ele se refere aos jovens contemporâneos como “Polegarzinha” e “Polegarzinho”. Tais alcunhas se originaram da forma como as gerações de indivíduos mais recentes utilizam os seus polegares de forma frenética para enviar mensagens de seus *smartphones*. Serres afirma ainda que esses jovens não têm mais a mesma cabeça que os pais, nem aprendem da mesma forma. Temos, portanto, do ponto de vista teórico, indicações de que as condições sob as quais se dá a educação estão inseridas em um contexto bem diferente daquele no qual aconteceu a nossa formação estudantil e docente.

Partimos da premissa de que, se a Filosofia acontece atualmente no ambiente escolar com suas metodologias e equipamentos próprios, e se os estudantes que

aprendem este saber que chamamos de Filosofia já não utilizam mais só o ambiente escolar com os seus instrumentos e estratégias didáticas para se apropriarem da realidade, logo, faz-se necessário conhecer esse contexto atual, os seus condicionantes e as suas ferramentas para a realização de um ensino mais próximo dessa realidade, que se anuncia e se efetiva ao mesmo tempo. Precisamos nos interrogar se as estratégias de aprendizagem empregadas pela escola física e suas tecnologias de ensino precisam ser atualizadas ou incorporar práticas inspiradas no universo digital, a fim de melhor atender às necessidades e anseios dos alunos do século XXI.

Quando nos referimos ao ensino tradicional, estamos apontando para o conjunto de instrumentos, metodologias e tecnologias que servem de suporte pedagógico para o modelo de escola física e o tipo de interação que é produzido neste cenário. De acordo com Matos (2015), “[o] filósofo pensa a partir de um determinado lugar que lhe dá sustentação e desde o qual as suas palavras serão acolhidas”. Esse lugar da Filosofia no Ensino Médio, atualmente, é a escola. Podemos afirmar que o mundo circundante da instituição escolar mudou. Logo, devemos considerar a possibilidade de trazer essas modificações também para o ambiente escolar, sob pena de tornar seus instrumentos e métodos destoantes com as intensas transformações que ocorrem na sociedade e que já são perceptíveis nas práticas dos nossos alunos.

De acordo com Paula Sibilia (2012), a escola é uma tecnologia de época, pensada e formatada para moldar corpos e subjetividades de indivíduos que viviam em uma sociedade predominantemente industrial e enfrenta agora no início do século XXI, o desafio de educar indivíduos com modos de ser e estar no mundo, muito distintos do que tínhamos até há alguns anos. Podemos afirmar que esse sintoma é bem perceptível no IFBA - Campus Barreiras. Até pouco tempo, as queixas giravam em torno de um suposto cansaço e ausência de dinâmica nas aulas, ao mesmo tempo que polegares habilidosos tocavam frenética e decisivamente as telas dos dispositivos móveis.

A cena composta de vários notebooks espalhados em cima das carteiras se tornou lugar-comum e pedidos para gravar as aulas e compartilhar slides pelo e-mail ou grupos do WhatsApp da turma já tinham sido incorporados à rotina de trabalho de forma quase natural, considerando que esses procedimentos não estavam inscritos

oficialmente nas rotinas ou prescritos pela instituição até aquele momento. Ficou muito claro que uma transformação silenciosa, mas intensa, estava ocorrendo dentro da sala de aula que eu atuava.

Partimos da ideia de que ensinar é um processo de mediação e viabilização do acesso ao conhecimento. Novas tecnologias, novos modos de vida, novas visões de mundo capitaneadas pela inserção com cada vez mais intensidade de elementos próprios da Cultura Digital no nosso cotidiano, exigem também novas habilidades do professor, como bem pontua Libâneo:

Todavia, novas exigências educacionais pede às universidades e cursos de formação para o Magistério um professor capaz de ajustar à sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos diversos universos culturais, dos meios de comunicação. O novo professor precisaria, no mínimo, de uma cultura geral mais ampliada, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e as multimídias (LIBÂNEO, 2011, p. 12).

O autor aponta para a atualização das práticas docentes de modo que elas se ajustem às condições de ensino em uma sociedade que é cada vez mais mediada por processos digitais. É um fato a ideia de que a maior parte dos docentes contemporâneos realizou a sua formação em um momento no qual atender as demandas de uma sociedade informacional ainda não era uma preocupação que figurava com muita intensidade nos currículos das universidades. Se pensarmos a escola como o lugar no qual se cultiva e se propaga o conhecimento que será necessário para o aluno viver em sociedade, tanto esse conhecimento que é produzido dentro das salas de aulas quanto os meios utilizados para a sua propagação, precisam ser atualizados para estar em conformidade com o mundo contemporâneo, fortemente influenciado pelas mídias digitais.

O domínio de uma linguagem informacional e a familiaridade com as mídias de natureza eletrônica, que estão presentes com muita intensidade na vida dos alunos atualmente, são indispensáveis se quisermos realizar essa atividade de ensinar de modo significativo e alinhado com as exigências do nosso tempo. Essa preocupação deve ser não só uma iniciativa das universidades, mas também do profissional que se dedica à docência pela autoformação e aquisição de habilidades e competências que permitam a atuação no cenário das novas Tecnologias da Informação e Comunicação.

Uma metodologia de Ensino de Filosofia não pode desconsiderar o fato de que o acesso ao conhecimento atualmente não se restringe ao que é proporcionado pelo trabalho do professor em sala de aula e à estrutura física da escola como único lócus em que se apropria o saber. Pérez Gómez (2015) afirma que o acesso ao conhecimento é relativamente fácil hoje, em uma era globalizada e com a informação digitalizada. Serres (2020) também corrobora da mesma tese ao afirmar que “[o] saber passou a estar acessível a todo mundo [...]” (SERRES, 2020, p. 26). Se aprender for tão somente ter acesso aos conteúdos, uma concorrente com aspecto bastante sedutor aos jovens da presente geração fornecendo informações e satisfazendo a curiosidade e o desejo de saber se apresenta de forma quase onipresente: a Web⁷.

Não se trata aqui de uma possibilidade de substituição, considerando que o mero acesso ao conhecimento não significa, necessariamente, uma relação de aprendizagem. Nós professores sabemos muito bem disso, pois mesmo um ambiente projetado especificamente para se fomentar o conhecimento, com o aporte de equipamentos, condições e profissionais habilitados para realizar tal tarefa, nem sempre o resultado aprendido se realiza. Dessa forma, o mero acesso à internet e outras ferramentas digitais se mostram com alcance restrito na sua missão de fazer aprender. Como toda ferramenta, desde os primórdios da história, os resultados efetivos a serem alcançados não residem apenas na posse ou no acesso, mas na maneira como se usa. Dessa forma, podemos afirmar que a sala de aula não é mais o único lugar onde se aprende Filosofia, mas o uso de ferramentas digitais sem uma intencionalidade didática clara, também não é a melhor das opções.

Ademais, corroboramos com a ideia de que as novas tecnologias afetam sobremaneira o modo de fazer docente. Ao mesmo tempo, devemos reconhecer que os meios digitais com toda a sua potência e diversidade, por si só, não garantem ao aluno o aprendizado esperado. Isso ocorre, porque existem problemas na relação com a própria rede mundial de computadores que se colocam como obstáculo para o processo de aprendizado. Se por um lado, nunca foi tão fácil ter acesso a textos filosóficos em formato digital, é uma queixa recorrente que os alunos atualmente leem pouco. A presente geração de estudantes também é conhecida pela sua capacidade de dispersão. Diferentemente do ambiente controlado de uma sala de aula, os

⁷ Nome pelo qual ficou conhecida a rede mundial de computadores a partir de 1991.

dispositivos eletrônicos e o ciberespaço são verdadeiros convites à fuga da atenção, fator imprescindível para a aquisição de conhecimento.

Sibilia (2012) afirma que os meios midiáticos audiovisuais colocam o sujeito em uma outra condição distinta do aluno que pratica a leitura e a escrita. No lugar de interpretar uma mensagem, o usuário midiático apenas se conecta ao estímulo provocado pela interação. Aspectos como a produção de sentidos e a interpretação se perdem em grande medida neste tipo de relação.

Serres (2020) aponta para o fato de grande parte das cognições dos alunos contemporâneos passarem a ser função dos dispositivos, diferentemente de gerações anteriores que tinham o apoio de um corpo erudito de pedagogos e o uso de bibliotecas. Ao mesmo tempo, o autor coloca como urgente uma proposta mudança radical no ensino que repercuta sobre os sujeitos do mundo contemporâneo. Isso acontece, porque intensas transformações na sociedade, no mundo do trabalho e a emergência do surgimento de novas formas políticas a partir desse contexto dado, exigem também novas competências.

Há também o perigo da exposição do estudante contemporâneo de forma indiscriminada e ilimitada “à uma enorme quantidade de informações fragmentadas” (GÓMEZ, 2015, p. 18). Esse fato teria efeitos danosos, tais como a dispersão da atenção, saturação da memória, perplexidade e desorientação nos alunos. Ainda assim, o autor reconhece que a cultura das telas tem uma forte influência no processo de formação da individualidade dos adolescentes contemporâneos. As crenças, opiniões e interesse desses estudantes são construídos em alguma medida a partir da sua relação com as novas Tecnologias da Informação e Comunicação, um dado muito importante que os educadores do nosso tempo não podem deixar de considerar nas suas práticas pedagógicas cotidianas daqui para a frente.

Estabelece-se aqui uma linha tênue entre o uso de ferramentas tecnológicas como problema e esse mesmo uso como solução se quisermos entabular um diálogo em sintonia com a juventude atual. No que tange ao Ensino de Filosofia, não basta simplesmente responder à pergunta: “como ensinar Filosofia no Ensino Médio diante deste cenário?”. Ao mesmo tempo em que a inserção dessas tecnologias parece uma solução parcial para o distanciamento dos Nativos Digitais e as formas de ensino tradicionais, intermitências e incertezas se colocam como barreiras para a proficiência do emprego das tecnologias digitais na educação. Ora elas se

apresentam como panaceia capaz de superar todos os desafios da educação contemporânea, ora se mostram como fonte de dispersão, superficialidade e desumanização das relações entre os sujeitos.

Se em um primeiro momento, ao pensar sobre a nossa prática, perguntamos, enquanto professores, sobre conteúdos, estratégias, sobre o que deve ser ensinado e como deve ser ensinado sob a alcunha de Filosofia, como observa Favaretto (1993), a partir de agora, o uso de ferramentas digitais, bem como os alunos que são destinatários desse ensino, que possuem uma forma específica de ser e se relacionar no mundo, também devem ser objetos de reflexão. No presente trabalho, mais do que uma proposta ou ideia de uma filosofia a ser ensinada na escola, nos ocupamos, principalmente, com a compreensão do contexto no qual estamos inseridos atualmente, bem como as intervenções adequadas com instrumentos e práticas contemporâneas.

Não pretendemos tangenciar a questão de uma concepção de Ensino de Filosofia ao colocá-la como pano de fundo. Todavia, ao investigarmos esta questão a partir da bibliografia disponível sobre o assunto, supomos que há um terreno de consenso em relação ao Ensino da Filosofia no Brasil em torno da ideia de que não existe a Filosofia, mas “filosofias”, ou seja, um vasto repertório de concepções e de como o trabalho pedagógico dessa disciplina como componente curricular se manifesta. Sendo assim, dentre as condições concretas para a realização do Ensino de Filosofia, Favaretto (2013) aponta a forma como se ensina como o aspecto mais relevante:

Essa eficácia dependerá não apenas de um saber que esses professores possam ter adquirido em seus cursos de Filosofia, mas da maneira como eles podem tornar esta disciplina pedagógica. Como realmente estabelecer uma relação de seleção de conteúdos e de práticas de aprendizagem, ou seja, um desenvolvimento de práticas de pensamento que realmente satisfaçam não só as necessidades que os alunos possam vir a manifestar em termos de curiosidade e de desejo, mas também aquelas que vêm diretamente dos objetivos. É na sala de aula que se joga o jogo. Este grande jogo é o seguinte: como exatamente inserir ou, digamos, realizar na sala de aula o próprio jogo da filosofia? (FAVARETTO, 2013).

A ideia que é na sala de aula “que se joga o jogo da filosofia” nos permite pensar outras práticas de aprendizagem a partir do emprego de ferramentas digitais no ensino da Filosofia. Se, como docentes, identificamos um certo “padrão” de comportamento dos nossos alunos, certos usos e costumes, cabe-nos a tarefa de avaliar tanto as

questões objetivas, bem como as condições materiais disponíveis para a implementação de estratégias pedagógicas que funcionem e despertem o interesse, a curiosidade e o desejo de aprender da parte deles.

Os recursos digitais não só fazem parte do modo de vida dos estudantes contemporâneos, como podem também se manifestar como instrumentos ou caminhos para conquistarmos a atenção deles. É uma via possível no sentido de tornar a disciplina realmente pedagógica ao selecionar práticas e recursos que aproximam os professores dos alunos. O docente compreende as necessidades dos estudantes e utiliza as linguagens e os expedientes pelos quais eles estão habituados a usar fora dos muros da escola.

Atualmente, os alunos do Ensino Médio integrado no IFBA - Campus Barreiras podem ser caracterizados como Nativos Digitais⁸, ou seja, são indivíduos que vivem imersos em uma cultura digital com forte apelo tecnológico perpassando todos os âmbitos das suas vidas. Em relação à noção de “Nativos Digitais”, escolhemos esse termo por ser recorrente na bibliografia que trata da relação entre os estudantes contemporâneos e as tecnologias digitais na educação. Essa é, portanto, uma fácil identificação e associação com as características que encontramos nos nossos estudantes. A grande influência da perspectiva de Prenky (2001) sobre o presente trabalho está nas referências que ele faz à forma peculiar de se comunicar dos chamados Nativos Digitais. O autor afirma que: “[...] os nossos instrutores Imigrantes Digitais, que fazem uso de uma linguagem ultrapassada (da era pré-digital), estão lutando para ensinar uma população que fala uma linguagem totalmente nova” (PRENSKY, 2001, p. 2, tradução nossa)⁹.

⁸ Este termo, *nativos digitais*, foi cunhado por Marc Prensky, em um artigo intitulado “Nativos digitais, Imigrantes Digitais”, no ano de 2001, para nomear a geração de jovens que nasceram após a disponibilidade em massa de dispositivos eletrônicos e acesso à rede mundial de computadores, o que permitia o contato praticamente ilimitado e rápido com universo de informações hospedadas em meios digitais. A imersão nesse oceano de dados não só interfere na formação cognitiva desses indivíduos, como também tem forte influência nos modos de ser e agir no mundo por parte desses jovens. Existem outros nomes para fazer alusão aos que nasceram nas últimas décadas e possuem uma relação muito estreita com as novas Tecnologias da Informação e Comunicação, como *Geração Z*, *Millennials*, e, mais recentemente, *Geração Alpha* (crianças que nasceram a partir de 2010). Considerando que não é o objetivo da presente investigação aprofundar-se nas características subjetivas e sociológicas desses jovens, nem na distinção e especificidades de um termo ou outro, vamos utilizar, para uma finalidade didática e referencial, a noção de “Nativos Digitais”, apenas por ser um vocábulo mais recorrente quando se trata dessa relação entre alunos contemporâneos e uso de tecnologias digitais.

⁹ No original: “[...] *our Digital Immigrant instructors, who speak an outdated language (that of the pre-digital age), are struggling to teach a population that speaks an entirely new language*”.

O autor aponta um distanciamento entre o que ele chama de “Imigrantes Digitais” e os “Nativos Digitais”. Ele defende que grande parte daqueles que estão responsáveis pelo ensino não possuem os hábitos e as habilidades necessárias para se comunicarem de forma adequada com esses estudantes que nasceram imersos no universo das tecnologias digitais. Devemos fazer uma reserva em relação a esta afirmação se considerarmos o hiato temporal que separa a data de publicação do famoso artigo que dá origem ao termo “Nativos Digitais” e a realidade que encontramos agora. Com a inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação de forma cada vez mais intensa nas nossas vidas, é muito provável que muitos indivíduos que o autor em questão chamava de “Nativos Digitais” já estejam, inclusive, lecionando. Também correríamos o risco de distorcer a realidade se não concebêssemos a ideia de que os “Imigrantes Digitais” da atualidade já tiveram tempo suficiente para se familiarizarem com as ferramentas digitais necessárias para viver no mundo permeado por tecnologias de cunho informacional.

Quando se problematiza os desafios contemporâneos da educação, invoca-se a ideia de que estamos diante de alunos do século XXI (sujeitos plenamente adaptados à cibercultura), professores do século XX (docentes que desenvolvem o seu trabalho replicando metodologias tradicionais) e uma escola do século XIX (ou seja, o mesmo modelo institucional de influência moderna, que tem por objetivo levar educação para as massas). Para Demo (2007), é imprescindível um processo de mudança radical na escola como instituição por causa do distanciamento entre ela e o mundo das crianças e adolescentes. Ele acredita que a escola como conhecemos não será extinta, mas será submetida a um processo profundo de redefinição para atender às novas demandas da sociedade contemporânea.

Constatamos que a necessidade de mudança não implica uma substituição do modelo tínhamos antes da pandemia do COVID-19¹⁰. Tampouco, preconiza-se uma revolução, como o surgimento de uma nova ordem didática patrocinada pelas

¹⁰ O período mais intenso da pandemia, ou seja, os anos de 2020 e 2021 exigiu um rígido regime de distanciamento social por questões sanitárias. Dessa forma, a alternativa para a realização de atividades de ensino sem a necessidade de frequentar o ambiente físico de uma instituição escolar foi o uso de ferramentas informacionais para as atividades didáticas. Ocorre que, com o retorno das aulas presenciais, muitos hábitos e rotinas que foram desenvolvidos e utilizados nesse período ficaram, como a massiva utilização de aplicativos de mensagens e plataformas de gestão de rotinas escolares, como o Google Classroom. Dessa forma, muitos elementos da cultura digital que levariam vários anos para serem incorporados às metodologias de ensino vigentes nas nossas escolas, foram implementados de maneira forçosa.

tecnologias digitais. O que não se pode fazer é fechar os olhos para o fato de que o mundo atual vive um acentuado processo de transformação que afeta de maneira muito profunda as instituições, os sujeitos e as suas formas de se manifestarem e viverem a sua humanidade.

Levar ferramentas digitais para as aulas de Filosofia, antes de ser uma ruptura ou a mera adaptação ao processo de escalada tecnológica que impacta grande parte das atividades humanas, é aproveitar o imenso potencial de possibilidades didáticas inéditas que estas tecnologias podem oferecer. Estar em contato com comunidades que se reúnem em torno de um assunto específico, ter acesso a museus, escolas, publicações, vídeos, documentários e outras publicações que versam sobre uma infinidade de temas com apenas um toque em uma tela, configura-se, sob um ponto de vista prático, como uma imensa vantagem incremental em relação àquilo que se pode oferecer em uma aula expositiva com o auxílio do quadro-negro e do resumido conteúdo encontrado nos livros didáticos.

2.3 Uma concepção de filosofia

Antes de propor uma metodologia de ensino para alunos que nasceram dentro do contexto de uma cultura digital, faz-se necessário caracterizar qual é a concepção de Filosofia que utilizamos. Concordamos com Gallo (2012), quando ele fala sobre a diversidade de compreensões da filosofia e o seu ensino, apontando a necessidade de assumir uma perspectiva clara de filosofia para o desenvolvimento do trabalho em sala de aula. Isso serve para o profissional realizar o seu planejamento, definir os objetivos didáticos a serem alcançados e permitir que o aluno, identifique, minimamente, os conteúdos que fazem parte desta área do saber e as suas formas de abordagem.

A filosofia que aprendemos na universidade, como estudantes, é muito distinta daquela que ensinamos como docentes nas salas de aula da Educação Básica. Nos bancos de ensino superior nos acostumamos à leitura de textos clássicos, comentadores, prática de exegese, hermenêutica, dentre outros expedientes a serviço da preservação do rigor que o trabalho intelectual e conceitual da Filosofia exige.

Responder às questões “o que é a Filosofia?” e “como ensiná-la?”, não se trata simplesmente de encontrar um bom conceito que possa ser universalizado, mas

buscar um norte, uma orientação segura para que o professor da disciplina possa realizar suas atividades didáticas. Na prática, o que se tem é uma diversidade de perspectivas, que varia de professor para professor a depender do contexto institucional, econômico, cultural e, de forma ainda mais influente, da formação e da experiência do docente. Decerto, nem os próprios filósofos durante esse caminho que separam os mais de 2.500 anos dos primeiros registros disso que chamamos de Filosofia até o nosso tempo chegaram a um consenso em relação a um conceito que possa nomear esta atividade ou saber de forma precisa. Todavia, tal constatação não pode configurar-se em uma dificuldade que impeça o bom andamento do nosso trabalho como professores da disciplina. Muitos já realizam essa atividade há décadas. É necessário, portanto, que o profissional da Filosofia que atua na educação básica, em um ambiente muito distinto daquele que encontramos nas universidades, possa ter um referencial para conduzir o seu trabalho que não se resuma a um conceito, mas operem como diretrizes práticas. Nesse mesmo sentido, Gallo (2012) pontua a importância do profissional ter uma concepção de filosofia clara para si mesmo e para os seus alunos:

Para a problemática do ensino de filosofia, perante essa diversidade, penso que só há uma possibilidade plausível: escolher uma perspectiva de filosofia que permita um trabalho coerente em sala de aula. A não escolha de uma perspectiva de filosofia pode levar a um perigoso ecletismo, no qual se juntam às mais diversas perspectivas e se acaba chegando a resultado algum ou, o que pode ser ainda pior, a um 'Frankenstein' mal costurado (GALLO 2012, p. 38).

Cerletti (2009) se aproxima de Gallo (2012) quando afirma que não há procedimentos eficazes para ensinar filosofia que possam ser aplicados em todos os casos. Deve-se, em última instância, considerar o contexto em que esta relação de ensino-aprendizagem se realiza. Nesse caso, o ensino de filosofia passa a ser uma construção subjetiva partilhada por professores e estudantes. Sendo assim, o profissional que trabalha diretamente com os alunos deve avaliar as condições e possibilidades da sua atuação a partir de problemas concretos para, a partir daí, operar o seu processo de intervenção.

Considerando e alinhando-se com as posições de Cerletti (2009) e Gallo (2012), pelo fato de ter experimentado, na minha prática profissional, realidades e desafios distintos, defende-se, no presente trabalho, a ideia de que um ensino de filosofia depende em grande medida do contexto particular em que a instrução se

realiza. Questões como as condições institucionais, a formação do professor e aspectos socioeconômicos, são fatores determinantes para a realização do trabalho na disciplina com estudantes de nível médio, público majoritário com o qual tive contato dentro do período de dez anos de atuação profissional exclusiva e ininterrupta.

Cerletti afirma que “[...] toda formação docente deverá ser, em sentido estrito, uma constante auto-formação. E toda auto-formação supõe, em última instância, uma *trans*-formação de si” (CERLETTI, 2009, p. 10).

Durante os últimos dois anos, interstício de tempo em que me debrucei sobre a problemática do uso das ferramentas digitais no Ensino de Filosofia, mais especificamente para atender à demanda dos meus alunos no IFBA - Campus Barreiras, posso afirmar que passei tanto pelo processo de “auto-formação” e a sua implicação, como pela “*trans*-formação”.

Inicialmente, mesmo identificando os discentes com os quais eu trabalhava como “Nativos Digitais” ou pessoas que cresceram cercadas por aparatos tecnológicos que mediam a forma como eles são e estão no mundo, uma dificuldade separava intenção de fazer um ensino utilizando ferramentas digitais e a sua realização prática: a minha própria falta de conhecimento sobre essas tecnologias, bem como a imperícia e experiência para realizar tal natureza de trabalho. Isso ensejou não somente a busca contínua pela melhor formulação de aulas, de conteúdos, textos e perspectivas filosóficas abordadas, mas também a revisão das minhas práticas nesse novo contexto digital, além do acréscimo de habilidades e competências novas para intermediar a Filosofia.

O que pretendemos, de fato, é aliar tanto os fazeres e estratégias que já realizávamos regularmente às novas possibilidades que as tecnologias digitais permitem.

De forma geral, fazemos a seguinte abordagem da filosofia nos três anos do ensino médio integrado do IFBA - Barreiras: no primeiro ano, além daqueles conteúdos tradicionais de introdução à filosofia, é feito um trabalho direcionado para que o aluno adquira habilidades e competências relacionadas à argumentação. Isso é muito importante, porque, sendo a filosofia uma atividade em grande parte sustentada por aspectos discursivos, ao adquirir tais habilidades, o aluno passa a ter um aproveitamento muito melhor em debates e compreende que o discurso é construído a partir de regras formais. O que se espera ao final desse primeiro ciclo de

processo formativo é que o estudante se familiarize com a construção da crítica considerando uma perspectiva racional, saindo do lugar-comum da opinião e da retórica vazia, que é praticada sem a orientação de qualquer expediente epistemológico. Muito embora essas habilidades sejam de caráter instrumental, ou seja, um “saber fazer”, elas são desenvolvidas a partir de temas contemporâneos e conteúdos extraídos do repertório da tradição filosófica.

No segundo ano, prioriza-se a História da Filosofia. Abordamos a política, a ética, a epistemologia e a estética. São apresentados os filósofos, trechos de textos e o repertório conceitual necessário para a compreensão dos temas trabalhados. O aluno que já conhece minimamente as regras do discurso, adquiridas no 1º ano, é convidado a conhecer estruturas argumentativas presentes nos clássicos da filosofia e trechos de textos acadêmicos, fazendo o enfrentamento de um vocabulário mais desafiador, valorizando a linguagem pela qual a tradição filosófica se manifesta. Neste momento formativo também, exploramos e incentivamos a aquisição de habilidades de pesquisa, com a finalidade de colocar o aluno em contato com outros discursos e referências distintos daqueles que foram selecionados pelo professor. Considero essa estratégia com importância particular porque penso a Filosofia como também um processo de construção da autonomia. Condicionar o olhar do outro para uma direção de forma restrita é também impedir que o estudante contemple outras dimensões passíveis de serem exploradas intelectualmente.

As turmas de terceiro ano são formadas por alunos que, na grande parte, dominam habilidades de leitura, interpretação de textos, técnicas de pesquisa e exercício do discurso, adquiridos por trabalhos com seminários, escrita de textos e debates. Eles já possuem também domínio básico da História da Filosofia, os problemas encontrados nos clássicos e compreendem a importância dos conceitos para balizar o labor no campo das ideias. Nesse estágio formativo, trabalhamos com temas contemporâneos (como a noção de sujeito, debates éticos pós-modernos, hipermodernos e discussões sobre a modernidade líquida), estabelecendo um diálogo entre o presente e o passado, com o objetivo de formar um repertório que permita a compreensão do mundo que vivemos, a partir da ótica dos grandes temas da Filosofia.

Os conteúdos, as habilidades e as competências são orientadas pelos PPCs (Projetos Pedagógicos dos Cursos), que, por sua vez, respeitam os documentos

norteadores da educação no Brasil (PCNs, BNCC¹¹ e a LDB¹²). Além disso, todos os conteúdos e atividades desenvolvidas na disciplina de Filosofia no IFBA Campus Barreiras estão alinhados com a missão da instituição, que é a formação do cidadão histórico-crítico, ou seja, um aluno egresso capaz de articular o conhecimento empírico com o conhecimento historicamente construído, com a finalidade de auxiliá-lo no seu processo de emancipação como indivíduo. A formação do cidadão ativo, participativo e autônomo é um princípio norteador do modelo de educação desenvolvido na instituição, que vai além da mera preparação do aluno para o ingresso em uma Instituição de Ensino Superior. Nas nossas práticas didáticas cotidianas com a disciplina de Filosofia, compartilhamos com essa visão formativa, bem como com os seus valores inerentes.

Após exposição da perspectiva de filosofia que adotamos no IFBA - Campus Barreiras, exporemos agora o arranjo metodológico para reformular a maneira como este ensino é realizado, de modo que ele possa se adequar às necessidades pedagógicas de alunos Nativos Digitais, que aprendem a partir de linguagens e ferramentas totalmente distintas daquelas que encontrávamos quando essa proposta de ensino foi construída.

¹¹ Base Nacional Curricular Comum.

¹² Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996.

3 FILOSOFIA, ENSINO E CULTURA DIGITAL

3.1 Uma nova escola para um novo tempo e um novo aluno: os peripatéticos digitais

A escola tradicional não conseguiu acompanhar as profundas transformações que aconteceram na sociedade e no perfil dos estudantes nas últimas décadas. O modelo formativo predominante nas instituições educacionais no mundo contemporâneo ainda segue as diretrizes das sociedades industriais. Os tempos de aprendizado continuam inspirados na lógica fabril, que obedece ao som das sirenes para iniciar as suas atividades. Os educandos são condicionados por muitos anos a cumprirem a rígida disciplina das carteiras enfileiradas, enquanto observam de forma passiva a explicação do professor, que administra, de maneira quase exclusiva, a rotina, as tarefas, a avaliação e o discurso. O trabalho didático se desenvolve orientado por procedimentos burocráticos centralizados, que colocam o aluno em uma condição de sujeição e docilidade, muito próximo da realidade vivenciada por trabalhadores no mundo empresarial e nas indústrias.

O espaço físico, compartimentado em salas de aulas, departamentos, coordenações e direções também obedece à uma lógica de racionalização e controle. Os corpos e as mentes também ficam confinadas dentro destes espaços realizando trabalhos, tarefas e exercícios. O rendimento é quantificado com notas que expressam o nível de produtividade dos alunos e professores. Todo esse aparato se engendra a partir de regimentos internos e externos criados com a finalidade de padronizar condutas e procedimentos que tem como efeito colateral a aniquilação da individualidade, em prol da construção de uma subjetividade previamente pensada nos currículos e documentos oficiais da educação. Dessa forma, o modelo de escola predominante na nossa sociedade, não se distancia muito de outras instituições, como hospitais, prisões e fábricas, forjadas na Modernidade, com a finalidade de modelar corpos e mentes pelo poder disciplinar, reproduzindo um contexto de dominação. A disciplina fabrica, assim, corpos submissos e exercitados, corpos dóceis.

A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma ‘capacidade’ que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a

energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força do produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. (FOUCAULT, 1999, p. 110).

A escola de massas surge como suporte ao capitalismo industrial. A formação da subjetividade fica em segundo plano no desenrolar desse processo. É, portanto, antifilosófica, na medida em que forma pessoas em série, acuadas e limitam as possibilidades de expressão. Uniforme, currículo, leis, decretos, tudo isto contribui para tornar os alunos iguais, em uma tentativa de formar pessoas ideais para atender às demandas do mercado de trabalho. Tal escola é caracterizada por um espaço físico no qual acontece a transmissão de conhecimento, a partir de um modelo que se consolidou nos últimos séculos: uma sala de aula, carteiras dispostas em fila, uma lousa, um professor que profere o seu discurso diante de alunos que precisam ouvi-lo atentamente, cadernos, livros e outros aparatos próprios desse ambiente. Esse cenário se contrasta em demasia com o universo das telas, aplicativos, fones de ouvido e os hábitos dos alunos Nativos Digitais, como se esses últimos vivessem em uma outra realidade com a sua lógica e ferramentas específicas.

O modo de operar da escola tradicional, a sua estrutura e a mentalidade desenvolvida dentro das suas paredes replicada durante séculos, suscita críticas de estudiosos que enxergam um divórcio entre as necessidades de uma sociedade baseada na fluidez, velocidade e volatilidade, que caracteriza o mundo contemporâneo e o modelo de educação que é disponibilizado aos estudantes, como pontua Piva Júnior:

O ensino atual, colocado diante de todas essas mudanças, pode ser comparado a um grande e velho dinossauro. As formas e técnicas de transmissão de conhecimento remontam a centenas de anos. Existe até uma brincadeira em relação a isso: se pudéssemos transportar para os nossos dias uma pessoa que viveu na Europa por volta do ano de 1700, o lugar mais familiar que ela encontraria seria a sala de aula, já que nela ocorreram pouquíssimas mudanças (PIVA JÚNIOR, 2013, p. 6).

O século XXI testemunha não só o espantoso desenvolvimento da tecnologia em todos os níveis. Observa-se, também, o nascimento e a consolidação de um novo tipo de espaço: o virtual¹³. A vida das pessoas no mundo contemporâneo se

¹³ Para Pierre Levy, o virtual não é uma oposição àquilo que é real. Existe em estado de *potência*, no sentido aristotélico, como aquilo que pode vir a se transformar em ato. É caracterizado, principalmente,

desenvolve em grande parte na internet. As relações entre os indivíduos se dão, em alguma medida, pelas redes sociais. As compras são realizadas com apenas poucos toques na tela de um celular. Não se consulta mais as enciclopédias Barsa ou Mirador e muito menos se frequenta as bibliotecas. O Google oferece uma base de dados, informações e conhecimentos disponibilizados em milésimos de segundos. Quando se quer aprender algo novo, não se pergunta mais ao professor ou procura-se alguém próximo que possa ensinar. Milhares, senão milhões de tutoriais estão disponíveis para serem acessados de qualquer lugar e na hora que desejarmos. Vivemos em um mundo dinâmico ágil e veloz.

Todos os caminhos apontam para a descentralização dos processos e a autonomia cada vez maior dos indivíduos. Isso implica a necessidade de repensar a escola como instituição, a escola como espaço, os currículos, no sentido de determinar o que é importante para aprender e propor novos métodos de ensino em conformidade com a realidade dos alunos, bem como repensar o papel do professor diante de um cenário de transformações tão intensas, como bem pontua Pérez Gómez. Esse novo cenário social também exige mudanças substanciais na formação de futuros cidadãos e, portanto, apresenta desafios inevitáveis para os sistemas educacionais, as escolas, o currículo, os processos de ensino e aprendizagem e, claro, para os professores. As transformações na prática educacional devem ser tão significativas que é conveniente falar sobre uma mudança na maneira de enxergar e reinventar a escola (GÓMEZ, 2015, p. 28).

Os muros da escola e as paredes da sala de aula não determinam mais estes espaços como únicos lugares em que se é possível aprender. Com a circulação e o fácil acesso de informações e saberes que estão disponíveis no ciberespaço, devemos pensar a possibilidade de ampliação e alcance da instituição escolar. Se é lá que acontece a educação, a sua localidade não pode estar restrita a um endereço e um espaço físico. Deve-se lançar mão de métodos e ferramentas que permitam a sua harmonia com esse mundo novo que se coloca a partir do uso de processos digitais. Se a cultura e os sujeitos mudarem, urge que as práticas escolares estejam alinhadas com as novas demandas da sociedade, e, mais especificamente, com as necessidades e os modos de ser e fazer dos alunos, para impedir que a escola se não

pela sua capacidade de mutação e atualização. Desprende-se do “aqui e agora”, transcendendo a ideia de espaço e tempo. É desterritorializado e não físico. Subverte a ideia de lugar e duração.

se transforme em uma instituição obsoleta, pouco estimulante e que fala um idioma diferente dos estudantes.

O uso de tecnologias digitais, que muitas vezes inspira medo em professores que pertencem a uma outra geração e foram formados a partir de um contexto tradicional, é trazido em uma perspectiva otimista por pesquisadores que pensam a aplicação de ferramentas informacionais na educação:

A educação necessita, de alguma forma, adotar os princípios da cultura de tela, adaptar-se às tecnologias que poderão permitir que os estudantes aprendam mais rapidamente os conceitos, consigam aplicar e desenvolver habilidades, como discernir, escolher e decidir. Os docentes precisam aprimorar as técnicas instrutivas, o compartilhamento de metodologias, o compartilhamento de conhecimentos. Precisamos de currículos por competências, menos estáticos e mais dinâmicos. A cultura digital permitirá maneiras novas, disruptivas, quem sabe melhores, de ensinar, estudar, aprender e criará possibilidades além do limite de nossa imaginação. Para usufruí-las, os educadores e gestores deverão estar de mente e coração abertos a todas as possibilidades (FAVA, 2018, p. 73).

O surgimento de novas tecnologias tem efeito direto sobre os sujeitos e a cultura. Para ilustrar este posicionamento, vamos tomar como referência a invenção da prensa de Gutemberg¹⁴. Essa inovação tecnológica amplificou os ecos do Renascimento europeu e influenciou profundamente o desenvolvimento das artes, literatura, filosofia e a política na modernidade (BACELAR, 1999). Se na Idade Média o acesso à informação e ao conhecimento eram marcados por um cenário de escassez, nos anos subsequentes à invenção da prensa de tipos móveis, viveu-se um contexto de “explosão” de informações (BURKE, 2002)¹⁵. Nesse período, no século XVI, foram publicados tantos livros, que se fazia humanamente impossível um indivíduo conseguir ler tudo que estava disponível como bibliografia. Por outro lado, o contato intenso com novas ideias e criações simbólicas transformou de forma acelerada a mentalidade do homem ocidental. É diante desse contexto que acontece a Reforma Protestante, o nascimento da Ciência Moderna, a consolidação da burguesia e o surgimento do liberalismo, dentre outros acontecimentos que mudaram

¹⁴ A prensa de tipos móveis, a primeira máquina de impressão em massa do ocidente, foi criada pelo alemão Johannes Gutenberg em 1450 e possibilitou a difusão de informação e conhecimento de forma nunca vista na história. Essa invenção influenciou profundas transformações na sociedade, na cultura e nos modos de subjetivação da Idade Moderna.

¹⁵ O autor utiliza a palavra “explosão”, fazendo referência à pólvora, que foi concebida poucos anos depois da invenção da prensa de Gutenberg.

o curso da história ocidental, influenciados pela circulação de ideias e formação de uma nova cultura.

Os vetores que agem sobre as transformações das culturas sempre estiveram associados a movimentações no espaço no passado (TRIVINHO, 2007). Transitar com o corpo no espaço sempre foi uma forma de moldar a subjetividade, seja como necessidade de indivíduos que viviam em tribos nômades ou pelo fluxo de pessoas que percorriam a complexa rede de estradas construídas pelos imperadores romanos, que além de transportar tropas e mercadorias, transportavam também informações e valores simbólicos com os seus viajantes. Em tempos mais recentes, o advento de inovações técnicas como a locomotiva, o automóvel e o avião não só reduziram distâncias e otimizaram o tempo das viagens, mas aceleraram, sobremaneira, a intensidade com que as trocas simbólicas aconteciam. Atualmente, vivemos em um cenário no qual o fluxo de informações e conhecimentos independem da movimentação humana no espaço para se efetivar.

Na medida em que foram surgindo e se desenvolvendo os meios eletrônicos de comunicação, a transmissão e a circulação de bens simbólicos foram prescindindo dos meios de transporte e do trânsito geográfico de pessoas. A Internet e a sociedade em rede que se construiu a partir dela, colocou o processo de intercâmbio de valores e informações em um patamar sem precedentes. As mídias digitais aceleraram as trocas de saberes entre as pessoas. Coloca-se em voga um novo tipo de socialidade mediada por potentes plataformas tecnológicas de informação que interferem diretamente na maneira como os indivíduos dão significado ao seu mundo circundante.

Os sentidos imediatos do mundo sempre são construídos a partir de alguma mídia ou plataforma que serve como via para que as trocas simbólicas aconteçam. Na antiguidade, no Período Arcaico dos gregos, a primazia do mito se dava a partir da transmissão oral de narrativas e valores. No Período Clássico, o teatro, os debates na Ágora e, posteriormente, o desenvolvimento de toda uma escola de oradores romanos ocorreu em um contexto privilegiado de criação de espaços para o fluxo de ideias que serviram de base para a formação de grandes espíritos da época, cujo legado chegou até os nossos dias. Na Idade Média, o isolamento dos indivíduos em feudos, a limitação das liberdades e o rígido controle de circulação da informação impediram o recrudescimento cultural experimentado no período histórico anterior. Hoje, o

processo de produção de sentidos passa pela internet, em que centenas de milhões de pessoas estão interconectadas em tempo real, compartilhando experiências, conhecimento e influenciando-se mutuamente, formando o que Castells chama de Sociedade em Rede:

A sociedade em rede, em termos simples, é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes (CASTELLS, 2005, p. 20).

As novas tecnologias patrocinadas pelo desenvolvimento da microeletrônica e as mídias digitais, ou seja, os meios pelos quais se realiza a comunicação e os processos de trocas simbólicas, por si só não garantem o desenvolvimento da cultura e o enriquecimento espiritual do sujeito contemporâneo. Trocar a sala de aula por AVAs (Ambientes Virtuais de Aprendizagem) não se configura como uma grande evolução na educação de forma isolada. Equipar a escola com laboratórios de informática, liberar o uso de *smartphones* para os alunos, explorar a internet e as redes sociais, só produz resultados pedagógicos se essas ferramentas forem empregadas a serviço de uma intencionalidade, ideia que trabalharemos mais adiante, quando tratarmos sobre arranjos tecnológicos aplicados à educação.

Educar é antes de tudo um processo de formação e desenvolvimento da subjetividade. Até o presente momento, a formação do espírito se dava preponderantemente a partir de vivências no espaço escolar, leitura de textos, aulas expositivas, exercícios e atividades pedagógicas que tinham como principal objetivo a assimilação de um determinado modelo de cultura, habilidades e competências. O universo do digital pode ser empregado para alcançar a mesma meta, porém utilizando caminhos diferentes daqueles que trilhamos tradicionalmente.

O esforço argumentativo proposto até esse ponto é direcionado para a tentativa de demonstrar que o uso das novas mídias digitais faz emergir novas configurações de indivíduos. A Filosofia, inegavelmente, atua na esfera do imaterial. Refletir, como ato de voltar para si mesmo, de examinar a dimensão imanente do homem, as suas contradições, as suas aflições e a sua identidade, é uma tarefa fundamental do pensamento filosófico. A lógica do digital se coloca de maneira cada vez mais vigorosa

como a via contemporânea, pela qual as pessoas constroem e assimilam valores e representações.

Concordamos com Jean-Claude Chirollet quando ele afirma que:

Uma filosofia que exclui da sua busca de significado os dados informacionais será sempre forçosamente voltada ao elitismo que serve a reprodução do 'pensar filosófico' e do filósofo universitário, enquanto instâncias respectivamente intelectual e institucional, separadas das condições materiais de produção e difusão da informação midiática: Um pensamento filosófico acolhedor não exclusivo relativamente a esta última teria condições para gerar uma verdadeira democratização da educação filosófica, que se estende para fora dos limites da filosofia escolar e universitária tradicional (CHIROLLET, 2001, p. 56-57).

O autor nos convida como profissionais da Filosofia a ocupar os espaços informacionais e enxergá-los como uma possibilidade de difusão e educação filosófica para além dos lugares tradicionais, em que o repertório da história do pensamento é praticado. As novas ferramentas digitais de comunicação permitem a reverberação da reflexão para além da filosofia escolar e universitária. Nos filiamos a essa ideia, na medida em que acreditamos que não estamos criando uma forma de praticar a Filosofia, mas apenas ampliando as suas possibilidades, a partir do uso de recursos didáticos digitais.

3.2 Necessidade de uma nova forma de se comunicar com o aluno nativo digital

A primeira constatação que podemos fazer ao analisar os hábitos e costumes de alunos Nativos Digitais é que eles se comunicam de forma diferente. Memes, trocas de áudio via WhatsApp, curtidas e comentários nas redes sociais, como Instagram e Facebook, fazem parte do cotidiano de interações desses alunos. Uma sala de aula ainda obedece ao padrão de comunicação que era encontrado na Ágora, em um tribunal e nos palanques políticos, como ilustração. A comunicação tradicional que é replicada no espaço da sala de aula como tecnologia didática, pela sua configuração, na qual a mesa do professor é centralizada à frente dos alunos e, desse lugar, emana o discurso na maior parte do tempo, ainda segue o mesmo princípio de verticalidade em que um fala e os outros escutam. Na rede, a comunicação é democrática, porque coloca todos em condições de igualdade no que tange à possibilidade de participação no debate.

O homem em toda história sempre se comunicou pelos meios e lugares mais atuais que estavam disponíveis no seu tempo. A Ágora grega, o Fórum romano, os livros na modernidade, o jornal no século XIX, a televisão e o rádio no século XX e a internet no século XXI são exemplos de espaços e veículos comunicacionais que foram, cada um no seu tempo histórico, os lugares por excelência em que a comunicação e, por conseguinte, o poder que deriva da possibilidade privilegiada de formar as consciências, davam-se. A grande diferença entre esses processos comunicacionais anteriores e o atual está na horizontalidade. Hoje, qualquer indivíduo que possua dispositivos eletrônicos digitais e acesso à rede mundial de computadores pode criar o seu próprio canal de comunicação e propagar a sua mensagem, os seus saberes e opiniões para todos aqueles que estejam dispostos a ver e ouvir. Santaella pontua bem a relação entre tecnologia e comunicação quando afirma:

É certo também que, em cada período histórico, a cultura fica sob o domínio da tecnologia de comunicação mais recente. Contudo, esse domínio não é suficiente para asfixiar os princípios semióticos que definem as formações culturais preexistentes. Afinal, a cultura comporta-se como um organismo vivo e, sobretudo, inteligente, com poderes de adaptação imprevisíveis e surpreendentes (SANTAELLA, 2007, p. 14).

Partindo do pressuposto apontado acima, podemos afirmar que existe uma cisão entre o modelo hegemônico de comunicação predominante na nossa sociedade até pouco tempo e as práticas efetivas que ocorrem nas salas de aula, que são orientadas, principalmente, por instrumentos e matrizes comunicativas distantes do paradigma das mídias digitais, que condicionam a cultura e a formação da subjetividade dos indivíduos contemporâneos.

O uso de ferramentas digitais no ensino e a emergência de novas práticas foram pressionadas pelo contexto da pandemia pela COVID-19. Isso ocorreu não por conta de um conjunto de ações intencionais visando a conciliação de estratégias pedagógicas utilizando mídias digitais para uma aproximação com os saberes e práticas do estudante contemporâneo, mas pelo fato desses mecanismos restarem como uma das poucas alternativas possíveis para a realização das atividades educacionais.

A cultura digital tem recursos e ferramentas disponíveis de forma abundante que podem ser explorados pelo campo da educação, principalmente pela inédita potencialidade comunicacional que proporcionam. Podemos afirmar que o tempo e o

espaço não se restringem mais ao território da sala de aula. Estamos falando de um novo tipo de espaço/território, em que as relações sociais e econômicas se desdobram: o ciberespaço. Nesse ambiente, também é possível ensinar, aprender, difundir e apropriar-se dos discursos sobre o mundo e a realidade.

Com o uso em larga escala de dispositivos móveis, em qualquer hora e lugar é tempo de aprender. O acesso à informação dos mais variados tipos e níveis de fonte estão à disposição de qualquer um que possua um *smartphone* e conexão de internet. Plataformas de *streaming*, redes sociais e sites de busca, podem se colocar como interessantes complementos ao modelo de ensino tradicional.

As ferramentas digitais também permitiram que o conhecimento que tinha endereço fixo (universidades, bibliotecas, instituições religiosas, dentre outros locais), com um contingente limitado de indivíduos que eram capazes de acessá-lo, estivesse ao alcance de centenas de milhões de pessoas no mundo inteiro. Esse saber represado era fonte de poder de reduzidos grupos que tinham o conhecimento sob o seu controle. Na era das redes informacionais, há uma ruptura com o paradigma do conhecimento reservado a poucos. A informação, pelas ferramentas digitais, pode ser compartilhada com impressionante facilidade e com pouco ou quase nenhum custo. Estratos sociais que sempre foram excluídos dos espaços do saber, agora estão a um clique de distância de um manancial inesgotável de informações, liberando um potencial protagonismo cognitivo inédito na história do homem.

Era comum ouvir de alunos que as aulas de Filosofia eram chatas e enfadonhas. Todavia, os professores da disciplina normalmente não partilham da mesma opinião em relação à filosofia. Provavelmente, a razão desse distanciamento não reside na Filosofia em si. Uma solução possível para essa questão poderia estar no uso adequado das mídias como forma de potencializar e colocar-se como uma alternativa possível. Com esses recursos, podemos realizar outras formas de aulas, ampliar as estratégias didáticas em relação àquelas que temos disponíveis e aproveitar, principalmente, o fato de parte da atenção do aluno estar nas telas, para explorar outros modos de interações e produções discursivas.

O caminho para uma boa aula de Filosofia no cenário de uma cultura digital aponta para a transformação ou a implementação de novas mídias nas relações de aprendizagem, considerando que os métodos tradicionais de explanação, leitura de textos e apostilas ou a realização de exercícios a partir de questionários são

ferramentas pouco estimulantes e pobres esteticamente, com capacidade limitada de afetar e sensibilizar o aluno contemporâneo, de provocar espanto, admiração e convidá-lo a uma investigação genuína, movido pela curiosidade de quem necessita compreender algo, que tem relação direta com a sua vida.

Ao defender o uso e o potencial didático das Tecnologias de Informação e Comunicação no Ensino de Filosofia, não estamos falando apenas de uma mera intervenção didática, mas de uma estratégia que se vincula à necessidade de compreender as mudanças na nossa sociedade e as suas consequências, considerando os tímidos movimentos em relação às alterações significativas na estrutura e modo de funcionamento das escolas. Estamos passando por um processo de transformação muito mais intenso na forma como nos comunicamos do que em outros períodos importantes da história já mencionados, como aponta ainda Santaella:

Os efeitos da revolução digital em curso não incidirão somente na sala de aula enquanto uma tecnologia de época. O forte movimento de informatização das sociedades contemporâneas e o processo de automação, o que impacta, principalmente sobre atividades perigosas e atividades repetitivas, afetando milhões de postos de trabalho que podem vir a ser fechados. Os empregos que surgirão, associados às tecnologias avançadas, exigirão indivíduos familiarizados com ferramentas informacionais para serem absorvidos pela nova demanda exigida pelo mundo do trabalho. Portanto, a inserção de ferramentas digitais nas práticas pedagógicas do aluno contemporâneo é uma forma não somente de inclusão digital, mas também uma medida de proteção social na medida em que a falta de domínio dos instrumentos tecnológicos que caracterizam as sociedades informacionais pode se configurar em uma nova forma de segregação social. (SANTAELLA, 2007, p. 64)

Um ponto importante para destacarmos é que, tanto Santaella (2007) quanto Sibilia (2012) apontam a sala de aula como uma tecnologia de época. Tal modelo, que surge com o advento das sociedades industriais não sofreu muitas alterações nos últimos dois séculos. Isso ocorre, porque a noção de uma “grade” curricular, as sirenes que disciplinavam o tempo de cada aula, alunos confinados e enfileirados dentro de uma sala, compunham um repertório de instrumentos e expedientes para a formação um de sujeito ideal para o tipo de trabalho que pautava esta sociedade. Com os elementos informacionais e digitais condicionando o mundo do trabalho e as tecnologias da comunicação influenciando o surgimento de novas formas de ser e viver, a sala de aula como artefato de época também deverá passar por profundas

transformações para continuar cumprindo a sua função de espaço formativo no mundo contemporâneo.

3.3 Novas tecnologias e reformulação da atividade docente

Um fantasma paira sobre o imaginário dos indivíduos que vivem no século XXI: a obsolescência do trabalho humano diante da acelerada evolução das máquinas e do uso da inteligência artificial. Atividades que exigem ações repetitivas e passíveis de padronização são as mais ameaçadas. Futuristas¹⁶ trazem um caleidoscópio de cenários possíveis em um era de disrupção tecnológica, que terá impactos profundos na sociedade e no modo de vida dos indivíduos contemporâneos. Atividades e indivíduos perderão o protagonismo diante das forças exponenciais que a realidade técnica manifesta nos nossos tempos. Harary (2016), historiador e analista dos impactos da tecnologia em um futuro próximo do *sapiens*, faz um prognóstico preocupante para as próximas décadas no que tange à possibilidade de manutenção das pessoas no mercado de trabalho, face aos “algoritmos não conscientes e sumamente inteligentes” (HARARY, 2016, p. 321).

A ideia de uma transformação profunda no modo de vida dos indivíduos e na configuração das sociedades a partir de uma revolução tecnológica não é recente. Contudo, nas últimas duas décadas, a bibliografia e os estudos sobre este tema se avolumaram de forma exponencial. Esse é um sintoma de que a presença das novas tecnologias no nosso cotidiano se tornou um objeto de estudo e uma preocupação acadêmica de primeira ordem.

Se na Idade Média e parte da Modernidade o poder e a forma como as pessoas viviam giravam em torno da terra como matriz produtiva, a partir da consolidação do capitalismo, esse novo centro é a fábrica. Para Castells (2005), vivemos sob a égide de um novo modelo de desenvolvimento econômico e social, o modo informacional de desenvolvimento, ou seja, a fonte de produtividade é pautada pela tecnologia de geração de conhecimentos aliada ao processamento da informação e da comunicação de símbolos. O conhecimento e os dados são os motores da geração de riqueza atualmente. Essas características da sociedade informacional terão profundas

¹⁶ Profissionais e estudiosos que utilizam ferramentas e informações oriundas da área da tecnologia da informação para realizar análises preditivas sobre possíveis configurações da sociedade, economia e formação de subjetividade em um contexto digital disruptivo.

influências nas transformações que acontecerão no mundo do trabalho e a atividade docente provavelmente será afetada em algum grau por esse fenômeno.

A preocupação que gira em torno do conflito entre trabalho humano versus tecnologias perpassa agora atividades que antes pareciam imunes contra a substituição por processos automatizados e a inteligência artificial. A profissão de médico, advogado e professor, até pouco tempo eram consideradas insubstituíveis por conta da exigência de habilidades e competências preponderantemente humanas. Porém, agora os seus territórios e práticas vêm sendo ocupados gradualmente por tecnologias emergentes. A relação de ensino-aprendizagem, que é o objeto principal da presente investigação, pode ser potencializada e até substituída, em alguns casos, pelo uso de ferramentas digitais. No caso da profissão de professor, não significa um ultimato ou uma preconização determinista sobre o fim do trabalho docente realizado por humanos e a emergência de tecnologias digitais no seu lugar, mas aponta para a necessidade de repensar os métodos e as ferramentas de ensino diante do cenário inédito que se formou nos últimos anos.

Devemos concordar que, uma relação de ensino-aprendizagem é, antes de tudo, um processo comunicacional em torno de ideias, valores, informações e discussões. Todo aparato de apoio didático (lousa, pincel atômico ou giz, exposições, discursos, exercícios, dentre outros meios) funcionam como ferramentas de mídia. Um livro é um veículo de mídia. O quadro no qual escrevemos tópicos e conceitos relevantes, a explanação de um assunto por um professor e a forma como ele realiza essa tarefa, são processos comunicacionais. Com o advento de ferramentas e recursos tecnológicos cada vez mais sofisticados, aliados à velocidade com que evoluem e se difundem socialmente, a atividade docente precisa ser repensada sob outros parâmetros, mais especificamente a partir dos elementos que compõem a cultura digital.

Piva Júnior (2013, p. 25) afirma que a incrível velocidade com que são desenvolvidos os produtos tecnológicos impede uma delimitação precisa dos recursos informacionais digitais mais adequados para a aplicação educacional. Esse posicionamento é fundamentado pelo fato de que a novidade em assuntos tecnológicos no nosso tempo se dá com a mesma rapidez que a obsolescência. Para ele, o caminho para a aplicação educacional das ferramentas digitais reside na forma de organização e utilização delas. Artefatos tecnológicos em si mesmos não são

responsáveis pelo aperfeiçoamento do ensino. É a maneira como são utilizados que determinam o sucesso do processo. As ferramentas digitais devem ser compreendidas como um meio para um fim, que é o aprimoramento dos recursos e métodos de ensino.

O simples fato de colocar computadores no espaço escolar ou distribuir tablets e smartphones para alunos e professores não solucionará o hiato tecnológico que existe nas relações de aprendizagem que imperam no contexto educacional brasileiro. A transformação de fato ocorrerá com a implementação de tecnologias e ferramentas que possam ser colocadas em prática por professores preparados para a execução desta tarefa de mediar o saber e fomentar o conhecimento.

Piva Júnior (2013, p. 26) defende o uso de “arranjos tecnológicos”, os quais “referem-se a diversas disposições físicas dos equipamentos computacionais em um ambiente educacional” ou “espaços de aprendizagem” do inglês “*learning spaces*” que dizem respeito a espaços físicos ou virtuais, que causam impacto no processo de ensino-aprendizagem. O foco é concentrar algum potencial que facilite o processo: congrega pessoas, simula ambientes ou situações, experimentar, dentre outros aspectos. Tudo isso pode ser empregado como estratégia para a aplicação da tecnologia de forma prática, com capacidade de produzir efeitos na relação de ensino aprendizagem, observando as necessidades da instituição e do currículo. Dominar os processos tecnológicos emergentes e explorar as suas possibilidades pode se afigurar como uma opção positiva para professores, alunos e a própria escola como instituição. Nesse sentido, Castells afirma:

Sem dúvida, a habilidade ou inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias que são estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça o seu destino a ponto de podermos dizer que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou a sua falta) incorpora a capacidade de transformação social das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico (CASTELLS, 2005, p. 45).

É inegável que o mundo mudou e, junto com ele, também as pessoas. Novos estilos de vida e processos de produção de subjetividade são fomentados pela inserção das tecnologias da informação e comunicação (TICs) no cotidiano do homem contemporâneo. Estamos diante de um fenômeno inédito na história. Não sabemos como as coisas vão ser daqui para a frente. A única certeza é que vão ser muito

diferentes do que eram até o ponto em que nos encontramos. O virtual, o digital e o ciberespaço se imiscuem com a existência humana, de tal forma que não são claros os limites daquilo que é digital e o que é genuinamente humano. Quando consideramos as formas como as pessoas resolvem os seus problemas, recorrem a serviços ou aprendem, é difícil fazer qualquer coisa atualmente sem o uso da internet, que é a base, de acordo com (CASTELLS, 2005), para uma nova forma organizacional da sociedade na Era da Informação: a rede.

Ao mesmo tempo que a tecnologia patrocina novas formas de produção material, emerge também outras formas de identidade e condições bem específicas de formação da subjetividade para acompanhar o forte processo de transformação social e a maneira como as pessoas se reconhecem diante das condições que se anunciam. Em relação a esse aspecto, Castells afirma:

Os primeiros passos históricos das sociedades informacionais parecem caracterizá-las pela preeminência da identidade como seu princípio organizacional. Por identidade, entendo o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em um determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais (CASTELLS, 2005, pp. 57-58).

Não apenas Castells, mas também outros teóricos apontam para a ideia de que as tecnologias informacionais e a sua influência na cultura vêm modificando a forma como se manifesta a subjetividade no mundo atual, como Pierre Levy e os seus estudos sobre cibercultura, Lúcia Santaella e a sua abordagem das novas mídias e contemporaneidade, Paula Sibília e a influência das tecnologias emergentes nos corpos e na subjetividade dos indivíduos, dentre outros autores.

4 UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA PARA ALUNOS NATIVOS DIGITAIS NO IFBA - BARREIRAS

Partindo do pressuposto de que estamos passando por um processo de mudança profunda na nossa sociedade, patrocinada por uma forte influência das mídias digitais, defendemos que uma metodologia para o Ensino de Filosofia para Nativos Digitais passa pela esfera da comunicação. Quando se faz referência no presente trabalho à comunicação, estamos falando de uma certa maneira de conectar-se com as novas gerações, que não renunciam à utilização de ferramentas digitais para grande parte das atividades que realizam no seu cotidiano, desde comprar um lanche em um aplicativo até a busca espontânea de instrução pela internet para satisfazer ou sanar uma dúvida. Dessa forma, a inclusão de artefatos que possibilitem o acesso ao ambiente digital no processo de ensino aprendizagem se mostra de extrema importância se nós professores almejarmos a conquista da atenção dos jovens para as nossas práticas didáticas.

A ideia inicial que seria desenvolvida como produto deste trabalho era a elaboração de recursos paradidáticos, utilizando meios digitais que atuariam de forma complementar à maneira como acontecia o ensino de filosofia na sala de aula física. Todavia, com a chegada da pandemia do COVID-19 e a consequente suspensão das aulas pelo período próximo de um ano e o não retorno presencial no IFBA - Campus Barreiras no ano de 2021, tal pretensão se tornou inviável temporariamente.

Uma nova realidade se apresentou de forma obrigatória para os professores de todo o país: as aulas a distância fazendo uso de recursos digitais e a internet. Todos nós fomos obrigados (e muitos sem nenhum preparo prévio para a realização desta tarefa) a trabalharmos como editores de vídeo, dar aulas síncronas on-line por plataformas de videoconferência, investir recursos financeiros na compra de equipamentos de toda sorte, como novos smartphones, notebooks, microfones, tripés, iluminação, entre outros acessórios tecnológicos para conseguirmos realizar as nossas atividades laborais.

Sendo assim, o uso de tecnologias digitais, que no início do presente trabalho de pesquisa era tratado como uma inovação para a prática do ensino de filosofia no IFBA - Campus Barreiras, tornou-se o novo normal de forma impositiva no trabalho da maioria dos professores, considerando que o ensino a distância mediado por recursos

tecnológicos era a única forma de retorno às aulas, de modo que fossem observadas as medidas sanitárias e o distanciamento social preventivo.

O presente trabalho não só sofreu ajustes para a adequação da nova realidade, como também se colocou em um cenário no qual as possibilidades didáticas com ferramentas digitais investigadas poderiam ser testadas em uma situação real.

4.1 Como os nativos digitais utilizam os recursos digitais

Um dos primeiros desafios que enfrentamos foi descobrir como os alunos utilizavam os recursos tecnológicos digitais no seu aprendizado. Inicialmente, foi aventada a possibilidade da realização de uma pesquisa qualitativa (um questionário) para, a partir da análise dos relatos dos alunos, elaborar um perfil das práticas dos estudantes na internet, no uso de smartphones, aplicativos e outros recursos afins. Todavia, as respostas de natureza subjetivas e orientadas por perguntas abertas poderiam não oferecer o diagnóstico prático esperado.

A solução encontrada foi o aprendizado com os próprios estudantes. Ao partirmos da premissa de que trabalhamos com estudantes “Nativos Digitais”, nada mais razoável do que os observar utilizando tais tecnologias em busca de padrões que permitissem a compreensão dos seus hábitos em rede, bem como descobrir quais dispositivos e outros recursos eles utilizavam para aprender fora do terreno formal da sala de aula. Essa ideia surgiu a partir da leitura do livro “*Moonshots*¹⁷ na Educação: ensino híbrido e aprendizagem colaborativa na sala de aula”. Esther Wojcicki¹⁸ narra uma experiência prática que ela vivenciou no ano de 1987¹⁹: uma mobilização entre

¹⁷ O termo “*moonshot*”, de acordo com Wojcicki (2019), é utilizado para referir-se às metas que aparentemente são muito difíceis de atingir. Está relacionado com ideias inovadoras e desafiadoras. Foi inspirado no projeto espacial americano, que tinha o objetivo de levar um homem até à Lua e trazê-lo de volta em segurança. O plano era tão desafiador e inédito que poucas pessoas acreditavam na possibilidade de concretização dessa meta. Em 1969, Neil Armstrong foi o primeiro homem a pisar na Lua e retornou à Terra em segurança. A força do termo vem do trabalho colaborativo que foi empregado para a realização do ousado projeto da agência espacial americana. No âmbito da educação, “*moonshot*” é empregado para propostas educacionais inovadoras, que utilizam ferramentas digitais nas quais os agentes participantes são orientados por princípios como a colaboração e independência dos alunos para o uso das suas habilidades cognitivas.

¹⁸ Esther Wojcicki é professora de jornalismo e especialista em ensino híbrido com o uso de tecnologia na educação. Também atua como consultora de educação do Departamento de educação dos Estados Unidos. Colaborou com o Google na criação e desenvolvimento de vários aplicativos para educação.

¹⁹ Ela conta que o estado da Califórnia enviou oito computadores para a escola que lecionava. Todavia, nem Wojcicki e os seus colegas faziam ideia de como funcionava os equipamentos de informática. Então, ela procurou os alunos e relatou a sua ignorância em relação ao manuseio dos computadores e pediu ajuda a eles. Os seus alunos se comprometeram em compreender como funcionava os

ela como professora e os seus alunos, utilizando o trabalho colaborativo para aprender a utilizar computadores doados a sua escola pelo governo da Califórnia. Em setembro de 2019, eu assumi o risco de realizar uma experiência inspirada na situação pela professora Esther Wojcicki, ou seja, propor aos alunos a realização de uma atividade pouco convencional, considerando as práticas didáticas que realizávamos habitualmente. Relatei para os alunos que possuía pouco domínio sobre o uso de ferramentas digitais, mas que pretendia utilizar esses recursos nas nossas aulas e avaliações.

Concomitantemente ao trabalho formal com a disciplina de filosofia, também atuo no 1º ano do Curso Integrado de Informática, com o componente curricular PPA²⁰ (Prática Profissional Articuladora). Na culminância do projeto, solicitei aos alunos um trabalho em formato digital com a linguagem e as ferramentas que eles tivessem mais familiaridade. O tema dessa atividade foi o “*dataísmo*”²¹. Como resultado surgiram uma série de experiências espontâneas materializadas nos trabalhos, como blogs, podcasts, vídeos, páginas no Instagram e vídeos no YouTube, explorando a temática por várias linguagens e recursos digitais, utilizando o cabedal pessoal de habilidades de cada grupo de aluno para realizar o objetivo da atividade. Como objeto de análise, a parte mais valiosa desta atividade foi a possibilidade de compreender como esses

computadores, passado horas extras na escola com a professora e trabalhado também nos finais de semana. Em algumas semanas desvendaram o funcionamento das máquinas e essas passaram a fazer parte do cotidiano das aulas de jornalismo. Essa passagem é citada no livro para ilustrar a potência do trabalho colaborativo e do “*Moonshot*” como procedimento de reunir esforços para solucionar um problema desafiador.

²⁰ A Prática Profissional Articuladora é um componente curricular com carga horária de 60h incluída no programa de disciplinas do IFBA/Barreiras no ano de 2016. Tem como objetivo a integração de saberes de forma interdisciplinar. No 1º ano, a realização da PPA conta com a participação de quatro áreas do conhecimento distintas: Filosofia, Informática Básica, Matemática e Sociologia. Em cada ano letivo, os professores de cada área se reúnem e escolhem um tema a ser abordado de forma coletiva, mas com contribuições específicas de cada componente curricular. O tema escolhido no ano de 2019 foi “Desenvolvimento de softwares como suporte na aprendizagem do curso de informática”. A disciplina de Filosofia atua nesse cenário por uma perspectiva crítica, levantando questões e fazendo provocações para que os alunos pensem o objeto a partir de uma perspectiva não instrumental, considerando que grande parte da carga horária de aprendizado que é direcionada para o aluno é de natureza técnica. A intenção por trás dessa abordagem da Filosofia na PPA é a criação de uma tensão entre o aprender a técnica e o pensar a técnica e as suas condições de realização nas relações do homem com o seu entorno.

²¹ Para Harari (2016), o Humanismo como modelo de subjetividade que rege as sociedades modernas estão com os dias contados. Isso ocorre, por causa do avanço tecnológico exponencial que experimentamos na atualidade, principalmente, no campo da ciência de dados. Ele afirma que surgirá um novo paradigma de narrativa para dar significado à relação dos homens com o mundo, o *dataísmo* ou a “religião dos dados”. Trabalhamos com esse conceito na primeira unidade do componente curricular da PPA, com objetivo de pensar a tecnologia dos algoritmos e os seus possíveis impactos no futuro da humanidade, a partir da perspectiva de Yuval Harari.

alunos se comunicavam, quais os recursos que utilizavam e as ferramentas digitais que lançavam mão no momento de realizarem uma atividade didática. Para o presente trabalho, essa experiência foi um ponto de virada, porque permitia compreender aspectos subjetivos de como os Nativos Digitais se relacionava com a tecnologia observando as suas práticas e produções.

A repetição da experiência formou gradativamente uma cultura do uso de ferramentas digitais nas minhas aulas de Filosofia, antes mesmo do surgimento da pandemia do COVID-19. Do ponto de vista de um aperfeiçoamento didático, esse uso inicial, espontâneo e não sistemático de recursos digitais, permitiu a abertura de duas frentes promissoras para atender aos objetivos da presente pesquisa: o primeiro foi considerar que estávamos trabalhando com Nativos Digitais, ou seja, com pessoas que se sentiam muito confortáveis utilizando tecnologias informacionais nas suas práticas cotidianas. O segundo foi a formação de um repositório de atividades que se transformaram paulatinamente em conjunto de informações e modelos para nortear o posterior trabalho de intervenção com as turmas sob a minha responsabilidade.

Nesse momento inicial, a liberdade oferecida aos alunos para que demonstrassem aquilo que aprenderam nas aulas, trabalhos de pesquisa e outras atividades didáticas utilizando os recursos que considerassem mais adequados, trouxe um caráter lúdico às aulas de Filosofia. A elaboração de trabalhos utilizando recursos digitais de forma livre funcionou como um veículo de expressão da criatividade e de inventividade para os alunos. Entretanto, um aspecto preocupante do uso da tecnologia ficou bastante evidente já nesse período inicial de abertura para as possibilidades e potencialidades das ferramentas tecnológicas: a desigualdade entre os estudantes.

Ficou muito claro que os alunos que tinham acesso a equipamentos mais robustos e sofisticados, bem como conhecimento e expertise sobre a forma de como utilizá-los, conseguiam fazer produções muito mais elaboradas do ponto de vista técnico, ou seja, a produção e edição de vídeos com aplicativos pagos e computadores e *smartphones* com mais capacidade de processamento, refletia diretamente no resultado das atividades. Ao mesmo tempo que eu enxerguei com entusiasmo a possibilidade da implementação de novas práticas pedagógicas mediadas por recursos digitais, surgiu também a preocupação de que o uso de

tecnologias pelos alunos nas minhas aulas pudesse ter como efeito colateral a institucionalização da desigualdade entre eles²².

Nas atividades seguintes, fiz questão de ressaltar que o mais importante nessas práticas que desenvolvíamos era o conteúdo e não forma que os recursos digitais possibilitavam. Dessa maneira, não havia diferenciação entre as produções elaboradas com poderosos editores de vídeo e aquelas que se valiam de recursos como o gravador de áudio ou a câmera de um *smartphone*. O que precisava aparecer nos trabalhos era o nível de apropriação dos conteúdos discutidos nas nossas aulas, os elementos da pesquisa²³ e a capacidade de sistematização desses saberes. Antes da realização de qualquer proposta didática, é importante ter o cuidado de verificar se todos os alunos possuem as condições de recursos materiais, técnicos e habilidades necessárias para a realização das atividades solicitadas²⁴. Mostrou-se eficaz também a ideia de sugerir ferramentas e recursos que estão disponíveis de forma gratuita, de fácil acesso e assimilação. Se por um lado há liberdade para escolher de forma

²² Existe um rico debate sobre a questão da desigualdade social e o uso das novas tecnologias. Pode-se extrair também um raciocínio com implicações políticas se considerarmos que o detentor de um determinado saber e a posse de artefatos tecnológicos detém também uma espécie de poder, na medida em que amplifica as suas possibilidades de fazer e realizar coisas. Sendo assim, uma instituição, um grupo ou indivíduos com recursos tecnológicos e saberes especializados podem reproduzir a lógica de uma razão instrumental e acentuar ainda mais as desigualdades sociais, a partir do distanciamento daqueles menos equipados e menos adestrados nos processos tecnológicos. A esse respeito, Pischetola (2016) ressalta que o uso das mídias digitais pode reproduzir as fraturas existentes dentro de uma sociedade e favorecer o surgimento de novas posições e papéis dentro das redes sociais, contribuindo ainda mais com as desigualdades existentes e fazendo emergir outras.

²³ Uma habilidade que considero de extrema importância para o desenvolvimento da prática didática com a disciplina de Filosofia e que adoto há muitos anos com resultados que considero como bastante satisfatórios, é a prática da pesquisa. A noção de pesquisa aqui não consiste em um apanhado ou repertório de informações que os alunos entregam a partir da solicitação do professor. A forma como eu trabalho a noção de pesquisa com meus alunos está relacionada com uma atitude específica de busca, de exploração. É o desenvolvimento e o aprimoramento para uma atitude investigativa. Seguindo esse princípio, os alunos são sempre desafiados a reverem os seus próprios pontos de vista pela proposta de análise e comparação com outros discursos construídos de forma criteriosa e com fundamentos. Até mesmo aquilo que apresento durante as aulas e o que encontramos no livro didático de Filosofia pode também ser reconsiderado e submetido à crítica se alguém encontrar uma outra posição fundamentada sobre um determinado assunto ou tema. Em muitas ocasiões, eu mesmo já ajustei ou adequei o meu discurso a partir da apresentação de uma informação ou justificativa relevante por parte de um aluno. O resultado dessa prática durante o período de três anos que passamos juntos é a formação de uma comunidade investigativa habituada a buscar com autonomia os elementos fundantes das suas posições diante do mundo e não a mera repetição de fórmulas ou discursos construídos socialmente, seja dentro da escola ou fora dela.

²⁴ Tomamos o cuidado de não acentuar a distância tecnológica e econômica existente entre os alunos elaborando atividades e materiais didáticos de apoio, em que a sofisticação dos equipamentos ou os aspectos relacionados ao poder aquisitivo da família do aluno não fosse o principal fator determinante para o acesso ou realização dos trabalhos.

ilimitada os recursos digitais a serem utilizados, por outro lado também suscitam dúvidas em alguns alunos o ponto que se refere ao que deve ser feito e como fazer.

Dessa forma, a indicação de ferramentas que foram testadas com sucesso²⁵ e se mostraram apropriadas aos objetivos a serem alcançados pela disciplina, configurou-se como um princípio metodológico promissor, na medida em que apontava um caminho seguro quando comparado ao experimento disforme que propomos no início da implementação dos recursos digitais nas aulas de Filosofia. Ainda nessa fase de experimentação, percebi que, embora todos tivessem algum nível de envolvimento e proximidade com as tecnologias digitais, o conhecimento sobre estes recursos não era uniforme. Enquanto alguns possuíam bastante prática e intimidade com processos como roteirização e edição de vídeos, outros tinham mais destreza com o uso de redes sociais. A partir do momento que foi identificada esta discrepância e diversidade, passei a solicitar dos alunos que, antes de apresentar as suas produções, compartilhassem comigo e com os seus colegas o processo de elaboração do trabalho, ou seja, os recursos técnicos, aplicativos, plataformas e o tipo de conhecimento que era necessário para a elaboração daquele material.

De maneira espontânea e intuitiva foram aparecendo muitas possibilidades de utilização de ferramentas digitais, que permaneciam latentes e faziam parte da prática dos estudantes, contudo não eram utilizadas em ambiente escolar. Ao contrário de um seminário apresentado de forma presencial e que se esgota quando termina a exposição, os trabalhos em formato digital podem ser armazenados indefinidamente, servindo como repositório e material de memória. Essas produções culturais, além de servirem de modelo, de um saber fazer que pode ser reproduzido por outros alunos, também se afiguram como uma valiosa fonte de informações para a adaptação do trabalho pedagógico às necessidades do estudante nativo digital. A observação e

²⁵ Alguns recursos e ferramentas se destacaram em relação aos critérios de familiaridade e facilidade de uso e apropriação por parte dos alunos. Havia trabalhos em formato de vídeo, que podem ser editados, utilizando notebooks, PCs e até smartphones com aplicativos que rodam razoavelmente bem na maioria dos dispositivos móveis, como o KineMaster. Ademais, tinham produções em formato de *Podcast*, utilizando plataformas gratuitas, como a Anchor, disponibilizando o arquivo de áudio em um link do Google Drive ou por um canal no YouTube. Havia, além disso, a utilização de redes sociais, como o Instagram e o Facebook, que se mostraram também excelentes alternativas. A vantagem didática da utilização dessas duas redes sociais é que elas podem funcionar como uma espécie de “mural”, que suporta vários tipos de arquivos digitais, como fotos, vídeos, links, a possibilidade de tecer comentários e estabelecer interações, fazer mediações e restringir o acesso apenas às pessoas envolvidas nas atividades. As plataformas de criação de sites com domínios grátis, como a Blogger, a Wordpress e o Epizy também foram bastante utilizados pelos estudantes.

análise deste material permite identificar padrões e compreender os modos de fazer e de se manifestar desses jovens em um ambiente digital e os usos dos seus recursos.

Para a presente pesquisa, a observação do comportamento dos alunos em uma situação didática real na qual se solicitou que eles utilizassem os conhecimentos que, em hipótese, pertenciam aos nativos digitais, foi fundamental para a elaboração das estratégias de ensino de Filosofia que detalharemos a seguir. O vasto material de registros de imagem, áudio, vídeos e relatos espontâneos que emergiram durante as aulas e atividades orientadas, bem como os registros de dúvidas, sugestões e observações produzidas nos grupos de WhatsApp das turmas, permitiram a compreensão genérica da dinâmica utilizadas pelos estudantes e a forma como eles se expressam no cenário digital. Com esse conhecimento em mãos, foi possível fazer um levantamento dos recursos (equipamentos, aplicativos e softwares), que seriam necessários para implementar uma metodologia de ensino, bem como das habilidades e competências que eu, como docente e mediador do saber, precisaria adquirir para a realização dessa tarefa.

Fazemos um pequeno adendo para registrar que o surgimento da pandemia do COVID-19 e as suas implicações nas nossas vidas a partir de março de 2020, forçou uma série de alterações na nossa pesquisa. Inicialmente, o uso de ferramentas digitais nas aulas de Filosofia, objeto de investigação do presente trabalho, tinha um caráter incremental. A ideia era a de complementar o modelo de ensino que já era realizado presencialmente dentro da instituição escolar com esse universo de possibilidades inexploradas e não manifestadas do mundo digital. Pretendia-se construir um repertório paradidático para fomentar o engajamento dos alunos nas aulas de filosofia a partir de um território de interesse deles. Todavia, a privação do acesso ao espaço escolar, o distanciamento social, todo o cenário de comoção propiciado por esta tragédia de proporções planetárias, a suspensão das aulas impedindo a continuidade de experiências e a coleta de dados para a análise, tudo isso contribuiu para a alteração do curso e dos objetivos do presente trabalho²⁶.

Devemos concordar que este não foi o cenário ideal para executar, de forma prática, os processos e ferramentas que investigamos, com o objetivo de incrementar

²⁶ As aulas no IFBA - Barreiras retornaram apenas em 22 de fevereiro de 2021 com as AENPES (Atividades Educacionais Não Presenciais Emergenciais), regidas pela Resolução nº 30, de 23 de dezembro de 2020, que altera as normas acadêmicas da instituição provisoriamente para a realização do ensino na modalidade a distância e mediado por ferramentas digitais.

e abrir novas possibilidades para a prática de ensino que já realizávamos no IFBA - Barreiras. Todavia, um modelo didático realizado na sua totalidade por meios informacionais gerou um contexto muito favorável para a testar as estratégias e os recursos digitais pesquisados. A diferença é que, nessa nova condição, o uso de ferramentas digitais deixou de ser um acessório, para ser o único meio pelo qual podíamos realizar as nossas atividades de ensino.

Nos próximos capítulos descreveremos como aconteceu o processo formativo docente, considerando que o uso de ferramentas digitais exigiu o domínio de habilidades e competências específicas para a criação de conteúdos utilizando um aparato multimídia. Detalharemos, também, a exposição do referencial e os princípios que fundamentaram as escolhas e o caminho que decidimos seguir como desfecho prático para a intervenção.

5 A ESCOLA E O ENSINO DE FILOSOFIA NO MUNDO DIGITAL E OS SEUS DESAFIOS

Quando falamos em escola, a primeira coisa que pensamos é em um lugar físico com salas de aulas, espaços administrativos, áreas de convivência, quadra de esportes, bibliotecas e outros ambientes característicos que compõem a ideia e o ser dessa instituição no imaginário da maioria das pessoas. É muito difícil separar a noção de escola da de uma localidade, de um espaço dotado de materialidade, em que acontecem certas interações sociais.

Masschelein e Simons (2013) defendem a noção de escola como um lugar específico, no qual professores interagem com jovens por processos específicos para realizarem o aprendizado. Para eles, a escola é o lugar em que acontece o aprendizado. É um espaço no qual o tempo livre destinado à formação do espírito é democratizado desde a sua origem na Grécia Antiga. A escola, nesse formato, é um lugar de suspensão, que o estudante se desliga de todas as outras esferas da sociedade, por um período estabelecido para poder pensar sobre si mesmo.

Partindo da noção de que a escola é um lugar no qual acontece o aprendizado a partir de um método específico, uma questão de extrema relevância para a atual investigação se coloca: é possível a escola em ambiente digital ou no ciberespaço?

Sibilia (2012) pensa o colégio como uma tecnologia de época à serviço da formação de um tipo de subjetividade específica. Ele funciona à maneira de um artefato. Foi pensado para o contexto de uma sociedade moderna e a sua exigência de adestrar corpos dóceis e disciplinados, mas que, atualmente, encontra resistência e se mostra obsoleta em alguns aspectos, pelas profundas transformações em curso que afetam os indivíduos e a sociedade (SIBILIA, 2012, p. 13). Nessa mesma linha de raciocínio, consideramos o ciberespaço como ambiente/lugar no qual pode acontecer o aprendizado de Filosofia. O que antes se colocava como uma hipótese, as condições e interdições provocadas pela pandemia do COVID-19 tornou os meios digitais como única possibilidade para a realização das nossas atividades docentes. Milhares de professores em todo o país representaram as suas instituições de ensino não a partir de uma sala de aula física, mas das suas casas ou outros lugares, com o auxílio de algum dispositivo eletrônico, como um smartphone ou notebook e o acesso à internet.

O ensino com ferramentas digitais exige estratégias próprias e muito distintas daquelas que podem ser aplicadas em uma sala de aula física, que dispõe de toda uma arquitetura, disposição do mobiliário para garantir que a atenção do aluno vai estar voltada para o professor e a lousa. Além disso, ainda temos as paredes que completam a ideia de um lugar de confinamento dos corpos e retenção da atenção do aluno exclusiva para aquele espaço. Todavia, mesmo com todo este aparato, nem sempre é possível garantir o foco do aluno nas atividades que são realizadas neste recinto.

Nos ambientes digitais, o grande desafio é a conquista da atenção do aluno. Os dispositivos eletrônicos até pouco tempo não eram utilizados pelos estudantes para fins educacionais, mas para atividades relacionadas a algum tipo de entretenimento, como jogar, acessar redes sociais, assistir a filmes e séries ou aprender algum *hobby*. Colocar esses recursos tecnológicos a serviço de um processo de ensino-aprendizagem sem tornar essa tarefa enfadonha ou desprovida de significado é uma das dificuldades superadas quando se opta pelo uso de tais ferramentas, como bem pontua Sibilia (2012):

Ainda assim, o risco mais ameaçador é que os aparelhos se convertam num novo e poderoso agente de dispersão ou de fuga do confinamento, o qual parece haver perdido o seu sentido, de modo ainda mais evidente ao ser informatizado. Depois de permitir o acesso ao fluxo – mesmo sabendo-se que, de fato, seria tolo ou inútil tentar barrá-lo - agora será ‘ensinar’ a lidar com ele. Trata-se de algo extremamente difícil, para o qual os professores deveriam ser ‘capacitados’ tanto ou mais do que para lidar com os computadores e seus programas didáticos (SIBILIA, 2012, p. 185)

Temos aqui o problema da relação ambivalente entre tecnologias digitais e o ensino. Se por um lado diminui distâncias e amplia as possibilidades de recursos e ferramentas inovadoras, por outro, ao prescindir da presença física de outros seres humanos para estabelecer vínculos realizar trabalhos, não é só o risco da dispersão que se coloca, mas o aprofundamento da condição nefasta de isolamento social e o estabelecimento de relações frias mediadas por telas e teclados, como bem ilustra Fava (2018):

Não há como negar os benefícios que obtivemos com os avanços tecnológicos, mas estar ciente dos aspectos negativos e prejudiciais do uso excessivo de eletrônicos evitará armadilhas desnecessárias. O isolamento social, por exemplo, pode ser um problema. Muitas pessoas estão corporalmente próximas e emocionalmente distantes, fisicamente perto,

todavia não juntas, pois ficam isoladas em seu próprio mundo digital, muitas vezes enfiadas na tela de um dos mais desejados, dominantes e prestigiosos deuses tecnológicos: o smartphone (FAVA, 2018, p. 81).

Nesse contexto de educação em um ambiente virtual com o uso de ferramentas digitais, o professor e todo o corpo pedagógico devem ter, além de algum grau de conhecimento e expertise sobre o manejo desses artefatos, sensibilidade para a condição do aluno em várias dimensões. Faz-se necessário ter muito clara a ideia de que os equipamentos e dispositivos implicam custos. As atividades, principalmente as de natureza assíncrona, como assistir a vídeos e leitura de textos, precisam ser pensadas para que não extrapolem uma carga horária razoável e ocupem o tempo reservado para os seus outros compromissos cotidianos. É preciso não se descuidar de questões como o tempo de tela e diversificação dos recursos tecnológicos utilizados nas aulas, trabalhos e materiais de apoio, de modo a garantir que todos tenham acesso e se apropriem de parte significativa dos resultados da estratégia didática empregada.

O professor exerce um papel fundamental no processo de ensino que envolve tecnologia. Todavia, há a necessidade de desempenhar uma função diferente daquela exigida no modelo de ensino presencial tradicional. Quando observamos a escola como equipamento, percebemos que essa tecnologia foi pensada para que ali acontecessem determinadas práticas. Por mais inovador e criativo que seja o docente, é muito difícil fugir da aula expositiva, da relação na qual o educador fica à frente da sala enquanto os alunos permanecem enfileirados ou em formato de semicírculo escutando uma preleção. Essa crítica não implica a ideia de descartar a aula expositiva, mas apontar para outras práticas didáticas possíveis a partir do uso de artefatos tecnológicos.

O ambiente digital é fluido e flexível. Ele permite um universo ilimitado de possibilidades e arranjos, que vão desde uma configuração próxima do tradicional, como uma apresentação via Google Meet até a desenhos instrucionais com roteiros didáticos mais contemporâneos, fazendo uso de jogos, vídeos sob demanda para uma turma específica, criação de materiais didáticos e apresentações interativas usando ferramentas como o Canva e explorando o potencial de redes sociais, como YouTube, Facebook, Instagram, dentre outras redes. Quem trabalha com o Ensino de Filosofia para jovens e adolescentes, não se surpreende com as relações que eles fazem entre

os conteúdos e conceitos que trabalhamos com elementos trazidos por eles do mundo digital. É muito comum em uma discussão didática sobre a ética presente em “O Príncipe” de Maquiavel, na qual o filósofo expõe o que seria o código de conduta ideal para que o soberano possa conquistar e manter o poder, que algum aluno faça referência à série “*Game of Thrones*”. Um caso semelhante acontece quando discutimos o niilismo de Nietzsche e a ausência de esperança como uma espécie de liberdade, na medida em que o homem lançado ao mundo sem Deus e sem uma moral superior que condicione a sua conduta, está livre para criar os seus próprios valores. Essa situação quase sempre é relacionada com o destino dos personagens da série “*Breaking Bad*”, mais especificamente a saga do professor de química, Walter White, que passa a agir a partir de uma “moral de senhor” nietzschiana, aceitando a natureza trágica da vida.

O exemplo citado acima serve para ilustrar a ideia de que o uso ferramentas digitais não se resume à escolha de aplicativos, criação de vídeos ou ao emprego de dispositivos eletrônicos no processo pedagógico. Esse uso pode ser indireto e muito profícuo para dar relevância e significado aos conteúdos trabalhados. O professor, ao assumir o papel de mediador, não significa que ele tenha o controle total de todo o processo de ensino aprendizagem. O conhecimento sobre os hábitos dos alunos nativos digitais é de fundamental importância para a criação de estratégias didáticas que potencializem o aprendizado. O fato dos estudantes sempre citarem séries e filmes nas aulas de filosofia porque identificaram alguma relação entre o conteúdo que está sendo trabalhado e os acontecimentos e eventos que aparecem em uma série ou filme, sinaliza que eles utilizam com frequência plataformas de “*streaming*” como Netflix e Amazon Prime Vídeo. Dessa forma, pensar o planejamento de aulas ou a produção de conteúdos instrucionais a partir de temas e produtos culturais que fazem parte do espectro de interesse dos estudantes, também se configura como o emprego de ferramentas digitais aplicadas ao ensino.

Um aspecto a ser considerado nesse caso é a conquista da atenção do aluno, ou seja, levar a Filosofia para o *locus* de interesse do estudante, de modo que, conteúdos, conceitos e discussões que são constantemente acusadas de ficarem encasteladas dentro dos muros das universidades ou em círculos culturais restritos, passem a povoar o cotidiano dos alunos, de forma tão natural quanto assistir a um vídeo no YouTube, Tik Tok, acessar uma rede social ou jogar no *smartphone*. Dessa

forma, o ensino de filosofia, por mais que aconteça na escola, é influenciado e se complementa com as experiências que os alunos trazem dos espaços e dos seus hábitos digitais.

6 PROCESSO DE FORMAÇÃO DO DOCENTE DE FILOSOFIA PARA O USO DE FERRAMENTAS DIGITAIS E AS POSSIBILIDADES DE APRENDIZADO NA REDE

O uso de ferramentas digitais no processo didático exige que o professor domine certas habilidades e competências em relação a esses recursos. Bons equipamentos e algum investimento financeiro também é necessário para conseguir realizar o trabalho com alguma qualidade. Entretanto, existe um leque amplo de possibilidades para colocar em prática estratégias e arranjos interessantes, sem precisar gastar muito e alcançar os resultados de aprendizagem esperados.

O que vou narrar aqui é uma experiência formativa pessoal. Contudo, o caminho trilhado pode servir de modelo para outros colegas que desejem replicar a experiência ou aperfeiçoar o processo apresentado contribuições e críticas, de forma a melhorar o produto desta pesquisa.

Após um processo de escuta com os alunos de todas as turmas que eu trabalhei nos anos de 2019 e início de 2020, o recurso didático extraclasse mais recorrente que apareceu nas falas dos estudantes foram os vídeos do YouTube. Alunos chegaram a relatar que não prestavam atenção às aulas de algumas disciplinas e, posteriormente, assistiam a vídeos da plataforma citada. De acordo com eles, em muitas ocasiões, apropriavam-se melhor do conteúdo didático dessa maneira, do que na própria aula presencial.

Ao falar sobre educomunicação, Gómez (2014) ressalta que nos últimos anos a propagação das redes sociais provocou uma transformação significativa no perfil das audiências. Quando existiam apenas meios de comunicação como a televisão, rádio e jornais, os receptores da mensagem tinham pouco poder de interferência no processo de criação e seleção do conteúdo que seria distribuído. Com o advento, a evolução e a consolidação das tecnologias da comunicação que utilizam a internet, o receptor também passa a ser autor e produtor de conteúdo. Dessa forma, atores que tinham um alcance comunicacional restrito a poucas pessoas, como é o caso de um professor na sala de aula, ao explorar as potencialidades de uma rede social, fazem com que a sua mensagem e o seu conteúdo ultrapassem os limites da sala de aula esteja disponível para um contingente ilimitado de pessoas como seu público-alvo (GÓMEZ, 2014, p. 33).

Inicialmente, é uma tarefa muito difícil e embaraçosa estar diante de uma câmera para produzir um vídeo com finalidade didática. Diferentemente do ambiente da sala de aula, quando podemos olhar nos olhos dos nossos alunos, perceber as reações de anuência ou desaprovação em relação àquilo que estamos falando, a relação com a câmera é fria e solitária.

Independentemente do juízo de valor que possamos fazer em relação ao uso de ferramentas digitais na educação, entendida aqui como um processo de formação do espírito ou a construção de um certo modo de ser e existir no mundo, não podemos esquecer que o homem é produto do seu tempo, na medida em que a sua vida se desenvolve dentro de um certo contexto. Mesmo que consideremos perniciosos certos tipos de relações mediadas por máquinas, algoritmos e telas, é inegável que este é um dos principais meios de interação entre os jovens contemporâneos. Sendo assim, por mais que os questionamentos em torno da ideia que desdobra os benefícios ou incongruências da inserção de ferramentas digitais nas rotinas do ensino formal sejam necessários, devemos reconhecer que a mediação da instrução por vias digitais é uma realidade, provavelmente, sem retorno na sua integralidade às mesmas condições que experimentávamos antes da pandemia do COVID-19. A apropriação de métodos, domínio de ferramentas, compreensão da maneira como os usuários destas ferramentas se comunicam e se expressam nos ambientes informacionais é de fundamental importância para o trabalho docente daqui para a frente.

Há pouco tempo, o que era para ser somente uma alternativa ou possibilidade didática, tornou-se a principal forma de praticar a educação formal no Brasil a partir de 2020. O uso de tecnologias que assustavam e causavam toda sorte de resistências em nós professores, transformou-se no meio pelo qual passamos a ministrar as nossas aulas. Tudo isso aconteceu de forma repentina e não planejada como projeto. Termos como Metodologias Ativas²⁷, Sala de Aula Invertida²⁸, *Design Thinking*²⁹ e

²⁷ Bacich *et al.* (2018, p. 4) define metodologias ativas como “estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida. As metodologias ativas num mundo conectado e digital, expressam-se por meio de modelos de ensino híbridos, com muitas possíveis combinações. A junção de metodologias ativas com modelos flexíveis e híbridos traz contribuições importantes para o desenho de soluções atuais para os aprendizes de hoje”.

²⁸ Ainda segundo Bacich *et al.*: “Na abordagem da sala de aula invertida, o aluno estuda previamente, e a aula torna-se o lugar de aprendizagem ativa, onde há perguntas, discussões e atividades práticas” (BACICH *et al.*, 2018, p. 29).

²⁹ “*Design thinking* (DT) é o nome dado à apropriação por outras áreas do conhecimento da metodologia e sistemática utilizada pelos *designers* para gerar, aprimorar ideias e efetivar soluções. O DT tem

Ensino Híbrido, que se incorporaram ao nosso vocabulário, desafiando a nossa compreensão e nos inserindo em um mundo novo, permeado por cabos, conexões e dispositivos eletrônicos, ordenando o nosso fazer pedagógico.

No que tange à formação para trabalhar com recursos digitais, não queremos nos referir à ideia de que o professor deve retornar à academia para complementar ou reaprender a realizar o seu trabalho. Seria contraditória a defesa de que desaprendemos a fazer um trabalho que já desempenhamos há tantos anos por causa do surgimento de um novo recurso didático. Da mesma forma que os estudantes não precisaram cursar uma graduação para inserirem recursos digitais nas suas rotinas, mas foram ampliando o seu leque à medida em que a necessidade de atingir certos objetivos, como instalar um aplicativo como o Discord³⁰ que permita comunicar-se durante uma partida de Free Fire³¹ ou Roblox³², o professor também pode lançar mão de estratégias parecidas para adquirir habilidades, competências e o conhecimento sobre as ferramentas digitais mais apropriadas à prática didática que se pretende implementar. No universo da cultura colaborativa de compartilhamento de saberes, existe um extenso rol de possibilidades de aprendizado disponível na própria rede.

Já mencionamos que compreendemos uma aula como o processo de comunicação de informações, ideias e experiências. É no encontro entre o aluno e o professor que acontece um intercâmbio simbólico entre subjetividades. Qualquer ferramenta ou meio que potencialize essa comunicação, tem como consequência também ampliação das possibilidades de mediação do conhecimento. Recursos como o livro, que pode represar a palavra escrita para comunicar ideias, dispositivos e artefatos de áudio que permitiram que chegassem até os nossos tempos a voz e o discurso de personalidades que já não estão mais entre nós e, mais recentemente o vídeo, que possibilita capturar a imagem em movimento e reproduzir um momento que não existe mais, demonstram a importância de tais tecnologias para a preservação da

características muito particulares que visam facilitar o processo de solução dos desafios cotidianos com criatividade e de forma colaborativa. Graças a elas, pode-se dizer que o DT provoca a inovação e a ação prática” (BACICH *et al.*, 2018, p. 153).

³⁰ Discord é um aplicativo de voz, que permite a comunicação entre vários usuários em tempo real durante uma partida on-line.

³¹ Free Fire é um dos jogos de ação mais populares entre os adolescentes na atualidade. Faz parte de uma categoria conhecida como Battle Royale, que tem como objetivo principal ser o sobrevivente entre dezenas de jogadores vivos no mesmo mapa.

³² Roblox é uma plataforma de mundo aberto e simulação do multiverso, que permite aos jogadores criarem completamente os seus próprios mundos virtuais e se comunicarem dentro da plataforma, com um ambiente de experiência imersiva e constante interação entre os jogadores.

memória e para a acumulação do conhecimento humano disponível para outras gerações. Muitas experiências e saberes se perderam ou existem apenas entre as nossas lembranças, na ausência de recursos técnicos capazes de conservá-las para que possam ser acessadas por outros indivíduos posteriormente.

Como a emergência dessas tecnologias de comunicação é recente, existe um campo muito amplo no sentido de compreender, aplicar e consolidar processos dedicados à instrução e ao ensino.

Chirrollet (2001) argumenta sobre a importância da Filosofia e os que trabalham com ela também estar presentes nos ambientes informacionais:

Limitar-se à análise idealizante das obras filosóficas equivale a fechar os olhos ao ambiente informacional das filosofias, e a fazer como se “a filosofia” – noção, de resto, *problemática* relativamente à diversidade das formas culturais da sua expressão – formasse um território absolutamente separado do resto do mundo e dos seus tipos de expressão intelectual, ideológica, artística ou científica. Sensibilizado para as tecnologias da informação multimidiática, o filósofo seria levado a tomar uma consciência ampliada, e sobretudo mais incisiva, do seu papel humano e intelectual na Cidade, pois deixaria de ter o sentimento um pouco elitista de pertencer a uma casta de “pensadores” profissionais, de quem a tradição ocidental quer que estejam mais ou menos fora da quotidianidade e acima da heterogeneidade do mundo da informação extra-filosófica. É por isso que, formado para a análise de conteúdo, esse filósofo seria capaz de assumir, através da sua reflexão *instrumentada* a diversidade luxuriante tanto dos conteúdos informacionais da sua época, como daqueles que são proporcionados pelo brilho da tradição filosófica (CHIROLLET, 2001, p. 65-66).

Chirrollet (2001) aponta a possibilidade de conciliação entre a tradição filosófica e a esfera informacional. Ela enxerga, inclusive, uma grande vantagem na ideia do profissional da filosofia ocupar esses espaços, principalmente pela sua reflexão “instrumentada”, permeada por um lastro cultural, que permite a atuação de forma mais profícua no debate público.

Sendo assim, considerando que as novas mídias são uma realidade na sociedade contemporânea e estão presentes com muita intensidade na vida dos estudantes, torna-se um elemento de grande relevância para quem atua na docência atualmente o domínio de um leque de ferramentas digitais, principalmente aquelas destinadas à comunicação, para uma aproximação mais fecunda com os estudantes nativos digitais. Dentre as ferramentas digitais e competências que se mostraram mais importantes no curso da presente investigação, no que tange ao produto/experiência didática que realizamos, podemos destacar:

- a) o acesso e o conhecimento do funcionamento de redes sociais;
- b) as habilidades e os conhecimentos sobre os aplicativos de edição de áudio e vídeo;
- c) o uso e o conhecimento das potencialidades de aplicativos de mensagem;
- d) o conhecimento e as habilidades relacionadas à roteirização de narrativas e *storytelling*³³.

Faz-se necessário chamar a atenção para o fato de não existir uma fórmula mágica para o uso de ferramentas digitais no ensino. As habilidades e os recursos que apontamos estão relacionadas com o caso concreto do presente trabalho. A seguir, apresentaremos algumas ferramentas e processos que empregamos como um modelo que pode ser replicado, adaptado ou, ainda, desenvolvido/refinado. Partindo das experiências e investigações que realizamos, a orientação que podemos deixar é que o docente faça um levantamento das ferramentas que são mais adequadas aos objetivos didáticos e à sua expertise, com o uso de aplicativos e dispositivos que ele tem acesso.

Ao mesmo tempo que surgem a todo momento novas ferramentas e possibilidades de aplicação, a criação de conteúdos voltados para a educação e o ensino tem um caráter muito pessoal, muito semelhante ao trabalho de pintar um quadro, em que cada artista possui um estilo e traços peculiares.

Ensinar é um processo de deixar claro, de evidenciar o conhecimento e torná-lo acessível para quem ainda não o possui. Ensinar Filosofia, por sua vez, exige tanto a compreensão do repertório conceitual inscrito na tradição, quanto o despertar de uma atitude, uma forma de enxergar o mundo que permita a reflexão, pensar sobre si mesmo e sobre a sua realidade circundante. Falamos em metodologias e estratégias didáticas quando nos referimos a esse caminho, essa via que serve para mostrar aquilo que está oculto, velado ou distante daquele que aprende. Com o uso de ferramentas digitais, mais especificamente o emprego de vídeos permeados de

³³ Para a criação de narrativas audiovisuais, esse é um elemento muito importante. Remete-se a uma certa forma de contar histórias, tornando-as carismáticas e empolgantes para o espectador. É também um conjunto de técnicas utilizadas por roteiristas e escritores para tornar os relatos mais atraentes e adequados ao tipo de mídia que se está utilizando. Não devemos esquecer que a utilização de vídeos e narrativas em formatos digitais só terá o impacto desejado se conseguir conquistar a atenção do aluno para o conteúdo que está sendo trabalhado.

elementos multimídia³⁴, pretendemos aproximar o conteúdo que constitui o saber filosófico que já ministrávamos há alguns anos, dentro da sala de aula tradicional, com os recursos didáticos que tínhamos em mãos (quadro negro, piloto, projetores de imagem, livros e aulas expositivas), dessa vez com o auxílio de mídias de natureza informacional.

Nos últimos dois anos, construiu-se uma nova cultura e se acentuou o uso de dispositivos eletrônicos para fins instrucionais. Daí uma necessidade ainda maior para o uso de ferramentas digitais no cotidiano pedagógico. É inegável que as redes sociais mudaram a maneira de organizar a comunicação. Essas transformações moldaram as formas de percepção do aluno que nasceu no século XXI e utiliza essas tecnologias informacionais para realizar trocas simbólicas de forma natural e orgânica. Os hábitos e práticas constituídos nos anos de 2020 e 2021, em decorrência da pandemia do COVID-19 e da necessidade de fazer educação e ensino a distância, em que os meios possíveis e adequados passavam pelo uso de ferramentas digitais de comunicação, aproximaram docentes e estudantes da cultura digital, que se mostravam até aquele momento distantes da escola e ocupavam, no máximo, a condição de recursos alternativos. Já utilizávamos a Internet para realizar pesquisas, indicávamos canais e conteúdos no YouTube, tínhamos grupos de WhatsApp da turma e dos professores, mas nada que pudesse ser comparado ao nível de imersão vivenciado no ano de 2021, quando todos nós fomos obrigados a aderir ao universo digital. O grande desafio ao retornarmos ao modelo de ensino presencial é estabelecer um equilíbrio entre essa cultura digital que se formou e as práticas pedagógicas tradicionais.

6.1 Ferramentas digitais aplicadas aos temas filosóficos

O uso de ferramentas digitais no ensino é semelhante ao trabalho de qualquer artífice. Quanto melhores as ferramentas que ele tem disponível, somado à sua habilidade e experiência com o manejo delas, melhores e mais potentes serão os resultados. No desenvolvimento presente trabalho, partimos do mais inexpressivo e limitado nível de conhecimento do emprego de ferramentas digitais para comunicar-se com os estudantes, até o ponto em que já era possível realizar experiências

³⁴ Nos referimos ao uso de uma mensagem digital, que pode ser representada por vídeo, áudio, animações mescladas, com mídias tradicionais (texto, gráficos e imagens), de forma simultânea.

pedagógicas significativas. A prática constante e a busca de ferramentas mais adequadas ao modelo de comunicação que se pretende estabelecer para expressar aquilo que concebemos como ensino de Filosofia, permitiu, não só o ambiente das redes sociais se tornassem um lócus bastante familiar, como também um excelente substituto ou complemento dos tradicionais quadros-negros que sempre utilizamos na nossa atividade docente. Era na lousa que ponderávamos considerações relevantes, conceitos, nomes de filósofos, citações e outras impressões que considerávamos relevantes para o aprendizado do aluno.

A própria disposição da sala de aula é pensada para que a atenção do aluno esteja voltada para o lugar em que está o professor e o quadro. Esse elemento, a atenção, é algo tão importante, que durante muito tempo os professores estavam autorizados a solicitar a retirada da sala de aula dos alunos que não estivessem dando a devida atenção àquilo que estava sendo discutido no momento. Secretamente, sempre foi o desejo de todo professor possuir um dispositivo ou fórmula de exposição capaz de não apenas reter a atenção do aluno, mas que os discentes também considerassem as suas aulas e a sua maneira de expor o conteúdo atraentes e relevantes.

As ferramentas digitais, principalmente aquelas de apelo estético maior, ou seja, aquelas com maior capacidade de afetar os sentidos, constituem-se como um excelente caminho para tornar as aulas mais estimulantes.

Portanto, o aspecto estético, e aqui não estamos falando de beleza, mas de elementos e situações capazes de afetar a percepção dos indivíduos para um determinado objeto, pode ser de grande valia para o aprimoramento do ensino da Filosofia. É inegável a contribuição da história do pensamento filosófico para a humanidade. Entretanto, todo esse valioso saber encontra obstáculos para a sua difusão e apropriação por um número maior de pessoas em grande medida por conta de aspectos relacionados à forma como esse saber é mediado e transmitido.

É comum profissionais da Filosofia no Ensino Médio recorrerem a estratégias didáticas como o uso de filmes, histórias em quadrinhos, colagens e mapas mentais como uma forma de aproximação entre conteúdos próprios da disciplina de Filosofia e os alunos. O forte caráter subjetivo e a constante necessidade de abstração para a compreensão do repertório de saberes produzidos pela História da Filosofia, muitas vezes, colocam-se como obstáculos entre o conhecimento filosófico e alunos do

ensino médio que ainda não dominam o vocabulário próprio dos textos clássicos, bem como a expertise e a paciência para a decodificação e interpretação das ideias presentes nessas obras. A imagem, nesses casos, tem o poder de fazer a mediação facilitando a compreensão de ideias que, de outra forma, se apresentariam com bastante dificuldade para parte dos alunos.

O uso de recursos instrucionais multimídia tem como uma de suas principais vantagens a possibilidade de estimular e sensibilizar o aluno em relação a determinados temas filosóficos, bem como atender a outras necessidades do fazer pedagógico da Filosofia como componente curricular, como a criação de materiais específicos para estudantes com necessidades especiais.

7 INTERVENÇÃO DIDÁTICA COM ENSINO DE FILOSOFIA MEDIADO POR FERRAMENTAS DIGITAIS

Nas próximas páginas, vamos descrever as etapas e os princípios orientadores da intervenção didática que implementamos na nossa rotina de Ensino de Filosofia no Instituto Federal da Bahia. Já mencionamos que a ferramenta escolhida de forma incremental como apoio foi a utilização de vídeos.

7.1 O vídeo como instrumento didático nas aulas de filosofia

Quando nos referimos à ideia de vídeo como ferramenta digital passível de ser utilizada tanto nas aulas de filosofia, quanto no processo instrutivo em geral, considerando que o aprendizado não fica circunscrito ao território da sala de aula apenas, mas também nas interações sociais e, mais recentemente também aos ambientes virtuais, nos referimos a um conjunto bastante complexo de elementos que envolvem a elaboração de conteúdos a partir desse meio. O vídeo é, antes de tudo um discurso, uma operação de comunicação de ideias. A feitura de um vídeo não se resume ao caráter técnico de manipular imagens. Ela envolve aspectos semióticos nos quais buscamos enunciar certos significados que a linguagem escrita e a oral, que utilizamos normalmente nas nossas práticas didáticas na sala de aula, não alcançam. É, dessa forma, um caminho para potencializar o impacto no imaginário do aluno da mensagem que almejamos transmitir por esse recurso pedagógico. Também é resolvida a questão da suposta falta de dinamismo nas aulas de Filosofia com os recursos tradicionais, oferecendo elementos complementares de estímulo, contribuindo para a retenção da atenção do aluno para as questões que estão sendo discutidas no processo de ensino.

O uso do vídeo como instrumento didático também se alinha à competência 5 da BNCC³⁵, que prescreve o uso de tecnologias digitais para:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e

³⁵ A nova BNCC do Ensino Médio foi homologada em dezembro de 2018, com previsão de implementação dois anos após homologada. Uma das inovações desse documento é uma atenção especial ao papel das novas tecnologias da informação e comunicação na formação dos estudantes.

disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 9).

Percebemos que o documento institucional que norteia o currículo e as rotinas educacionais no sistema de ensino brasileiro desde o ano de 2018 já legitima e regulariza práticas que propomos no presente trabalho. Reconhece-se o uso de aparatos digitais não só como instrumentos, mas também uma cultura que se cristaliza na vida dos indivíduos e da coletividade contemporânea.

Sendo assim, as experiências que realizamos, mesmo no contexto pandêmico, que exigiam o emprego de recursos digitais de forma emergencial para a realização das atividades de ensino, mostraram-se em forte consonância com o rumo que a educação contemporânea está tomando. Construímos, inicialmente, uma sequência didática que adotava, além das ferramentas informacionais comuns sugeridas pela coordenação pedagógica (a exemplo do Google Meet, Google Classroom, WhatsApp, textos em formatos digitais e a indicação de links de vídeos hospedados em plataformas, como o YouTube), um material de cunho instrucional autoral em formato de vídeos.

7.2 Descrição das condições de ensino, recursos utilizados e resultados obtidos

As aulas no Instituto Federal da Bahia - Campus Barreiras retornaram no mês de fevereiro de 2021, regidas pela resolução nº 30 de 23 de dezembro de 2020, que alterava, provisoriamente, as normas acadêmicas para permitir a modalidade de ensino a distância formalmente. Destacamos dois artigos dessa resolução que impactam diretamente nas estratégias didáticas que adotamos: o art. 3º que permitem que as aulas possam ser em formato síncrono ou assíncrono e libera o uso de ferramentas digitais para as atividades de ensino e o art. 4º que, delibera de forma explícita que o uso de tecnologias da informação e comunicação para o ensino é facultativo. Portanto, esse é um ato discricionário, ficando a cargo do docente o uso ou não de recursos pedagógicos digitais.

Precisamos fazer um adendo explicativo para a situação de ineditismo destas condições de trabalho. Além de não existir uma metodologia consolidada comum que pudesse orientar a nossa prática docente em condições de um ensino a distância, a sequência didática que pretendíamos desenvolver com o uso de ferramentas digitais

com a disciplina de Filosofia também não foi pensada para essa conjuntura específica. Com a previsão do retorno das aulas presencialmente no ano de 2022, ficou evidente que a experiência executada sob essa situação de ensino emergencial seria única, e os resultados da sequência didática aplicada valem para esse momento em específico e, provavelmente, em condições normais de aulas presenciais, possa haver alguma alteração ou ajuste. Dessa forma, optamos também por realizar um planejamento de atividades e ações construídas a partir do conjunto de experiências e referências que conseguimos nos apropriar durante o percurso da nossa pesquisa para serem aplicados também em condições do ensino presencial no Instituto Federal da Bahia - Campus Barreiras, que se iniciou no mês de fevereiro de 2022. Sendo assim, a utilização de vídeos em formato digital como estratégia de ensino de filosofia como produto resultante da investigação em curso cobre tanto o período de ensino não presencial quanto também o modelo de ensino presencial tradicional, no qual exercemos as nossas atividades pedagógicas regularmente.

A experiência de ensino de Filosofia com vídeos aconteceu nas turmas de 1º e 2º anos dos cursos de Ensino Médio integrado no IFBA - Campus Barreiras - Ba. Todavia, vamos tomar apenas as turmas de 2º ano como recorte para a descrição, considerando que os resultados obtidos foram muito semelhantes.

Os procedimentos didáticos que empregamos com as turmas sob a nossa responsabilidade no ano letivo de 2021 tiveram como lastro legal a resolução nº 30/2020 do IFBA³⁶, que permitia uma ampla liberdade para o uso das ferramentas digitais e procedimentos que considerássemos adequados para a modalidade de ensino que este dispositivo legal disciplinava. Como tratamos agora da abordagem específica, reiteramos a nossa escolha da criação de vídeos como estratégia didática por considerar uma ferramenta que se adequava e complementava o modelo de ensino que já desenvolvíamos anteriormente, que tinha como principais instrumentos didáticos a aula expositiva, o debate de ideias em sala de aula, a análise de conceitos, as atividades de pesquisa e a leitura de textos.

Elegemos o celular como a ferramenta de interface mais apropriada para exibir os conteúdos digitais que criamos com a finalidade didática para os nossos

³⁶ Disponível em: https://portal.ifba.edu.br/camacari/noticias-2/noticias-2021/documentos-noticias-2021/2021_aenpe_resolucao30_alterares19_2020_regulamentaaenpe_03fev.pdf. Acesso em: 14 fev 2022.

estudantes. Esse dispositivo atende ao critério de acessibilidade, considerando que a grande maioria, senão a totalidade dos alunos, possui um aparelho. Ele é de fácil manuseio e extremamente familiar ao sujeito Nativo Digital, sendo praticamente uma extensão da existência deles. O celular é o principal meio de acesso à internet utilizado pelos brasileiros, de acordo com a PNAD 2019³⁷, além de possuir algumas vantagens em relação a outros dispositivos, como o notebook, que além de ter preços impeditivos para parte de nossos alunos, é um artefato menos ágil para ser transportado. Outro fator observado no processo de criação dos vídeos para a intervenção didática foi o lapso de tempo que durava este material em formato digital. Alguns problemas de ordem pedagógica e de saúde estão envolvidos nessa questão. Um deles é a demanda pela retenção da atenção do aluno. Vídeos muito longos costumam ser cansativos e desestimulam o aluno de acompanhar o conteúdo até o final. Estratégias como gravar a aula por ferramentas como o Google Meet e compartilhar posteriormente com os alunos, não costumam ser muito eficiente. Nesses casos, o ideal é dividir o vídeo em outros menores, procedimento conhecido como “cortes”, e disponibilizar essas partes do conteúdo de forma independente, por aplicativos de mensagem ou plataformas, como o YouTube.

A duração do vídeo também impacta a saúde do estudante. De acordo com dados da Sociedade Brasileira de Pediatria³⁸, crianças e adolescentes com idade entre 11 e 18 anos não devem passar mais de três horas por dia diante das telas de dispositivos eletrônicos. O não cumprimento dessas observações pode resultar em problemas de saúde como Dependência Digital, irritabilidade, ansiedade, depressão, transtornos do sono, dentre outras implicações ao bem-estar do aluno. Sendo assim, optamos pela criação de vídeos curtos, de modo que, além do atendimento a esses critérios que já expomos, são mais fáceis de criar, não impactando de forma significativa na rotina de planejamento, elaboração de aulas e afazeres administrativos próprios do trabalho docente. Também orientamos os alunos a assistirem aos vídeos de forma pausada, levando em conta a existência de textos durante a narrativa, bem como o contato com esse conteúdo deveria ser realizado no momento mais oportuno e confortável para o estudante. A primeira forma de intervenção referente ao produto

³⁷ De acordo com dados extraídos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), no ano de 2019, 98,6% das pessoas com 10 anos ou mais de idade que acessam a Internet pelo celular.

³⁸ Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/sbp-atualiza-recomendacoes-sobre-saude-de-criancas-e-adolescentes-na-era-digital/>. Acesso em: 14 fev. 2022.

da presente investigação foi uma sequência de vídeos elaborada durante o primeiro semestre de 2021 em três turmas do 2º ano dos cursos integrados de edificações e de informática³⁹.

7.3 Vídeos didáticos como suporte ao ensino de filosofia

Ao todo foram 17 vídeos postados como estratégia complementar aos encontros síncronos, os textos e os slides que foram disponibilizados para a realização do ensino a distância emergencial da disciplina de Filosofia no IFBA - Barreiras. Em seguida, será apresentado o material que foi utilizado, bem como o objetivo do conteúdo, a intencionalidade didática e o processo de criação de cada um dos vídeos.

7.3.1 Vídeo 1 - Introdução à teoria do conhecimento

Temos aqui um vídeo explicativo que foi elaborado com a intenção de ser uma pequena apresentação do tema e dos conteúdos que trataríamos durante a I unidade. A ideia foi explicitar a Epistemologia/Teoria do Conhecimento como área e objeto de estudo da Filosofia. Este primeiro vídeo foi elaborado de forma bastante simples, utilizando apenas o *smartphone* para captar o áudio, a imagem e o discurso. Podemos observar que partimos de um expediente sem muitos recursos, mas que cumpre uma função informativa e de delimitação da proposta da disciplina de Filosofia na Unidade I. Ainda não é possível identificar elementos áudio de fundo, efeitos e transições. Os passos que seguimos foi:

- a) Planejamento do conteúdo: delimitação dos tópicos que comporiam a mensagem do vídeo. Nesse caso, não utilizamos um roteiro. Apenas abordamos os pontos resumidamente de forma espontânea para a elaboração do discurso;
- b) Função didática: vídeo informativo/explicativo sobre o tema “Teoria do Conhecimento/Epistemologia”;

³⁹ Os cursos integrados oferecem a formação técnica e o Ensino Médio, concomitantemente. No IFBA - Campus Barreiras são ofertados três cursos dessa modalidade: Informática, Edificações e Alimentos. Dessa forma, o aluno egresso está habilitado tanto a atuar no mercado de trabalho em uma dessas especialidades, bem como possui a formação propedêutica, que o permite continuar os estudos no Ensino Superior.

- c) Gravação e edição: este vídeo não foi editado. Realizou-se apenas a captação do conteúdo com a câmera e o microfone do celular;
- d) Armazenamento: o armazenamento do arquivo foi feito utilizando o Google Drive⁴⁰ e hospedado na plataforma do YouTube. O Google Drive permite o compartilhamento do link do arquivo e dialoga com o Google Classroom⁴¹;
- e) Difusão: o link do vídeo para o acesso dos alunos foi disponibilizado no Google Classroom, em forma de atividade, e no grupo da turma no WhatsApp, acompanhado de um pequeno texto e áudio com as devidas orientações;
- f) Avaliação: nesse caso, estamos nos referindo à avaliação dos alunos em relação ao conteúdo. O retorno sobre a recepção, a clareza do conteúdo, as suas funcionalidades e críticas aconteceu pelos nossos encontros síncronos, mensagens relacionadas ao vídeo no grupo do WhatsApp e marcações de “gostei” (*like*) na postagem do YouTube. Esse retorno por parte dos alunos é de fundamental importância para tomarmos consciência dos pontos onde estamos errando e acertando e, por conseguinte, trabalhar no sentido de aprimorar a experiência para o aluno e conseguir resultados didáticos efetivos. O vídeo está disponível no seguinte link: <https://youtu.be/e9RmUw6tITM>.

7.3.2 Vídeo 2 - Introdução à teoria do conhecimento - parte 2

- a) Planejamento do conteúdo: nesse segundo vídeo, fizemos uma explanação do problema do conhecimento na Filosofia a partir do diálogo entre a concepção de realidade de Parmênides e Heráclito. Falamos sobre as dificuldades para capturar e representar a realidade de forma fidedigna. Daí a necessidade de um critério de verdade ou de um método para separar o universo das opiniões daquilo que é considerado conhecimento para os filósofos. O vídeo foi elaborado a partir do plano de aula que utilizamos como roteiro da aula e criação de slides. Nesse caso, não utilizamos um roteiro específico. Abordamos o tema de uma forma muito próxima àquela que replicamos na sala de aula;

⁴⁰ O Google Drive é um serviço de armazenamento e sincronização de arquivos disponibilizado gratuitamente pela Google.

⁴¹ O Google Classroom é um sistema de gerenciamento de conteúdo para escolas. Por essa plataforma, é possível disponibilizar conteúdos didáticos, compartilhar e receber trabalhos escolares, atribuir notas, dentre outras funções que fazem parte da rotina do trabalho docente on-line.

- b) Função didática: apresentação do problema do conhecimento a partir da abordagem de dois filósofos que vão ter uma forte influência no pensamento epistêmico de Platão e Aristóteles;
- c) Gravação e edição: nesse vídeo já aparecem alguns elementos incrementais que potencializam a mensagem e o a forma que abordamos o conteúdo, como a inserção de imagens e legendas para agregar significados ao discurso falado. Capturamos o áudio e o vídeo com um *smartphone* Samsung *Galaxy A21s*. Utilizamos o editor de vídeo Movavi para fazer as transições e inserir as imagens e legendas. Também foi possível controlar o volume do áudio. Para a criação da imagem que representa a relação entre sujeito que conhece a realidade a ser conhecida (Figura 1), utilizamos o aplicativo Photoshop;
- d) Armazenamento: o armazenamento do arquivo foi feito utilizando o Google Drive e hospedado na plataforma do YouTube;
- e) Difusão: o link do vídeo para o acesso dos alunos foi disponibilizado no Google Classroom em forma de atividade e no grupo da turma no WhatsApp, acompanhado de um pequeno texto e áudio com as devidas orientações;
- f) Avaliação: colhemos a percepção do aluno sobre a clareza do conteúdo, suas funcionalidades e críticas pelos nossos encontros síncronos, mensagens relacionadas ao vídeo no grupo do WhatsApp e marcações de “gostei” (*like*) na postagem do YouTube.

Figura 1: Imagem representando o sujeito que conhece e o objeto conhecido criada utilizando o aplicativo Adobe Photoshop Cs6



Fonte: Canal Rafael Dias Jr. no Youtube⁴² (2022)

Esse vídeo está disponível no seguinte link: https://youtu.be/Si-ja3x_5OQ

7.3.3 Vídeo 3 - Introdução à teoria do conhecimento - parte 3

- a) Planejamento do conteúdo: aqui tratamos da influência de Parmênides e Heráclito na Teoria do Conhecimento de Platão e Aristóteles. Tecemos relações entre esses filósofos, explicitando o contexto em que são formuladas as concepções de realidade e os problemas inerentes às formas como esses pensadores julgavam o mundo. Utilizamos o nosso plano de aula formal como roteiro do vídeo;
- b) Função didática: o objetivo deste vídeo foi traçar um cenário e estabelecer pontos de contato entre pensadores da Filosofia Antiga que se ocuparam do problema do conhecimento;
- c) Gravação e edição: nesse ponto, já adicionamos uma vinheta em forma de áudio no início do vídeo. Ela tem a função de criar uma relação de identificação entre o criador de conteúdo e o espectador. Capturamos o áudio e o vídeo com

⁴² Disponível em: https://youtu.be/Si-ja3x_5OQ . Acesso em: 25 maio 2022.

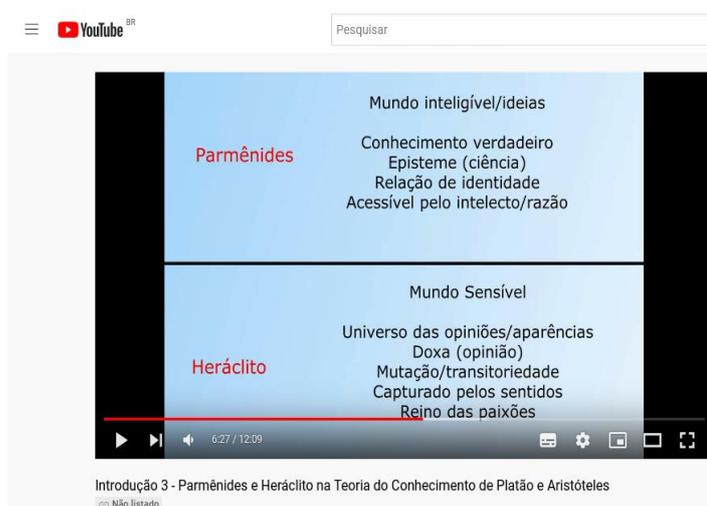
o smartphone. Utilizamos infográficos criados com a ferramenta Photoshop (Figura 2). O infográfico é um conteúdo explicativo que une informações verbais e visuais para facilitar a assimilação de dados e conceitos filosóficos no nosso caso. O vídeo foi editado com o aplicativo Movavi para fazer as transições e inserir as imagens, legendas e a vinheta;

d) Armazenamento: o armazenamento do arquivo foi feito utilizando o Google Drive e hospedado na plataforma do YouTube;

e) Difusão: o link do vídeo para o acesso dos alunos foi disponibilizado no Google Classroom em forma de atividade e no grupo da turma no WhatsApp e acompanhado de um pequeno texto e áudio com as devidas orientações;

f) Avaliação: colhemos a percepção do aluno sobre a clareza do conteúdo, as suas funcionalidades e as críticas pelos nossos encontros síncronos, mensagens relacionadas ao vídeo no grupo do WhatsApp e marcações de “gostei” (*like*) na postagem do YouTube. Na aula seguinte, após a postagem do Vídeo 2, foi perguntado aos estudantes se eles sentiam falta de algo que eles estavam acostumados a ter contato quando assistiam a esse tipo de conteúdo. Um aluno relatou que estava faltando a vinheta. Embora esse elemento não tenha uma função didática específica, resolvemos inserir nos vídeos seguintes para reforçar a identidade do conteúdo e criar um ambiente no qual o estudante é reconhecido como colaborador do material didático, que é produzido para ele.

Figura 2: Imagem representando a relação entre o pensamento platônico e a filosofia de Heráclito e Parmênides



Fonte: Canal Rafael Dias Jr. no YouTube⁴³ (2022)

Esse vídeo está disponível no seguinte link: <https://youtu.be/YEC7MIpyLW0>

7.3.4 Vídeo 4 - Essência e aparência na teoria do conhecimento de Platão

- a) Planejamento do conteúdo: essa videoaula versa sobre a questão da essência x aparência (*episteme x doxa*) na filosofia platônica, ou seja, o dilema em torno da opinião em contraposição ao conhecimento ou verdade. Há um esforço no sentido de contextualizar a questão, inclusive fazendo relação com o momento histórico que vivemos, em que todos se sentem habilitados a opinar nas redes sociais, porém, não consideram critérios de verdade para validar, do ponto de vista epistêmico, os seus posicionamentos. O roteiro do vídeo foi construído a partir do plano de aula que utilizamos nos momentos síncronos;
- b) Função didática: o vídeo teve por objetivo explicitar a oposição existente entre a verdade e a mera opinião ou o plano das aparências na filosofia platônica. Trabalhamos também com a intenção de contextualizar o momento histórico da democracia ateniense e o surgimento do problema da precariedade das opiniões, a partir da ótica do pensamento de Platão. Intentamos, com esse modelo de explanação, ampliar as possibilidades do aluno dar significado à

⁴³ Disponível em: <https://youtu.be/YEC7MIpyLW0>. Acesso em: 25 maio 2022.

questão para além da mera apropriação das informações e conceitos sobre o tema;

c) Gravação e edição: nesse vídeo, além da vinheta, dos infográficos, legendas (Figura 3) e imagens, que operam no sentido de ampliar a percepção do aluno a partir dos estímulos sensoriais que esses elementos produzem, também inserimos uma música no plano de fundo do vídeo. A função da música é a de quebrar a monotonia do discurso falado, próprio de uma aula expositiva. Utilizamos o editor de vídeo Movavi para inserir a música e os elementos gráficos;

d) Armazenamento: o armazenamento do arquivo foi feito utilizando o Google Drive e hospedado na plataforma do YouTube;

e) Difusão: o link do vídeo para o acesso dos alunos foi disponibilizado no Google Classroom em forma de atividade e no grupo da turma no WhatsApp e acompanhado de um pequeno texto e áudio com as devidas orientações;

f) Avaliação: colhemos a percepção do aluno sobre a clareza do conteúdo, as suas funcionalidades e críticas pelos nossos encontros síncronos, mensagens relacionadas ao vídeo no grupo do WhatsApp e marcações de “gostei” (*like*) na postagem do YouTube. Nesse vídeo, é possível identificar um pequeno avanço técnico em relação ao anterior com a inserção da música, que também foi sugestão dos alunos, o que nos remete à ideia de uma modelagem do conteúdo que é construído coletivamente, ajustando-se à forma como eles utilizam este tipo de conteúdo em formato digital.

Figura 3: O uso de legendas e infográficos no vídeo ajuda a complementar a compreensão do tema discutido



Fonte: Canal Rafael Dias Jr. no YouTube⁴⁴ (2022)

Esse vídeo está disponível no seguinte link: <https://youtu.be/GMJOURMWICI>

7.3.5 Vídeo 5 - O Mito da Caverna e o caminho do conhecimento em Platão

- a) Planejamento do conteúdo: aqui abordamos a famosa Alegoria da Caverna (Figura 4) de Platão para falar sobre o problema do conhecimento. Há um esforço no sentido de demonstrar o percurso do filósofo, ou seja, aquele que conhece a realidade à medida que se afasta da contemplação das sombras (fundo da caverna) para a contemplação da verdade (a luz). Utilizamos como roteiro o nosso plano de aula;
- b) Função didática: o vídeo teve como propósito trazer uma interpretação do “Mito da Caverna”, a partir de uma perspectiva epistêmica e sensibilizar o aluno para a ideia de uma superação gradativa do senso comum até uma postura filosófica diante do mundo. Aqui acrescentamos excertos de textos com conceitos e anotações decorrentes de pesquisa no momento de planejamento

⁴⁴ Disponível em: <https://youtu.be/GMJOURMWICI>. Acesso em: 25 maio 2022.

da aula. Percebemos que muitos alunos têm a necessidade de copiar como estratégia de aprendizado, além de incrementar a aula com informações relevantes que podem ser apropriadas além do discurso falado. Dessa forma, oferecemos ao estudante outras formas de exploração e retenção do conteúdo, na medida em que ele pode fazer “prints”, anotações ou assistir posteriormente uma parte da aula que não ficou muito clara. Na sala de aula física, podemos reproduzir situações semelhantes com a utilização de slides como apoio. Todavia, a exposição se esgota assim que termina o horário da turma. Com o vídeo, existe a possibilidade de pausar, retroceder momentos ou realizar o aprendizado em uma hora mais oportuna ou confortável. Não queremos afirmar que esta estratégia é melhor ou deva substituir as aulas expositivas presenciais, mas realiza de forma muito consistente um dos objetivos do presente trabalho, que é encontrar formas incrementais de aprendizado da disciplina de Filosofia para Nativos Digitais;

c) Gravação e edição: nesse vídeo, além da vinheta, dos infográficos, legendas e imagens, que operam no sentido de ampliar a percepção do aluno a partir dos estímulos sensoriais que esses elementos produzem, também inserimos uma música no plano de fundo do vídeo. As músicas de fundo utilizadas podem ser baixadas diretamente da biblioteca de áudio da plataforma YouTube;

d) Armazenamento: o armazenamento do arquivo foi feito utilizando o Google Drive e hospedado na plataforma do YouTube;

e) Difusão: o link do vídeo para o acesso dos alunos foi disponibilizado no Google Classroom, em forma de atividade e no grupo da turma no WhatsApp, acompanhado de um pequeno texto e áudio com as devidas orientações;

f) Avaliação: colhemos a percepção do aluno sobre a clareza do conteúdo, suas funcionalidades e críticas pelos nossos encontros síncronos, mensagens relacionadas ao vídeo no grupo do WhatsApp e marcações de “gostei” (*like*) na postagem do YouTube. Aqui, inserimos legendas e trechos de textos para atender à demanda dos alunos que têm a necessidade de copiar como estratégia de aprendizagem.

Figura 4: Representação da Caverna de Platão como recurso imagético e a inserção de pequenos trechos de texto para complementar o discurso do vídeo



Fonte: Canal Rafael Dias Jr. no YouTube⁴⁵ (2022)

Esse vídeo está disponível no seguinte link: <https://youtu.be/17FSU3ZgpNE>

7.3.6 Vídeo 6 - O Mito da Caverna e o seu aspecto político

- a) Planejamento do conteúdo: esse vídeo traz uma interpretação do "Mito da Caverna" a partir de uma perspectiva política. Inicialmente, ele parece fugir do tema Epistemologia que foi abordado durante a Unidade I. Todavia consideramos importante trazer esta análise porque, em Platão, aquele que não conhece, aquele que tem a limitação de separar o verdadeiro do falso, realiza a sua existência em uma condição política inferior. Dessa forma, o problema do conhecimento do real estabelece uma estreita relação com a política. O roteiro deste vídeo foi extraído a partir do plano de aula e dos slides utilizados nas nossas aulas síncronas;
- b) Função didática: o vídeo teve por objetivo demonstrar que uma criteriosa interpretação da realidade tem implicações não só epistêmicas, mas também políticas. Tivemos a intenção de conscientizar o aluno para a importância da

⁴⁵ Disponível em: <https://youtu.be/17FSU3ZgpNE> Acesso em: 25 maio 2022.

aquisição do saber necessário para interpretação do mundo e como uma leitura falsa ou precária da sua realidade circundante pode colocá-lo em uma condição de sombras, tal qual o indivíduo que vive dentro da caverna de Platão. Pretendemos, com tal estratégia, realizar um movimento de sensibilização, tornando a aula de Filosofia não só o lugar onde se tem acesso às explicações e informações, mas também um instrumento de tomada de consciência sobre a sua própria condição no mundo;

c) Gravação e edição: utilizamos o editor de vídeo Movavi para inserir a música e os elementos gráficos. Destacamos, neste vídeo, o uso de imagens para reforçar os conceitos e o conteúdo trabalhado, com ilustrações fazendo referência a Sócrates e à democracia ateniense no século IV a.C. (Figura 5), que foi o cenário onde este filósofo atuou e construiu o seu repertório crítico.

d) Armazenamento: O armazenamento do arquivo foi feito utilizando o Google Drive e hospedado na plataforma do YouTube;

e) Difusão: o link do vídeo para o acesso dos alunos foi disponibilizado no Google Classroom em forma de atividade e no grupo da turma no WhatsApp, acompanhado de um pequeno texto e áudio com as devidas orientações.

f) Avaliação: colhemos a percepção do aluno sobre a clareza do conteúdo, das suas funcionalidades e críticas pelos nossos encontros síncronos, mensagens relacionadas ao vídeo no grupo do WhatsApp e marcações de “gostei” (*like*) na postagem do YouTube. Nesse vídeo, tivemos uma preocupação especial em reforçar o discurso pelas imagens, como uma tentativa de transportar o aluno visualmente ao cenário em que a discussão que fizemos referência aconteceu.

Figura 5: Figura representando Sócrates e a influência do cenário político da Atenas do Sec. IV a.C. na sua filosofia



Fonte: Canal Rafael Dias Jr. no YouTube⁴⁶ (2022)

Esse vídeo está disponível no seguinte link: <https://youtu.be/4NUYGrHlj7E>

7.3.7 Vídeo 7 - contexto filosófico de Aristóteles 1

a) Planejamento do conteúdo: aqui apresentamos Aristóteles, pensador fundamental no nosso programa de estudos, porque, além do problema do conhecimento, também utilizamos a sua obra para investigar a Política e a Ética. Daí a necessidade de dar uma atenção especial ao contexto no qual emerge o pensamento desse filósofo. Falamos também sobre os centros formativos importantes da cidade de Atenas no século IV a.C.: a Academia de Platão, o Liceu de Aristóteles e a Escola de Isócrates. Para a criação do vídeo, utilizamos o nosso plano de aula e um pequeno roteiro com referências históricas;

b) Função didática: o nosso objetivo com este vídeo foi o de conduzir o aluno ao cenário em que se desenvolveu a filosofia dos três maiores pensadores da

⁴⁶ Disponível em: <https://youtu.be/4NUYGrHlj7E>. Acesso em: 25 maio 2022.

Antiguidade: Sócrates, Platão e Aristóteles. Também tivemos a intenção de demonstrar como o ambiente de debate, liberdade de expressão e o discurso como fonte de poder político foram importantes para o desenvolvimento da Filosofia;

c) Gravação e edição: utilizamos o editor de vídeo Movavi para inserir a música e os elementos gráficos. Além das ilustrações, que cumprem a função didática de operar como um discurso imagético, adicionamos elementos visuais à nossa vinheta de abertura (Figura 6). Esse aprimoramento não foi motivado por uma preocupação estética e de identidade visual. Como grande parte dos estudantes assistem aos vídeos na plataforma do YouTube pelo celular, não queríamos que este material de suporte didático tivesse uma identidade visual muito diferente dos outros conteúdos hospedados nessa rede social. Como a nossa investigação é direcionada a encontrar ferramentas para adaptar as práticas da disciplina de Filosofia aos hábitos dos estudantes Nativos Digitais, é importante que eles enxerguem a rede, o lócus em que buscam informações, como uma extensão da escola e não como dois mundos separados, que parece um amistoso e atraente e o outro hostil ou aparentemente desconectado da sua realidade. Dessa forma, criar conteúdos com uma linguagem mais próxima àquela que é utilizada nos processos de comunicação digitais ajuda a reduzir o distanciamento entre o que fazemos nas nossas aulas convencionais e as práticas em rede;

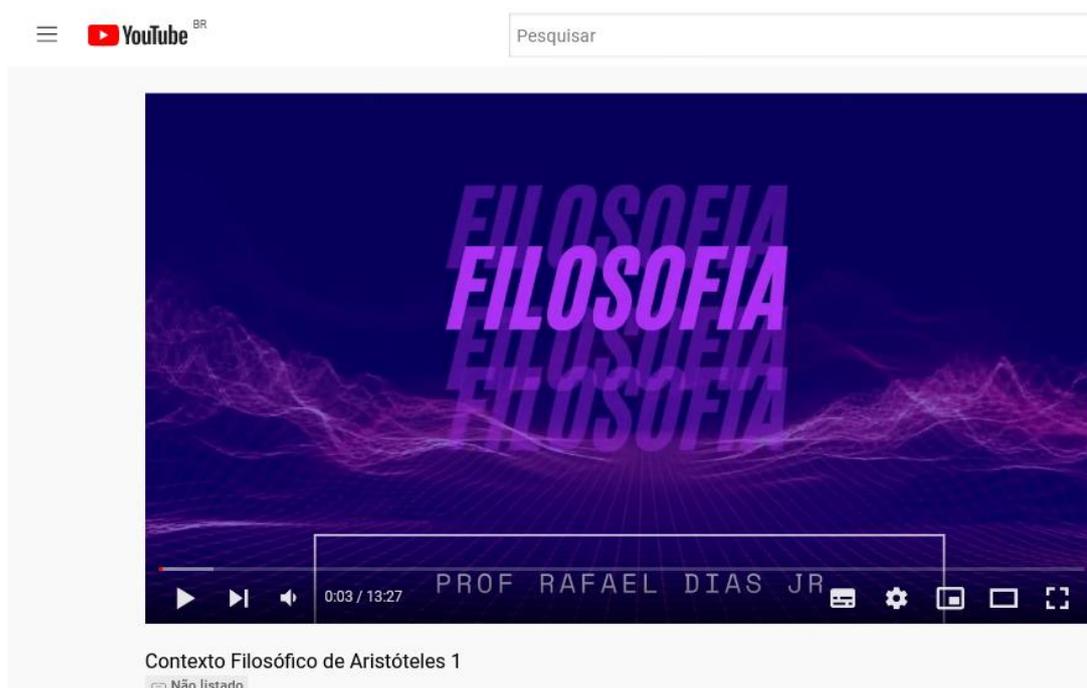
d) Armazenamento: o armazenamento do arquivo foi feito utilizando o Google Drive e hospedado na plataforma do YouTube;

e) Difusão: o link do vídeo para o acesso dos alunos foi disponibilizado no Google Classroom em forma de atividade e no grupo da turma no WhatsApp acompanhado de um pequeno texto e áudio com as devidas orientações;

f) Avaliação: colhemos a percepção do aluno sobre a clareza do conteúdo, suas funcionalidades e críticas pelos nossos encontros síncronos, mensagens relacionadas ao vídeo no grupo do WhatsApp e marcações de “gostei” (*like*) na postagem do YouTube. Podemos destacar aqui a manifestação de surpresa de alguns estudantes com o progresso gráfico dos vídeos aliados ao fato de que, além das aulas síncronas, podiam também estar em contato com um recurso que já fazia parte repertório de hábitos deles: utilizar o YouTube como fonte de

pesquisa. A diferença agora era que esse material complementar era produzido pelo próprio professor da disciplina e ajustado à abordagem praticada dentro da nossa instituição de ensino.

Figura 6: Inserção de vinheta no início do vídeo como forma de reforçar a identidade visual



Fonte: Canal Rafael Dias Jr. no YouTube⁴⁷ (2022)

Esse vídeo está disponível no seguinte link: <https://youtu.be/S2WRx7UnWVw>

7.3.8 Vídeo 8 - O contexto do pensamento de Aristóteles 2

a) Planejamento do conteúdo: temos nesse vídeo a continuidade do material anterior, no qual apresentamos Aristóteles, pensador fundamental no nosso programa de estudos e contextualizamos Atenas do século IV a.C. como cenário da sua filosofia e a do seu mestre, Platão. Dividimos em duas partes porque a exposição ficaria muito extensa, o que resultaria em um vídeo longo, fator que impactaria na retenção da atenção do aluno. Para a criação do vídeo, utilizamos o nosso plano de aula e um pequeno roteiro com referências históricas;

⁴⁷ Disponível em: <https://youtu.be/S2WRx7UnWVw>. Acesso em: 25 maio 2022.

b) Função didática: o nosso objetivo com este vídeo foi o de conduzir o aluno ao cenário em que se desenvolveu a filosofia dos três maiores pensadores da Antiguidade: Sócrates, Platão e Aristóteles. Também tivemos a intenção de demonstrar como o ambiente de debate, liberdade de expressão e o discurso como fonte de poder político foram importantes para o desenvolvimento da Filosofia;

c) Gravação e edição: utilizamos o editor de vídeo Movavi para inserir a música e os elementos gráficos. Insistimos no uso de ilustrações para operar como um discurso imagético. Nesse conteúdo trazemos uma inovação em relação às criações anteriores, inserimos uma capa para o vídeo (Figura 7), o que contribui para tornar a identidade visual mais próxima do conteúdo que eles acessam na plataforma do YouTube. Utilizamos a plataforma de design gráfico on-line Canva para criar este recurso. Para tanto, não é necessário possuir um conhecimento muito profundo em design para fazer esse tipo de arte, porque o Canva já disponibiliza modelos prontos sobre os quais só precisamos editar. Também utilizamos um outro elemento gráfico que ajuda a reforçar a linguagem visual do material: o *chroma key*, que consiste na gravação do vídeo utilizando um fundo verde, que pode ser a própria parede nessa cor, uma tela ou um tecido. Com esse recurso podemos modificar o fundo do vídeo, acrescentando elementos gráficos que julgarmos relevantes para a composição do universo imagético da mensagem. Encontramos essa ferramenta no aplicativo Movavi e em muitos outros editores de vídeo.

d) Armazenamento: o armazenamento do arquivo foi feito utilizando o Google Drive e hospedado na plataforma do YouTube.

e) Difusão: o link do vídeo para o acesso dos alunos foi disponibilizado no Google Classroom em forma de atividade e no grupo da turma no WhatsApp acompanhado de um pequeno texto e áudio com as devidas orientações.

f) Avaliação: colhemos a percepção do aluno sobre a clareza do conteúdo, as suas funcionalidades e as críticas pelos nossos encontros síncronos, mensagens relacionadas ao vídeo no grupo do WhatsApp e marcações de “gostei” (*like*) na postagem do YouTube. A essa altura, já tínhamos construído princípio de cultura de utilização do vídeo como complemento didático. A ideia de um professor “youtuber” despertava a curiosidade em relação ao próximo

material que seria postado, bem como também aproximava o conteúdo da Filosofia com os alunos, pela forma diferente e alternativa de apresentar o conteúdo. Esse retorno da parte dos alunos nos motivou a buscar novos recursos para a realização dos vídeos, com o objetivo de encontrar uma medida, uma fórmula ideal de composição que atendesse aos critérios, didáticos, estéticos e comunicacionais.

Figura 7: Capa de vídeo criada com a plataforma Canva



Fonte: Canal Rafael Dias Jr. no YouTube⁴⁸ (2022)

Esse vídeo está disponível no seguinte link: <https://youtu.be/8KPr32537AA>.

7.3.9 Vídeo 9 - O Organon aristotélico e a sua perspectiva de conhecimento

- a) Planejamento do conteúdo: nesse vídeo tratamos da parte da obra de Aristóteles que se ocupa do conhecimento e as suas condições de validação, com destaque especial para o uso da lógica. Para a criação do vídeo, utilizamos o nosso plano de aula.
- b) Função didática: pretendemos, com esse material, demonstrar que os critérios de verdade são tão importantes para a prática da Filosofia, a ponto de

⁴⁸ Disponível em: <https://youtu.be/8KPr32537AA>. Acesso em 25 maio 2022.

Aristóteles dedicar uma parte importante da sua produção intelectual para este tema: o Organon.

c) Sobre a Gravação e edição, não descreveremos os recursos que utilizamos de forma detalhada, porque não utilizamos nenhum elemento novo ou prática distinta daquelas que já mencionamos nos vídeos anteriores. Em relação ao armazenamento, à difusão e à avaliação do material, também não há estratégias ou práticas novas para se descrever.

Esse vídeo está disponível no seguinte link: <https://youtu.be/KrXQh1ap9WM>

7.3.10 Vídeo 10 - Agostinho: conciliação entre fé e razão

a) Planejamento do conteúdo: esse vídeo versa sobre o problema da conciliação entre fé e razão no pensamento cristão medieval. Apresentamos de forma sintética as preocupações de Santo Agostinho e de São Tomás de Aquino em tornar o Cristianismo uma verdade e não apenas uma mera crença religiosa. Para a criação do vídeo, utilizamos o nosso plano de aula;

b) Função didática: o objetivo principal deste conteúdo foi o de demonstrar que toda filosofia precisa critérios de validação, de um método ou procedimentos para distinguir as representações precárias da realidade daquelas que almejam o estatuto de conhecimento. Já que os pensadores cristãos medievais consideravam o cristianismo uma verdade, o uso da filosofia e de procedimentos racionais corroborariam com essa tese. Dessa forma, demonstramos, de maneira resumida, os principais expedientes e conceitos que esses pensadores utilizavam para alcançar esse objetivo;

c) Sobre a gravação e a edição, não descreveremos os recursos que utilizamos de forma detalhada, porque não utilizamos nenhum elemento ou prática distinta daquelas que já mencionamos nos vídeos anteriores. Em relação ao armazenamento, à difusão e à avaliação do material, também não há estratégias ou práticas novas para se descrever.

Esse vídeo está disponível no seguinte link: https://youtu.be/_TiaOxykyjk

7.3.11 Vídeo 11 - Agostinho: conciliação entre fé e razão

a) Planejamento do conteúdo: esse vídeo versa sobre o problema da conciliação entre fé e razão no pensamento cristão medieval. É uma

continuação do vídeo anterior, que foi dividido para não resultar em uma exposição muito longa. Acrescentamos a discussão sobre a influência platônica no pensamento de Santo Agostinho, mais notadamente na semelhança entre as questões epistêmicas e a concepção de realidade desses dois filósofos. Para a criação do vídeo, utilizamos o nosso plano de aula;

b) Função didática: o objetivo desse vídeo foi o de demonstrar os pontos de contato entre o pensamento platônico e o de Santo Agostinho e como ambos utilizaram uma concepção de verdade e realidade como pressupostos para um discurso seguro sobre o mundo;

c) Sobre a Gravação e a edição, não descreveremos os recursos que utilizamos de forma detalhada, porque não utilizamos nenhum elemento ou prática distinta daquelas que já mencionamos nos vídeos anteriores. Em relação ao armazenamento, à difusão e à avaliação do material, também não há estratégias ou práticas novas para se descrever.

Esse vídeo está disponível no seguinte link: <https://youtu.be/yiBZAAJpIOU>

7.3.12 Vídeo 12 - Agostinho: o contexto filosófico

a) Planejamento do conteúdo: sempre temos a necessidade de descrever o contexto histórico, social e a vida do pensador. Fazemos isso pelo fato de tomar como premissa a ideia de que uma concepção filosófica surge a partir de determinadas condições que influenciam o pensador e o seu tempo. Dessa forma, apontamos aqui a formação de Santo Agostinho, as circunstâncias de sua conversão, o contexto da transição da Antiguidade para o período medieval e a necessidade do cristianismo se firmar como uma verdade e não apenas como um sistema de crenças religiosas. Sendo assim, apontamos a missão filosófica de Agostinho de estabelecer uma conciliação entre a fé e a razão, transformando os pressupostos do cristianismo em uma descrição da realidade com estatuto de conhecimento. Para a criação do vídeo, utilizamos o nosso plano de aula e um pequeno roteiro com referências históricas;

b) Função didática: para tratar do problema do conhecimento na filosofia cristã medieval, delimitamos o cenário de atuação de Santo Agostinho, que influenciaria profundamente o pensamento cristão e a sua preocupação com a

legitimação como discurso sobre o real com estatuto de verdade filosófica. Fazemos essa abordagem para oferecer elementos de compreensão para o aluno dar significado ao que é aprendido, evitando apresentar os conceitos e o discurso filosófico de forma isolada, mas associado a um tempo histórico e a um conjunto de necessidades epistêmicas específicas;

c) Sobre a Gravação e a edição, não descreveremos os recursos que utilizamos de forma detalhada, porque não utilizamos nenhum elemento ou prática distinta daquelas que já mencionamos nos vídeos anteriores. Em relação ao armazenamento, à difusão e à avaliação do material, também não há estratégias ou práticas novas para se descrever.

Esse vídeo está disponível no seguinte link: <https://youtu.be/1N3mgo7x2bs>

7.3.13 Vídeo 13 - Ética: considerações iniciais

a) Planejamento do conteúdo: esse material, diferentemente dos vídeos anteriores, foi completamente roteirizado, ou seja, não foi extraído total ou parcialmente do plano de aula, muito embora a análise e compreensão do conceito de Ética estivesse prevista no nosso planejamento. Nesse vídeo, apresentamos o conceito de Ética a partir de uma perspectiva filosófica. No senso comum, normalmente, entende-se a ética como um conjunto de regras e princípios para se distinguir o que é certo ou errado na conduta dos indivíduos. Intentamos demonstrar que a Ética é uma área de investigação da Filosofia com os seus objetos de análise e procedimentos específicos;

b) Função didática: a ideia principal do vídeo foi a de delimitar o conceito de Ética e a abordagem que faríamos durante o curso separando a perspectiva do senso comum do tratamento filosófico que é dispensado a esse tema. Também propomos o estudo da Ética, a partir de problemas e conceito, considerando a forma como os pensadores da tradição filosófica os identificaram e elaboraram soluções;

c) Gravação e edição: utilizamos o editor de vídeo Movavi para inserir a música e os elementos gráficos. Aqui, aplicamos novos recursos e técnicas de produção de vídeo. Além de um roteiro completo, ou seja, um planejamento minucioso do texto e dos elementos que integraram o conteúdo, inauguramos a estratégia de não aparecer no vídeo. Gravar a imagem com o celular

normalmente resultam e arquivos muito grandes, o que impõe alguns desafios para a edição e armazenamento. Também existe um certo desconforto com a nossa própria imagem. No vídeo, temos que aparecer bem dispostos, simpáticos, nos preocuparmos com a roupa que usamos, o cenário e o plano de fundo. Da forma que elaboramos esse material, conseguimos mais precisão em relação ao discurso e as referências que fizemos, porque é um texto lido e sem improvisos. Temos o trabalho apenas de narrar o texto e o transformar em um arquivo de áudio. As imagens que são utilizadas como plano de fundo da narração normalmente têm alguma relação com o tema que estamos abordando ou possuem algum apelo estético que prende a atenção do expectador. Podemos encontrar esse material gratuitamente em bancos de imagem, como Pixels⁴⁹, Pixabay⁵⁰ ou Canva. O conteúdo ganhou um aspecto informativo e documental. Essa abordagem é bastante eficiente para fazer a introdução de assuntos e explicar conceitos. O ponto negativo ocorre pelo tempo necessário para fazer o roteiro, a gravação, o tratamento do áudio, baixar as imagens, fazer a montagem, inserir as legendas e subir o vídeo para a plataforma do YouTube. Esse pode ser um trabalho que exija horas para ser realizado. Se utilizarmos outros recursos gráficos, com aplicativos como o Video Scribe, que cria o efeito de uma canetinha escrevendo (Figura 8), esse tempo pode ser maior ainda. Todavia, é um material com acabamento muito melhor e bastante gratificante de ver depois de pronto. Trabalhar a Filosofia com adolescentes, é uma estratégia bem estimulante esteticamente;

d) Em relação ao armazenamento, à difusão e à avaliação do material, não há elementos ou práticas novas para se descrever.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.pexels.com/pt-br/> Acesso em: 24 maio 2022

⁵⁰ Disponível em: <https://pixabay.com/>. Acesso em 24 maio 2022.

Figura 8: Trecho de vídeo utilizando a ferramenta Video Scribe, que simula uma “mãozinha” escrevendo na tela



Fonte: Canal Rafael Dias Jr. no YouTube⁵¹ (2022)

Esse vídeo está disponível no seguinte link: <https://youtu.be/ui4VB37jXuU>.

7.3.14 Vídeo 14 - A ética de Aristóteles

a) Planejamento do conteúdo: o vídeo trata de conceitos essenciais da ética aristotélica: a noção de “Sumo Bem” ou a Felicidade, teoria das virtudes e a teoria da Justa Medida ou do Meio Termo Áureo. A exposição foi feita a partir do nosso plano de aula. No vídeo anterior, realizamos um processo de elaboração de roteiro e edição mais refinada. Retomamos o formato anterior, sem tantos recursos, porque o modelo de vídeo no qual aparecemos construindo o discurso de uma forma espontânea é mais rápido e prático para se editar. Os afazeres docentes não se resumem à elaboração e à execução de aulas. No final da unidade, quando temos muitos trabalhos para serem corrigidos, reuniões, preenchimento de diários e outras obrigações, o tempo para a criação de um vídeo mais sofisticado fica limitado. Por esse motivo, reduzimos a produção de vídeos em relação à quantidade e não dedicamos

⁵¹ Disponível em: <https://youtu.be/ui4VB37jXuU>. Acesso em: 25 maio 2022.

tanto esforço para a criação de materiais didáticos, em formato digital com muita complexidade técnica no que tange ao seu formato;

b) Função didática: o objetivo principal foi criar uma exposição para ambientar o aluno no contexto da ética aristotélica. Apresentamos alguns conceitos fundamentais para serem discutidos e analisados com mais profundidade nas aulas síncronas;

c) Sobre a Gravação e edição, não descreveremos os recursos que utilizamos de forma detalhada, porque não utilizamos nenhum elemento ou prática distinta daquelas que já mencionamos nos vídeos anteriores. Em relação ao armazenamento, a difusão e a avaliação do material, também não há estratégias ou práticas novas para se descrever.

Esse vídeo está disponível no seguinte link: https://youtu.be/C6_yr82_E00.

7.3.15 Vídeo 15 - Epicuro e a felicidade

a) Planejamento do conteúdo: esse vídeo é uma análise dos princípios da ética de Epicuro a partir do texto “Carta a Meneceu”, em que o filósofo faz um relato de como um homem sábio pode ser feliz. Tratamos da perspectiva atomista e materialista desse filósofo, que dá subsídio à sua tese de que a Felicidade está relacionada em alguma medida com o universo das sensações, mais especificamente os prazeres, afastando aqueles que são perniciosos e usufruindo daqueles que são benéficos. Utilizamos o plano de aula como roteiro;

b) Função didática: pretendemos com esse vídeo fazer uma análise do texto da “Carta a Meneceu” e demonstrar a noção de Felicidade de Epicuro. A escolha do texto e do filósofo teve o como objetivo conscientizar o aluno de que a ideia de felicidade e os caminhos para conquistá-la pelos valores que internalizamos e dos hábitos que praticamos, são multifacetados na História da Filosofia;

c) Gravação e edição: utilizamos o editor de vídeo Movavi para inserir a música e os elementos gráficos. O conteúdo teve como base uma gravação de áudio, em que o discurso foi construído a partir dos tópicos levantados no plano de aula, anotações oriundas do fichamento processo de leitura e fichamento do texto (Figura 9), bem como intervenções espontâneas em forma de comentários e apontamentos. Esse formato foi escolhido pela natureza do

material, ou seja, um repertório de comentários decorrentes da interpretação e análise do texto, o que exigia como resultado um vídeo mais longo. Descobrimos também que alguns alunos possuem o hábito de “ouvir” o vídeo em vez de assistir. Em relação às imagens, optamos por fotografias para relacionar-se com o conteúdo do discurso pelo fato de ser mais fácil encontrar este tipo de material para fazer associação com o tema tratado do que trechos de vídeos com para atingir o mesmo objetivo. Essa estratégia também se justifica quando há pouco tempo para criar vídeos mais elaborados do ponto de vista estético e técnico. Todavia, tivemos o cuidado de preservar a essência e a função didática do conteúdo;

d) Em relação ao armazenamento, a difusão e a avaliação do material, também não há estratégias ou práticas novas para se descrever.

Figura 9: Trecho da “Carta a Meneceu” em forma de texto no vídeo sobre a noção de Felicidade em Epicuro



Fonte: Canal Rafael Dias Jr. no YouTube⁵² (ano)

Esse vídeo está disponível no seguinte link: <https://youtu.be/LIc7oyh-kVE> (2022).

7.3.16 Vídeo 16 - Estoicismo, Sêneca e a felicidade

a) Planejamento do conteúdo: nesse vídeo fizemos uma apresentação do Estoicismo, a etimologia da palavra, as fases do estoicismo, os seus pressupostos filosóficos e os principais pensadores dessa corrente, com

⁵² Disponível em: <https://youtu.be/LIc7oyh-kVE>. Acesso em: 25 maio 2022.

destaque, em particular para Sêneca. Fizemos também uma breve análise do texto “Cartas de um Estoico” de Sêneca, evidenciando o que pensador tem a dizer sobre o tempo e sobre a morte. Utilizamos o nosso plano de aula associado com o fichamento do texto “Cartas de um Estoico” como roteiro;

b) Função didática: a intenção pedagógica deste material foi a de apresentar ao aluno a perspectiva de felicidade ou vida boa oferecida pela doutrina dos estoicos. Ao mesmo tempo, cultivamos a ideia de criar uma aproximação da leitura de textos clássicos como forma de apropriação da filosofia. Tal estratégia também almeja consolidar a compreensão de que a Filosofia não é somente um repertório de ideias e conceitos do plano intelectual, mas pode operar como modelo e fundamento para estabelecer critérios de análise das nossas próprias vidas;

c) Gravação e edição: utilizamos o editor de vídeo Movavi para inserir a música e os elementos gráficos. O conteúdo teve como base uma gravação de áudio e o discurso foi elaborado a partir dos tópicos levantados no plano de aula, anotações oriundas do processo de leitura e fichamento do texto, bem como intervenções espontâneas em forma de comentários e apontamentos. Aqui destacamos uma estratégia intencional que julgamos de grande valor didático do ponto de vista da ideia da comunicação da Filosofia que defendemos como pilar da presente investigação. Adotamos como estrutura o mesmo procedimento do vídeo anterior, no qual tratamos do Epicurismo. Todavia, tivemos o cuidado em particular de fazer o vídeo sobre o Estoicismo de maneira mais refinada. Tomamos essa decisão porque, desde o início do curso, os alunos nutriam a expectativa de estudar essa corrente filosófica que está em voga nas redes sociais. Dessa forma, pensamos os aspectos estéticos, imagéticos e a seleção do conteúdo de forma cuidadosa, para não frustrar um momento tão aguardado. As imagens foram escolhidas de modo a se harmonizarem com o tema e o conteúdo discursivo do vídeo, remetendo-se à ideia de paz e tranquilidade próprias do estoicismo (Figura 10). Esse elemento é importante na medida que o conceito, o formato digital e o conteúdo imagético com apelos estéticos reforçam a mensagem da Filosofia. As imagens utilizadas no vídeo foram extraídas do site da Pixabay;

d) Em relação ao armazenamento, à difusão e à avaliação do material, não há elementos ou práticas novas para se descrever.

Figura 10: Imagem congelada que remete à ideia de tranquilidade, tal qual a filosofia estoica propõe



Fonte: Canal Rafael Dias Jr. no YouTube⁵³ (2022)

Esse vídeo está disponível no seguinte link: <https://youtu.be/j1vMmqRXLKQ>

7.3.17 Vídeo 17: O que é Filosofia Política

- a) Planejamento do conteúdo: nesse vídeo, trouxemos a Filosofia Política como área de investigação do pensamento, a partir dos seus temas clássicos, como o estudo das formas de governo, a legitimação do poder político, o Estado, a Sociedade Civil, o Estado de Natureza, as leis, dentre outras temáticas. Delimitamos o conceito de Política. Apresentamos também alguns autores clássicos que estudaremos como complemento do tema. Utilizamos como roteiro os slides e o plano de aula para os encontros síncronos;
- b) Função didática: objetivamos, ao produzir esse material, apresentar o repertório conceitual extraído da filosofia referente ao estudo da Política como área de investigação. Diferenciamos a noção de política cotidiana daquela que é tratada no plano teórico da História da Filosofia. Apresentamos autores que

⁵³ Disponível em: <https://youtu.be/j1vMmqRXLKQ>. Acesso em: 25 maio 2022.

ajudaram a construir o pensamento político, bem como defendemos a importância da compreensão dos problemas levantados pelos pensadores clássicos para a análise de questões do nosso tempo;

c) Sobre a Gravação e a edição, não descreveremos os recursos que utilizamos de forma detalhada porque não utilizamos nenhum elemento ou prática distinta daquelas que já mencionamos nos vídeos anteriores. Em relação ao armazenamento, à difusão e à avaliação do material, também não há elementos ou práticas novas para se discutir.

Figura 11: Imagem do vídeo que trata sobre os conceitos fundamentais da Filosofia Política



Fonte: Canal Rafael Dias Jr. no YouTube⁵⁴ (ano)

Esse vídeo está disponível no seguinte link: <https://youtu.be/4SslibvOETE>

Os temas e os assuntos dos vídeos estão de acordo com o conteúdo programático da disciplina de Filosofia estabelecido no PPC (Projeto Pedagógico do Curso) da modalidade do Ensino Médio integrado de Edificações do 2º ano do IFBA Campus Barreiras. Os temas são, portanto, preestabelecidos por uma diretriz institucional. Todavia existe liberdade em relação à abordagem a ser feita, à

⁵⁴ Disponível em: <https://youtu.be/4SslibvOETE>. Acesso em: 25 maio 2022.

metodologia e avaliações realizadas pelo docente. Apresentamos, em seguida, o plano de curso que utilizamos para a realização das aulas síncronas e para a criação dos vídeos como complemento didático.

7.14 Plano semestral de ensino - 2021.1

“A educação é a arma mais poderosa que se deve usar para mudar o mundo” (MANDELA, 2003).

PROFESSOR (A):	RAFAEL BARBOSA DIAS JÚNIOR
CURSO:	Informática, Edificações
DISCIPLINA:	Filosofia
TURMA:	122
CH TOTAL:	80
CH SEMANAL:	04

OBJETIVO GERAL DA DISCIPLINA

Compreender a sociedade, a sua gênese e a transformação, bem como os múltiplos fatores que nela intervêm, como produtos da ação humana; a si mesmo como agente social e aos processos sociais como orientadores da dinâmica dos diferentes grupos de indivíduos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Fornecer instrumentos para que o educando se torne um observador crítico das atividades culturais e sociais;
- b) Disponibilizar critérios para que o aluno seja capaz de construir argumentos de forma fundamentada;
- c) Articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos e modos discursivos nas ciências naturais e humanas, nas artes e em outras produções culturais;
- d) Estabelecer diálogo e pontos de convergência entre o discurso produzido pela e filosofia e outras áreas do conhecimento.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Bloco I: Epistemologia e a compreensão do problema do conhecimento em: Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Francis Bacon e René Descartes.

Bloco II: Ética. Ética descritiva. Ética prescritiva. Ética na filosofia platônica. Ética na filosofia aristotélica. Correntes éticas da Antiguidade: Estoicismo, Epicurismo, Cinismo. Ética cristã. Nietzsche e a crítica à moralidade ocidental. Problemas éticos contemporâneos.

Bloco III: Filosofia Política: conceito, problemas fundamentais, correntes. A política na filosofia platônica. A política na filosofia aristotélica. Maquiavel e o Estado. O contratualismo de Thomas Hobbes, John Locke e Jean Jacques Rousseau.

METODOLOGIA

Aulas síncronas. Momentos de estudo assíncrono. Vídeos. Podcasts. Pesquisa. Utilização de aplicativos de mensagem. Utilização do Google Classroom. Uso de redes sociais e aplicativos.

AULAS DE LABORATÓRIO

Nº de aulas da 1ª unidade: Não utilizado	Nº de aulas da 3ª unidade: Não utilizado
--	--

Nº de aulas da 2ª unidade: Não utilizado	
--	--

RECURSOS

Internet e dispositivos móveis. *Smartphones*. Notebook. Aplicativos de edição de vídeo. Aplicativos de edição de áudio. Google Meet. Microfones. Câmera. Aplicativos de mensagens.

AValiação/ INSTRUMENTOS DE AValiação

Caso realize mais de três avaliações, informar a data e instrumento, como exemplificado.

1ª avaliação: Avaliação em formato digital

2ª avaliação: Avaliação em formato digital

3ª avaliação: Avaliação em formato digital

Recuperação da aprendizagem:

Data (s):

EVENTOS ACADÊMICOS/CONGRESSOS/ SEMINÁRIOS/SIMPÓSIOS

Nome do evento:

Local:

Data:

Objetivo:

Nome do evento:

Local:

Data:

Objetivo:

VISITAS TÉCNICAS

Local:

Data:

Objetivo:

Local: Data: Objetivo:
PROJETOS INTERDISCIPLINARES
Trabalho interdisciplinar sobre “Máquinas Térmicas” envolvendo as disciplinas de Física, Filosofia e História na turma 122.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
MELANI, Ricardo. Diálogo : primeiros estudos em filosofia. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2016.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
ADAMS, Ian. Dyson R.W. 50 pensadores Políticos Essenciais Da Grécia Antiga aos Dias Atuais . 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.
ARISTÓTELES. Política . São Paulo: Martin Claret, 2004.
BACON, Francis. Novum Organum ou Verdadeiras Indicações Acerca da Interpretação da Natureza . São Paulo: Nova Cultural, 1997.
DESCARTES, René. Discurso do método . São Paulo: Nova Cultural, 1996.
DESCARTES, René. Meditações Metafísicas . São Paulo: Nova Cultural, 1996.
FOUGEYROLLAS, Pierre. A Filosofia em questão . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
HOBBS, Thomas de Malmesbury. Leviatã ou Matéria, Forma e poder de um Estado Eclesiástico e Civil . São Paulo: Nova Cultural, 1997.
LOCKE, John. Segundo tratado sobre o governo . São Paulo: Nova Cultural, 1991.
MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe . São Paulo: Nova Cultural, 1996.
ANDERY, Maria Amália Pie Abib <i>et al.</i> Para compreender ciência: uma perspectiva histórica . 16. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
PLATÃO. A República . 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.
ROHDEN, Huberto. O Pensamento Filosófico da Antiguidade . São Paulo: Martin Claret, 2008.
ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do Contrato Social . São Paulo: Nova Cultural, 1997.
SANTO AGOSTINHO. Confissões . São Paulo: Nova Cultural, 1996.
SARANYANA, Josep-Ignasi. A Filosofia Medieval : das origens

patrísticas à Escolástica Barrôca. Tradução: Fernando Salles. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio" (Ramon Llull), 2006.

SARTORI, Giovanni. **A Política**: Lógica e método nas Ciências Sociais. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

CRONOGRAMA DE AULAS*

(Sequência de aulas da turma 121)

1. 23/02/2021 (01 aula): Teoria do conhecimento/Epistemologia: conceitos, autores e problemas.
1. 23/02/2021 (01 aula): Teoria do conhecimento/Epistemologia: conceitos, autores e problemas (leitura de textos e pesquisa).
1. 25/02/2021 (01 aula): Teoria do conhecimento/Epistemologia: conceitos, autores e problemas.
1. 25/02/2021 (01 aula): Teoria do conhecimento/Epistemologia: conceitos, autores e problemas (leitura de textos e pesquisa).
1. 02/03/2021 (01 aula): Teoria do conhecimento: O problema do Ser em Parmênides e Heráclito.
1. 02/03/2021 (01 aula): Teoria do conhecimento: O problema do Ser em Parmênides e Heráclito (conteúdo em formato de vídeo). Link: <https://www.youtube.com/watch?v=YEC7MIpyLW0>.
1. 04/03/2021 (01 aula): Platão e a Teoria das Formas/Ideias.
1. 04/03/2021 (01 aula): Essência e Aparência na Teoria do Conhecimento de Platão (conteúdo em formato de vídeo). Link: <https://www.youtube.com/watch?v=GMJOURMWICI>.
1. 09/03/2021 (01 aula): A Alegoria da Caverna e o problema do conhecimento em Platão. Vídeo complementar, link: <https://www.youtube.com/watch?v=17FSU3ZgpNE>.
1. 09/03/2021 (01 aula): Alegoria da Caverna (leitura do Livro VII da República).
1. 11/03/2021 (01 aula): Teoria do Conhecimento: o problema da essência e da aparência em Platão.
1. 11/03/2021 (01 aula): Leitura do Livro VII da República de Platão (trabalho de pesquisa assíncrono).
1. 13/03/2021 (02 aulas): Leitura de texto e pesquisa (trabalho de pesquisa assíncrono).
1. 16/03/2021 (02 aulas) Leitura do texto sobre a vida e a obra de Aristóteles destacando aspectos da sua teoria do conhecimento (trabalho de pesquisa assíncrono).
1. 16/03/2021 (01 aula): O contexto filosófico de Aristóteles. Vídeo complementar, link: <https://www.youtube.com/watch?v=0UQXixeX39Q>
1. 16/03/2021 (01 aula): O contexto filosófico de Aristóteles. Vídeo complementar, link: <https://www.youtube.com/watch?v=8KPr32537AA>
1. 18/03/2021 (01 aula): O Órganon aristotélico. Vídeo complementar, link: <https://www.youtube.com/watch?v=KrXQh1ap9WM>

1. 18/03/2021 (01 aula): Leitura do texto sobre a vida e a obra de Aristóteles, destacando aspectos da sua teoria do conhecimento (trabalho de pesquisa assíncrono).
1. 23/03/2021 (01 aula): Teoria do conhecimento: A Metafísica de Aristóteles.
1. 23/03/2021 (01 aula): Teoria do Conhecimento: O Ser em ato e o Ser em Potência em Aristóteles.
1. 25/03/2021 (01 aula): O contexto filosófico de Santo Agostinho. Vídeo complementar, link: <https://www.youtube.com/watch?v=1N3mgo7x2bs>
1. 25/03/2021 (01 aula): O problema do conhecimento em Agostinho e a conciliação entre fé e razão: Vídeo complementar, link: https://www.youtube.com/watch?v=_TiaOxykyjk
1. 27/03/2021 (01 aula): Leitura de texto e pesquisa (momento assíncrono).
1. 27/03/2021 (01 aula): Leitura de texto e pesquisa (momento assíncrono).
1. 30/03/2021 (01 aula): Francis Bacon e o "Novum Organum".
1. 30/03/2021 (01 aula): Francis Bacon e o "Novum Organum" (momento assíncrono: Pesquisa).
1. 01/04/2021 (01 aula): O Racionalismo Cartesiano.
1. 01/04/2021 (01 aula): O Método Cartesiano.
1. 04/04/2021 (2457542): Ética: conceitos e definições fundamentais. Vídeo complementar, link: <https://www.youtube.com/watch?v=ui4VB37jXuU>
1. 06/04/2021 (01 aula): Preparação e orientações para o trabalho sobre Teoria do Conhecimento.
1. 06/04/2021 (01 aula): Preparação e orientações para o trabalho sobre Teoria do Conhecimento.
1. 08/04/2021 (01 aula): Ética: considerações iniciais.
1. 08/04/2021 (01 aula): Ética: conceitos e definições fundamentais.
1. 10/04/2021 (01 aula): Ética na Filosofia Antiga.
1. 10/04/2021 (01 aula): Ética na Filosofia Antiga.
1. 13/04/2021(01 aula): Ética platônica: A teoria das partes da alma.
1. 13/04/2021(01 aula): Ética platônica: A teoria das partes da alma.
1. 15/04/2021 (01 aula): Ética platônica: Hybris, Phronesis e Akrasia.
1. 20/04/2021 (01 aula): A ética aristotélica.
1. 20/04/2021 (01 aula): A ética aristotélica. Vídeo complementar, link: https://www.youtube.com/watch?v=C6_yr82_E00
1. 22/04/2021 (01 aula): A Teoria da Justa medida em Aristóteles.
1. 22/04/2021 (01 aula): A Teoria da Justa medida em Aristóteles.
1. 27/04/2021 (01 aula): A noção de Eudaimonia.
1. 27/04/2021 (01 aula): A noção de Eudaimonia.
1. 29/04/2021 (01 aula): Análise da "Carta à Meneceu" de Epicuro.
1. 29/04/2021 (01 aula): Análise da "Carta à Meneceu" de Epicuro. Vídeo complementar, link: <https://www.youtube.com/watch?v=Llc7oyh-kVE>
1. 04/05/2021 (01 aula): O Estoicismo como modelo ético.
1. 04/05/2021 (01 aula): O Estoicismo como modelo ético.

1. 06/05/2021 (01 aula): Podcast: Estoicismo, Sêneca e a busca da felicidade. Aula em formato assíncrono, link: <https://www.youtube.com/watch?v=j1vMmqRXLKQ>
1. 06/05/2021 (01 aula): *Podcast*: Estoicismo, Sêneca e a busca da felicidade. Aula em formato assíncrono, link: <https://www.youtube.com/watch?v=j1vMmqRXLKQ>
1. 08/05/2021 (01 aula): Os Cínicos e a noção de parresia.
1. 08/05/2021 (01 aula): Os Cínicos e a noção de parresia.
1. 11/05/2021 (01 aula): Diógenes de Sínope e o cinismo.
1. 11/05/2021 (01 aula): Leitura de texto e pesquisa (atividade assíncrona).
1. 13/05/2021 (01 aula): Filosofia Política: Conceitos, objetos de investigação e problemas.
1. 13/05/2021 (01 aula): Filosofia Política: Conceitos, objetos de investigação e problemas. Vídeo complementar, link: <https://www.youtube.com/watch?v=4SslibvOETE>
1. 18/05/2021 (01 aula): A análise das formas de governo em Platão.
1. 18/05/2021 (01 aula): Pesquisa Livro VIII da República de Platão
1. 20/05/2021 (01 aula): A República do Rei Filósofo.
1. 20/05/2021 (01 aula): Análise de texto e pesquisa.
1. 22/05/2021 (01 aula): A tipologia das formas de governo em Aristóteles.
1. 22/05/2021 (01 aula): Aristóteles, Platão e a crítica à Democracia.
1. 25/05/2021 (01 aula): Maquiavel e o Realismo Político.
1. 25/05/2021 (01 aula): Maquiavel: Virtú e Fortuna.
1. 27/05/2021 (01 aula): O estado de natureza e a Sociedade Civil no pensamento Contratualista Moderno.
1. 27/05/2021(01 aula): Pensadores contratualistas da Modernidade: Hobbes, Locke e Rousseau.
1. 01/06/2021 (01 aula): John Locke: estado de natureza e sociedade civil.
1. 01/06/2021 (01 aula): John Locke: estado de natureza e sociedade civil.
1. 08/06/2021 (01 aula): Thomas Hobbes, O Leviatã e o modelo de Estado Absolutista.

O curso integrado é dividido em três unidades durante o ano letivo. No segundo ano, trabalhamos com Teoria do Conhecimento/Epistemologia na Unidade II, Ética na Unidade II e Fil. Política na Unidade III.

Para desenvolver esses temas, utilizamos como base excertos do repertório conceitual de autores clássicos relacionados ao objeto tratado. Ao mesmo tempo, buscamos explicitar os fundamentos dos discursos que tomamos como referência para que o trabalho com a Filosofia não seja de cunho somente informacional, no sentido de um relato sobre a obra do pensador, mas acompanhado de uma análise

do raciocínio do qual resultou aquele discurso. Em alguma medida, também realizamos um esforço interpretativo dos conceitos e discursos em questão.

A concepção que orientou a criação dos vídeos que utilizamos como incremento didático foi multifacetada. Inicialmente, replicamos nos vídeos um modelo de discurso, sobre o tema filosófico tratado, muito próximo daquilo que fazíamos em sala de aula. O roteiro era construído a partir da análise dos planos de aula e dos slides utilizados em outros momentos de aulas expositivas. Posteriormente, fazendo a escuta dos alunos em relação à forma como eles estavam recepcionando esta natureza de atividade, fizemos algumas reformulações, principalmente no sentido dar às narrativas um caráter mais multimídia, ou seja, enriquecer as apresentações com a presença de outras linguagens além do discurso tradicional do professor ao qual os estudantes estavam habituados a acompanhar. Paulatinamente, a imagem do docente que, era predominante nos vídeos, foi sendo substituída por textos, fotos e recursos de áudio, de forma que se produzisse a sensação no espectador de que a estratégia didática que estávamos adotando não se resumia a uma replicação em formato de vídeo daquilo que se fazia em sala de aula ou nas transmissões síncronas através do Google Meet. Também passamos a elaborar vídeos a partir de roteiros específicos.

À medida que a criação de vídeos com a finalidade de trazer um incremento didático próximo da realidade dos alunos Nativos Digitais foi avançando, fiquei com a sensação de que se estabelecia uma relação entre nós muito distinta daquela que se realizava em sala de aula. A disposição de espírito que se tem diante de outras pessoas em uma sala física, na qual podemos observar reações instantâneas e um vínculo dialético, assume um outro caráter quando nos imbuímos dessa tarefa de criar vídeos com a finalidade didática. Em um trabalho solitário, diante do computador e do celular, fui desenvolvendo outra atitude em relação aos conteúdos e temas que eu estava abordando que não era mais só a de professor, mas também de comunicador. Para fazer tal afirmação, parto da ideia de que estamos falando de dinâmicas muito diferentes quando comparamos o que fazemos em sala de aula e uma criação em formato digital, uma experiência que acontece por uma tela.

Enquanto na escola temos a ambientação pautada pelo aqui e agora, a observação das reações e o fato de cada aula ser única, a interação a partir das telas é padronizada para todos os alunos. Nesse sentido, buscamos formas de afetar e

sensibilizar o estudante para o conteúdo trabalhado a partir de outros elementos estéticos que não encontramos em sala. Para tanto, as imagens utilizadas nos vídeos, além de estarem associadas ao assunto, traziam aspectos como a beleza e detalhes com a capacidade de despertar a curiosidade e prender a atenção. A música escolhida como plano de fundo, ajuda a quebrar a monotonia ou o enfado de uma explicação muito longa ou de compreensão desafiadora. O uso de legendas, citações, transições para demarcar uma mudança de tópico ou assunto, tudo isso está a serviço da construção de um modelo de discurso alternativo, muito potente do ponto de vista estético e próximo da realidade dos Nativos Digitais.

Os vídeos foram disponibilizados para os alunos paulatinamente, ao passo que o programa da disciplina de Filosofia avançava. Inicialmente, não sabíamos o formato ideal a ser aplicado na elaboração do conteúdo digital. Havia tanto as limitações técnicas, ou seja, a necessidade da devida ambientação com as ferramentas utilizadas por parte do docente, quanto a dificuldade de fazer uso de um modelo de discurso curto, direto e sucinto, característico de um material que é hospedado em redes sociais. A primeira dificuldade foi solucionada por cursos rápidos, em plataformas como a Udemy⁵⁵. Embora existam muitos tutoriais no YouTube que se proponham a ensinar como podemos utilizar recursos e ferramentas digitais de edição de vídeo, áudio, roteirização de vídeo, como gravar com o celular, dentre outras aplicações tecnológicas, os cursos rápidos foram muito mais eficazes, pois normalmente eram direcionados para um público leigo e ministrados por profissionais ou pessoas com alguma experiência no uso de recursos digitais para finalidades bem específicas.

É possível, ao acompanhar a sequência didática que já mencionamos, perceber o a evolução do trabalho tanto no aspecto formativo para a criação dos vídeos quanto no uso das ferramentas digitais envolvidas nesse processo. Os primeiros materiais são bem simples e foram confeccionados utilizando apenas a câmera e o microfone do celular e editados com o aplicativo Movavi⁵⁶ versão 2020 para computador, o que

⁵⁵ A Udemy é uma plataforma de cursos on-line, que conta, atualmente, com mais de 183.000 cursos e 40 milhões de alunos, de acordo com informações disponíveis no site da própria empresa. (Disponível em: <https://www.udemy.com/pt/>. Acesso em: 14 fev. 2022).

⁵⁶ O Movavi Vídeo Editor 2020 foi escolhido pelo fato de ser um aplicativo de edição bastante intuitivo e com ferramentas simples se comparado com outros editores de vídeo conhecidos. A questão do valor para a aquisição da versão paga do aplicativo também influenciou essa opção. Muito embora também esteja disponível gratuitamente, a alternativa paga desse aplicativo oferece um leque de recursos muito maior do que a gratuita, o que facilita e potencializa o trabalho, principalmente, para que não tem muita

permitia a inserção de legendas, imagens, esquemas explicativos, música e transições animadas nos vídeos. Quando os primeiros vídeos foram disponibilizados aos alunos, tomamos o cuidado de avaliar a eficácia e a adequação deles tanto como instrumento didático quanto em relação à linguagem que eles estavam acostumados ao buscar recursos digitais para fins de instrução. Como essa estratégia didática era nova para mim, os ajustes e os refinamentos foram implementados com o auxílio dos alunos.

Os estudantes contribuíram, principalmente, pelo retorno em forma de críticas e sugestões. É possível notar essa evolução ao analisar a sequência de vídeos apresentados como material de apoio para as turmas de 2º ano. A escuta da opinião dos alunos permitiu a melhoria técnica e didática das produções. A técnica foi usada no sentido de inserir incrementos, como a utilização de outros recursos e aplicativos nos vídeos, desde a opção de colocar uma música de fundo até a associação de recursos de design mais sofisticados, como os encontrados no Canva, uma plataforma de design gráfico on-line.

As melhorias didáticas ocorreram a partir de sugestões mais finas como a de tornar os vídeos dinâmicos, fator que é de grande relevância para o nosso trabalho de investigação em curso, considerando a questão da retenção da atenção do aluno, vídeos em resposta a questionamentos que surgiam nos grupos de WhatsApp da turma e descobertas inusitadas como a de que parte dos estudantes ao invés de assistirem os vídeos, ouvia-os. Esse último detalhe, por exemplo, incentivou a elaboração de vídeos que o docente não precisa aparecer com a sua imagem necessariamente. A figura do professor exposta exaustivamente na tela, remete-se à sensação de uma aula tradicional. O uso de imagens diversas, recursos gráficos com tópicos, textos, transições, dentre outros elementos de natureza semelhante, fazem com que o estudante seja transportado para um cenário distinto daquele que encontramos na sala de aula para outro que faz uso de uma linguagem e recursos comunicativos multimídia, com os quais eles estão familiarizados.

Nota-se que, nesse processo de construção de saberes a partir da experiência prática, estabeleceu-se uma relação dialética, cujo conteúdo é disponibilizado pelo professor e o aluno contribui com contrapontos, enriquecendo o produto didático

digital. Essa constatação reforça o ponto de vista de Orozco Gómez (2014) sobre o papel das audiências⁵⁷, que antes participavam em uma condição passiva, sem interferência no conteúdo que era produzido e veiculado, mas que, recentemente, passaram a atuar também como interlocutores e criadores:

Para a educomunicação, focalizada historicamente em modificar a interpretação dos produtos midiáticos feita pelas audiências, o desafio contemporâneo maior é, agora também e principalmente, formar as audiências para assumirem-se como emissores e interlocutores reais, não somente simbólicos dos meios e dos demais produtos intercambiados nas redes sociais. Se antes foi fundamental formar para recepção, agora é imprescindível formar também para a emissão e produção criativas. Isso visa tornar realidade essa cultura de participação que as redes sociais estimulam e possibilitam, mas que a maioria das audiências, pelo menos nos países ibero-americanos, ainda não assume plenamente. Os novos participantes na comunicação têm de aprender a ser comunicadores. E isso é um desafio complexo, político, cultural e socioeconômico, mas que começa com a comunicação e a educação (GÓMEZ, 2014, p. 33).

Um vídeo instrucional que pode ser hospedado nas plataformas, tem o potencial de sintetizar um discurso em que se pode ver, ouvir, ler, participar, interagir, reformular, criticar e validar. Tais características desse recurso didático, para a disciplina de Filosofia, que já recebeu alcunhas como enfadonha, chata, cansativa, dentre outras de mesma natureza, configuram-se como um incremento pedagógico muito valioso para os alunos Nativos Digitais. Na experiência que realizamos com os alunos do 2º ano do IFBA - Barreiras, esse potencial ficou muito claro e a escolha pela estratégia se mostrou acertada em relação aos objetivos que pretendíamos alcançar. A percepção que tivemos foi que o nível de participação dos alunos aumentou bastante em relação ao modelo presencial. Eu não saberia precisar se essa mudança de comportamento aconteceu exclusivamente em decorrência do uso de ferramentas digitais de forma mais intensa no processo de ensino da disciplina de Filosofia, mas foi um detalhe importante a ser considerado. Pensamos, como hipótese, que esse aumento da interação ocorreu principalmente por causa da ampliação dos canais de comunicação entre aluno e professor via ferramentas digitais.

Além dos comentários e dúvidas que surgiam nos vídeos disponibilizados no YouTube, em um canal criado com uma conta institucional, tínhamos também um

⁵⁷ Nos referimos à audiência como receptores de uma mensagem, o que pode ser tanto aquele que está na condição de expectador de um meio de comunicação tradicional, de redes sociais e, no nosso caso concreto, o conteúdo digital que elaboramos com a finalidade didática.

grupo do WhatsApp para cada turma. Nesses grupos, compartilhávamos links para os vídeos que criávamos, apostilas em formato digital, avisos, orientações e funcionava como fórum de debates sobre os conteúdos das aulas síncronas e materiais ofertados na nuvem. É importante pontuar esse aspecto, porque um dos objetivos da nossa investigação foi a realização de um inventário de aplicativos e ferramentas que poderiam estar a serviço do ensino da Filosofia com Nativos Digitais. Não estamos falando só de um instrumento, no caso, o uso de vídeos, mas de um ecossistema de recursos digitais que podem ser empregados para potencializar o ensino de Filosofia⁵⁸.

Podemos afirmar, a partir do caso concreto, que as ferramentas digitais são elementos essenciais nas estratégias de ensino de Filosofia para os alunos Nativos Digitais do IFBA - Campus Barreiras no cenário atual. Não queremos universalizar essa afirmação a todas as situações de ensino da nossa disciplina em outros contextos, como o que encontramos na universidade ou o que é realizado em escolas com outras configurações didáticas e sociais. O que pudemos observar, de fato, comparando um momento sem a utilização desses recursos e em um momento seguinte, com tais ferramentas, foi um aumento considerável da interação, participação e interesse pelos temas filosóficos. Não apresentamos uma “outra filosofia” aos estudantes, considerando que já há alguns anos utilizamos o mesmo programa e trabalhamos com os mesmos conteúdos e temas. As alterações e as intervenções que fizemos residem no terreno da forma, ou seja, uma outra maneira incremental de apresentar a Filosofia aos estudantes a partir de um universo de artefatos e linguagens que são familiares a eles. Dessa forma, ficamos com a sensação de “estar jogando um jogo” com as mesmas regras e falando o mesmo idioma deles, estabelecendo, assim, um diálogo mais próximo entre os nossos alunos Nativos Digitais e a Filosofia.

A criação de vídeos como estratégia didática permite uma execução mais direta e concisa do conteúdo planejado. Em um tempo escolar tradicional presencial nós somos condicionados pelo tempo de uma hora aula e uma carga horária final⁵⁹, com

⁵⁸ Nesse sentido, o WhatsApp é uma ferramenta que cumpre muito bem esse papel de ampliar as possibilidades de comunicação, tanto pela sua função original de aplicativo de mensagens, quanto pela capacidade de hospedar arquivos de formatos variados como fotos, vídeos, textos, slides, dentre outros.

⁵⁹ As turmas de 1º, 2º e 3º ano do IFBA - Barreiras possuem uma carga horária de 80h anuais. Cada hora/aula é computada em 45 minutos. No período em que realizamos a estratégia didática, estavam

vídeos em formato digital, sendo o mais importante, abarcar todo o conteúdo. A duração temporal é orientada pelo tempo que um tema é esgotado, um assunto explicado ou uma ideia é debatida. Uma aula de 45 minutos (no caso que estamos tratando, normalmente são dois horários geminados) não pode ser fragmentada. Muitas vezes, o horário de uma aula termina enquanto estamos explanando determinado tópico e os alunos só podem ter contato com a continuação na semana seguinte, o que gera um prejuízo didático, na medida em que esse lapso temporal tão extenso pode ser suficiente para que o aluno esqueça parte do conteúdo tratado na semana anterior. Com os vídeos como estratégia didática, além de uma melhor organização, sequencialidade e divisão clara e objetiva dos tópicos que estão sendo tratados, podemos fracionar o assunto em partes menores para facilitar a compreensão e acompanhamento dele, a exemplo dos famosos “cortes de *podcast*”⁶⁰.

vigentes condições válidas apenas para o período das Atividades de Ensino Não Presenciais Emergenciais (AENPE), que o tempo escolar poderia ser por atividades síncronas ou assíncronas, não delimitando de maneira específica e obrigatória a carga horária que seria destinada para cada forma de ministrar o conteúdo. Sendo assim, tivemos um cenário bem flexível para trabalhar com o vídeo como instrumento pedagógico de maneira assíncrona. Com o retorno das aulas presenciais, outras configurações da mesma estratégia se mostram possíveis. Uma delas é a utilização dos vídeos instrucionais associados a outros formatos de conteúdos digitais com os quais o aluno pode ter contato fora da sala de aula e utilizar o tempo escolar tradicional para a fazer debates ou realizar atividades com a presença do professor para orientar e tirar dúvidas. Essa metodologia ativa é conhecida como “sala de aula invertida”.

⁶⁰ Os famigerados “cortes de *podcast*” são trechos de um vídeo maior hospedado em uma plataforma digital de *streaming*, a exemplo do YouTube. Os *podcasts* são conversas ou entrevistas longas, em que é tratado um determinado assunto ou temas variados. Para otimizar o tempo que o espectador possui para assistir ao vídeo, é comum extrair trechos de um vídeo mais longo, classificando-os de forma temática ou aspectos relevantes da conversa e disponibilizar esses “cortes” na plataforma em formato de outros vídeos menores.

7.15 A avaliação

Consideramos os instrumentos avaliativos como processos de verificação de aprendizagem, ou seja, o que se espera ao final do percurso didático realizado é que o aluno consiga expressar nos trabalhos solicitados pelo professor, que efetivamente se apropriou total ou parcialmente dos conteúdos trabalhados e alcançou os objetivos planejados para a unidade didática. Além do domínio de um certo repertório conceitual, referências e adequação de temas filosóficos e elementos da História da Filosofia, trabalhamos também com o desenvolvimento de certas habilidades e competências, como a cultura da pesquisa, capacidade discursiva, autonomia ao posicionar-se a partir de uma perspectiva filosófica, criticidade, dentre outros aspectos.

Foram realizadas três atividades avaliativas utilizando ferramentas digitais. Esta escolha foi feita porque partimos, desde o início da presente investigação, do pressuposto de que os nossos alunos são nativos digitais, ou seja, indivíduos que cresceram imersos no universo das tecnologias digitais e, portanto, possuem familiaridade com dispositivos tecnológicos e expertise no uso disso.

Utilizaremos como exemplo para a análise uma atividade realizada com alunos do 2º ano dos cursos integrados de informática e edificações. Foram feitas outras avaliações semelhantes, todavia, consideramos que seja redundante discorrer sobre elas separadamente, pelo fato de serem da mesma natureza e com resultados parecidos.

Após as aulas síncronas, as orientações para a leitura e pesquisa e a utilização dos vídeos instrucionais (o material pedagógico de apoio em formato digital), solicitei dos estudantes um trabalho com o seguinte formato, como instrumento de avaliação de aprendizagem:

Tabela 1: Avaliação

“Trabalho em equipe

Data de entrega: 25/05/2021

Proposta do trabalho: Produção de um trabalho em formato digital diverso, no qual o aluno pode utilizar as ferramentas e as linguagens com as quais tiverem mais familiaridade (como: a realização de um *Podcast*, vídeo, publicação em blog ou outra ferramenta de websites, página do Facebook ou Instagram).

Barema:

1) Nota individual, valor: 5,0, distribuída em:

- Demonstrar domínio do tema proposto 2,5
- Participação e interesse: 1,0
- Execução da atividade: 1,5

2) Nota coletiva, valor 5,0.

Valor total: 10,0”

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Apesar de defender a tese de que estamos trabalhando com Nativos Digitais, tivemos o cuidado de conversar com as turmas sobre questões econômicas e culturais que envolvem essas tecnologias. No que tange ao aspecto econômico, sabemos que celulares e outros equipamentos são onerosos e isso poderia causar algum tipo de constrangimento ou acentuar as condições desiguais que existem entre os estudantes. Máquinas com processadores mais potentes e recursos para comprar aplicativos pagos fazem uma grande diferença em relação aos aspectos técnicos do resultado conteúdos digitais. Sendo assim, tomamos o cuidado de deixar bem claro que, nos critérios avaliativos, não estariam incluídos aspectos como a qualidade da imagem do vídeo, áudio e outros recursos que envolvessem qualquer tipo de gasto ou investimento para além da estrutura que eles já possuíam. Do ponto de vista cultural, o acesso a determinadas redes sociais e aplicativos podem provocar uma exposição inadequada dos estudantes, permeando aspectos como cibersegurança, privacidade ou colocar o aluno em contato com conteúdos impróprios para a faixa etária ou que ferissem algum valor construído no seu círculo social mais próximo. Dessa forma, ampliamos o leque de possibilidades para compartilhar/entregar o produto da atividade. Para essa finalidade, utilizamos o WhatsApp, no qual o aluno

poderia disponibilizar o seu trabalho para a turma inteira no grupo com os colegas ou diretamente para o professor, com confirmação de recebimento.

As atividades também poderiam ser entregues via e-mail, hospedadas no Google Drive, no caso dos arquivos maiores, ou enviadas para um espaço reservado para essa finalidade no Google Classroom. Uma alternativa foi a hospedagem das atividades em plataformas e redes sociais. Nesse caso tomamos a precaução de pedir que os alunos consultassem os seus responsáveis sobre a possibilidade ou não de usar essas plataformas. Como se tratava de uma atividade com finalidade didática, interessava somente aos envolvidos no processo, ou seja, o próprio aluno, o professor que precisaria do acesso para avaliá-lo e aos colegas, caso a opção fosse o compartilhamento com a turma.

Existe uma solução que salvaguarda a privacidade dos estudantes, que é a criação de uma conta para a realização do trabalho específico e outras produções durante o curso do ano letivo. No YouTube existe a opção para postar os vídeos com a situação de “não listado”. Isso faz com que apenas as pessoas que possuem o link possam acessar o conteúdo. Tanto o Instagram quanto o Facebook contam com configurações de privacidade que apenas aqueles que possuem o status de “amigos” visualizem as publicações. Assim, a ferramenta é utilizada apenas para a finalidade didática nas aulas de filosofia, sem o risco de colocar o aluno em alguma situação inadequada durante a realização das atividades.

No que diz respeito aos resultados percebidos, podemos dividir a experiência em dois aspectos. O primeiro concerne aos objetivos didáticos alcançados. Mesmo diante da variedade de formatos e ferramentas utilizadas para a confecção dos trabalhos, ficaram muito claros os elementos didáticos solicitados no discurso em formato digital construído por eles. A compreensão da proposta, o respeito ao tema, os fundamentos, as referências, o exercício da pesquisa e a capacidade de posicionar-se diante das questões, apareceram nas produções avaliativas. Precisamos fazer uma crítica a um detalhe que se evidenciou com alguma frequência nos trabalhos. Em muitos casos, o estudante aparentava estar lendo no vídeo e nas avaliações em formato de áudio. Também notei que nas postagens realizadas em blogs e no Instagram, alguns textos não pareciam autorais. Todavia, a montagem e a pesquisa estavam adequadas à proposta e respondiam às perguntas que foram colocadas para nortear a atividade. Optamos por não tomar atitudes punitivas e

aproveitamos o ensejo para discutir questões relacionadas à autoria e plágio. Consideramos também esse fato um gatilho pedagógico, porque alguns estudantes afirmaram que não compreendiam a pesquisa como um processo de instrução prévia, mas como uma compilação de informações que seriam disponibilizadas ao professor sobre o tema. Sendo assim, o equívoco contribuiu para a correção e o aprimoramento desta habilidade que consideramos muito relevante para o ensino da filosofia, pois se trata de uma atividade que tem por fim a busca de premissas e de fundamentos para os pontos de vista que se pretende defender.

Outros aspectos que devem ser observados, além do cumprimento dos objetivos didáticos, foram a linguagem e os recursos utilizados pelos alunos para a realização da atividade. Em alguns vídeos, pudemos perceber uma estratégia de mimetização de trejeitos e maneiras próprias de influenciadores famosos, como, por exemplo começar o discurso com aquela frase “olá, tudo bem com vocês?”, para, em seguida, começar a apresentação. Alguns preferiram não aparecer, mesmo sendo um trabalho em equipe, o que é compreensível e legítimo, considerando que um dos princípios que nortearam o trabalho foi o de criar condições para que nenhum estudante se sentisse obrigado a fazer qualquer coisa que lhe deixasse em uma situação desconfortável.

Ficou perceptível também que as habilidades, conhecimentos e recursos utilizados por eles eram bastante heterogêneos. Tiveram trabalhos nos quais era possível perceber um processo de edição do conteúdo muito qualificada, enquanto outros se resumiram a fazer a colagem dos discursos que cada aluno fez separadamente. À medida que vamos utilizando esses recursos e equipamentos percebemos que algumas produções só podem ser realizadas com ferramentas específicas, muitas delas pagas. Foi possível identificar que uma parte pequena dos alunos possui acesso a esses meios digitais mais sofisticados, ao observar vídeos de alta qualidade e sem marca d'água na tela, áudios impecáveis, recursos gráficos e expertise relativamente acentuada no manejo dessas tecnologias.

Um ponto muito positivo que se evidenciou durante o desenvolvimento e a culminância da atividade, foi a questão lúdica que permeava o processo. Os estudantes, a julgar pelas consultas realizadas com o professor sobre a feitura do trabalho e as manifestações ao término, mostraram-se entusiasmados com o contexto da avaliação. Percebemos uma disposição muito diferente daquela que ocorria para

fazer uma prova ou trabalho escrito. Criou-se um clima muito descontraído e confortável que, inclusive, os aproximou mais da disciplina de Filosofia. Reiteramos que esse elemento é de extrema relevância para aproximar o aluno dos temas filosóficos, muitas vezes apresentados de maneira sisuda e austera.

Diante disso, a análise das avaliações permitiu compreender a forma como eles utilizavam essas ferramentas, a linguagem empregada pelos estudantes, as estratégias e habilidades digitais orgânicas que emergiram a partir da prática deles, oferecendo uma base de informações e referências muito ricas para posteriores intervenções, dessa vez mais adequadas e consoantes com o modo de aprender de comunicar-se dos Nativos Digitais.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação permitiu a compreensão com maior acuidade sobre as possibilidades de ensinar Filosofia para estudantes que nasceram e cresceram em um mundo imerso em tecnologias digitais. Não foi objeto de pesquisa a busca da melhor concepção de Filosofia realizada em sala de aula, mas encontrar uma forma didática complementar àquela que já praticávamos, de acordo com os conhecimentos, preferências, capacidades e as orientações dos documentos institucionais que regulam a nossa prática no IFBA - Barreiras, porém, mediada pelas ferramentas digitais que já faziam parte do cotidiano dos nossos alunos.

A estratégia didática empregada como produto da pesquisa que realizamos é uma depuração possível diante de um leque muito amplo de possibilidades do universo das metodologias ativas e do repertório de ferramentas digitais que podem contribuir no ensino da Filosofia para as gerações mais recentes.

Para a disciplina de Filosofia, a participação do aluno na elaboração do conteúdo digital de apoio ao ensino é de grande valia. O retorno que muitas vezes não acontece nas aulas presenciais ocorreu com alguma intensidade no modelo de ensino online com ferramentas digitais. Uma sala física com dezenas de alunos é um fator inibidor para estudantes mais tímidos ou que não gostam de aparecer, fazerem perguntas e colocações. Não queremos afirmar, contudo, que o ambiente virtual é mais apropriado ou eficaz para o ensino da Filosofia, mas apenas que a natureza da mídia digital colabora para esse tipo de intervenção por parte do aluno. Podemos reforçar essa característica, ou seja, a de que a comunicação por meios digitais deixa o aluno mais confortável para opinar, sem correr o risco de expor-se, observando a dinâmica de aulas síncronas com a ferramenta Google Meet.

Na maioria dos encontros realizados com esse aplicativo, o cenário que tínhamos era o de uma tela que aparecia a imagem do professor em um dos quadros, enquanto os alunos permaneciam com a câmera desligada. Nesse contexto, a comunicação pelo chat do aplicativo permitia a correção do roteiro da aula, o esclarecimento de dúvidas e funcionava como um instrumento de avaliação da atividade que realizávamos a partir das opiniões e comentários dos alunos em tempo real, ou seja, a resposta imediata ao trabalho que normalmente não temos nas aulas presenciais.

O ensino e a difusão da Filosofia sempre aconteceram de forma multifacetada, realizado com os mais diversos instrumentos. Cada época e cada concepção de sujeito pertencente a um tempo histórico específico, aprendia e apropriava-se da Filosofia pelos recursos, técnicas e métodos disponíveis.

Acreditamos que defendermos a importância do docente que trabalha com a Filosofia no Ensino Médio conhecer, apropriar-se e desenvolver habilidades com ferramentas informacionais, inseri-las nas suas práticas didáticas adaptando-as aos seus objetivos pedagógicos é uma forma de integração e aproximação com a realidade do aluno do mundo contemporâneo. Essa é uma relação didática permeada pela abertura para o novo, a reformulação e o rearranjo, características que são da atividade filosófica desde as suas origens.

Ressaltamos que os embaraços causados pelas condições sanitárias adversas que motivaram o afastamento da sala de aula, desvirtuou o cenário de aplicação da intervenção didática proposta inicialmente no projeto da pesquisa e impactou a avaliação com maior precisão dos resultados obtidos. Todavia, parte do repertório de conhecimentos que adquirimos durante o período da investigação do nosso objeto de pesquisa, aliado às habilidades e competências digitais desenvolvidas e incorporadas nas nossas práticas, foram de grande importância no decurso do ensino a distância com as turmas que estavam sob a nossa regência, pois contribuíram de forma bastante relevante com a compreensão desse cenário educacional inédito, bem como permitiram a elaboração de estratégias de ensino que se mostraram eficientes ao final do processo.

Os estudantes tiveram um papel muito importante no desenvolvimento, elaboração e implementação do produto resultante do desta pesquisa. Ao partir da hipótese, que, posteriormente, mostrou-se acertada, a de que estávamos trabalhando com “Nativos Digitais”, foi possível estruturar uma valiosa base de dados e experiências a partir da observação do comportamento deles ao usarem as ferramentas informacionais nas atividades propostas. Além da pesquisa bibliográfica, de cunho teórico, que permitiu a compreensão do contexto digital que vivemos atualmente, as práticas dos estudantes, como a linguagem, as ferramentas que elegiam para realizarem uma tarefa específica, a forma como se organizava para comunicar-se, as estratégias utilizadas para evidenciar aquilo que aprenderam ou

pesquisaram, serviram como referência para corrigir a nossa proposta e permitiu a modelagem do produto educacional para atender a realidade deles.

Ainda é incipiente e em estágio inicial o uso de ferramentas digitais no ensino de Filosofia diante do universo de práticas, estratégias e ações que podem ser implementadas por intermédio de tecnologias digitais. A sensibilização, os apelos estéticos, os mecanismos de comunicação mais próximos da geração que nasceu a partir dos anos 2000, a ubiquidade própria dos meios digitais, que permite que as ideias e os discursos não estejam represados apenas na sala de aula e nos livros, contribui para estimular e fomentar o gosto pela investigação filosófica, principalmente entre os mais jovens. Há um estado de descentralização do ato de filosofar, que antes estava relacionado a lugares específicos (mosteiros, escolas, universidades, dentre outros) e pessoas (professores, pesquisadores e eruditos) e agora está disponível não somente para nossos alunos fora do espaço escolar, mas também para qualquer um que tenha acesso à rede e se interesse por esse ramo do saber.

A proposta de utilização de recursos didáticos de natureza informacional como incremento ao trabalho que é realizado em sala de aula. O que pretendemos implementar é uma forma de mediar a Filosofia com o uso de ferramentas digitais. Entendemos que outros discursos também são possíveis, se orientados pelos mesmos princípios e caminhos que percorremos.

Temos ciência e clareza de que o uso do vídeo como ferramenta digital para o ensino da Filosofia é somente uma entre muitas outras estratégias possíveis de se tornarem intervenções didáticas. Muitas opções de uso imediato de instrumentos digitais ficaram evidenciados à medida que a pesquisa foi avançando e as ações foram realizadas. Nessa mesma esteira, já está previsto no nosso planejamento para o ano de 2022 a implementação de uma série de movimentos que são desdobramentos deste trabalho de pesquisa nas nossas práticas didáticas. Pretendemos empregar o vídeo como discurso/ferramenta não apenas na plataforma do YouTube, mas também outras redes sociais como o TikTok e o Instagram. Descobrimos que essas duas últimas são muito utilizadas pelos alunos. Partimos do princípio de que é importante levar a Filosofia para onde está a atenção do estudante. Outra intervenção prevista é um trabalho em parceria como o NAPNE⁶¹ do IFBA - Campus Barreiras. Temos entre os nossos alunos vários estudantes com necessidades especiais, como autistas,

⁶¹ Núcleo de Apoio à Pessoa com Necessidades Específicas.

discentes com baixa visão, cegueira, dentre outras limitações que impedem o processo de inclusão e aprendizado se não forem realizados ajustes pedagógicos para cada um deles. Dessa forma, além do apoio ao ensino que já é oferecido pelo NAPNE, pretendemos desenvolver apostilas, materiais em vídeo, apresentações e planos de estudo personalizados com o auxílio de ferramentas digitais para tornar o conteúdo da disciplina de filosofia mais próximo das necessidades pedagógicas desses estudantes.

Reforçamos a ideia de que não defendemos que o ensino com o uso de ferramentas digitais seja melhor ou mais eficaz do que o ensino tradicional ou analógico. O aparente entusiasmo que pode ser extraído da nossa posição diz respeito à possibilidade de encontrar estratégias, procedimentos e instrumentos valiosos em um território muito pouco explorado. O fato é que o mundo digital já foi apropriado para outras finalidades como o comércio e o entretenimento de forma potente e exuberante, mas utilizado de forma tímida e incipiente para fins educacionais.

Destacamos que as ações e propostas que apresentamos não são definitivas, considerando que as ferramentas tecnológicas estão em processo contínuo de evolução e aprimoramento, trazendo em potência, aplicações e estratégias que desconhecemos atualmente. Entretanto, ciente dessa premissa e de posse de habilidades e ferramentas iniciais, já é possível dar os primeiros passos nesse universo de possibilidades de praticar o ensino de Filosofia que se descortina diante dos nossos olhos.

REFERÊNCIAS

- BACELAR, J. **Apontamentos sobre a história e desenvolvimento da imprensa**. 1999. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/bacelar_apontamentos.pdf. Acesso em: 21 ago. 2020.
- BACICH, Lilian; MORAN, Jose. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BURKE, P. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 44, p. 173-185, jan./abr. 2002. Disponível em: www.revistas.usp.br/eav/article/view/9854/11426. Acesso em: 21 ago. 2020.
- CAMUS, Albert. **O Estrangeiro**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1956.
- CARVALHO, M.; CORNELI, G. **Ensinar Filosofia**. Cuiabá: Central de Texto, 2013. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/401647/1/Filosofia%20e%20forma%C3%A7%C3%A3o_Vol_2.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.
- CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (Orgs.). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política - Conferência**. Belém: Imprensa Nacional, 2005.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. v. 1
- CHIROLLET, Jean-Claude. **Filosofia e Sociedade da Informação**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DEMO, Pedro. **O Porvir: desafio das linguagens do século XXI**. Curitiba: IBPEX, 2007.
- FAVA, Rui. **Trabalho, educação e inteligência artificial: a era do indivíduo versátil**. Porto Alegre. Penso. 2018.
- FAVARETTO, C. A. Sobre o ensino de Filosofia. **Revista da Faculdade de Educação (USP)**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 97-102, jan./jun. 1993.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**, tradução de Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas: Papyrus, 2012.

GÓMEZ, Ángel I Pérez. **Educação na era digital**: a escola educativa. Tradução de Marisa Guedes. Porto Alegre: Penso, 2015.

HARARY, Yuval Noah. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MATOS, J. Filosofando sobre o ensino de filosofia. O que nos faz pensar. **Cadernos do departamento de filosofia da PUC-RIO**, Rio de Janeiro, v. 30, p. 367-382, mar. 2015.

JUPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Hilton Jupiassú e Danilo Marcondes. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?**: novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2011.

LUCE, John Victor. **Curso de filosofia grega**: do século VI a.C ao século III d.C. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2013.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Educação**: recepção midiática, aprendizagens e cidadania. São Paulo: Paulinas, 2014.

PALFREI, John; GASSER, Urs. **Nascidos na Era Digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Grupo A, 2011.

PALHANO, Tânia Rodrigues; BATISTA, Maria das Graças de Almeida. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 3, p. 377-395, Set./Dez. 2017.

PISCHETOLA, Magda. **Inclusão digital e educação**: A nova cultura da sala de aula. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC - Rio, 2016.

PIVA JR, Dilermano, **Sala de aula digital**: uma introdução à cultura digital para educadores. São Paulo: Saraiva 2013.

PLATÃO. **Diálogos**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

PRENSKY, M. Digital Natives Digital Immigrants. *In*: PRENSKY, Marc. **On the Horizon**, Newcastle upon Tyne, v. 9, n. 5, out. 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SIBILIA, Paula. **Redes ou Paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SBP atualiza recomendações sobre saúde de crianças e adolescentes na era digital. **SBP**, 2020. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/sbp-atualiza-recomendacoes-sobre-saude-de-criancas-e-adolescentes-na-era-digital/>. Acesso em: 14 fev. 2022.

TRIVINHO, Eugênio. **A dromocracia cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.

WOJCICKI, Esther. **Moonshots na educação**: ensino híbrido e aprendizagem colaborativa na sala de aula; tradução Thais Costa. São Paulo: Panda Educação, 2019.